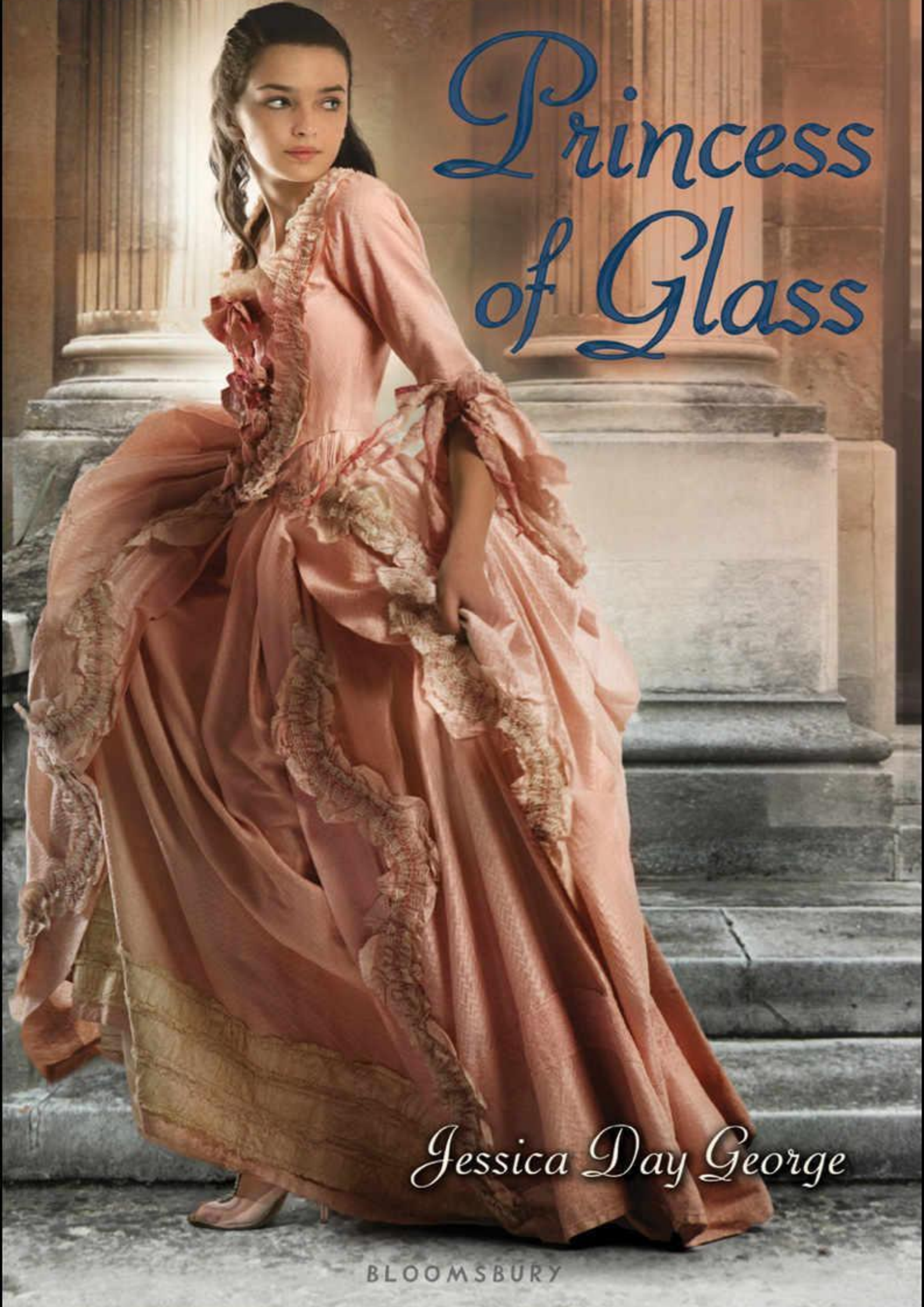

Princess of Glass
Jessica Day George
BLOOMSBURY



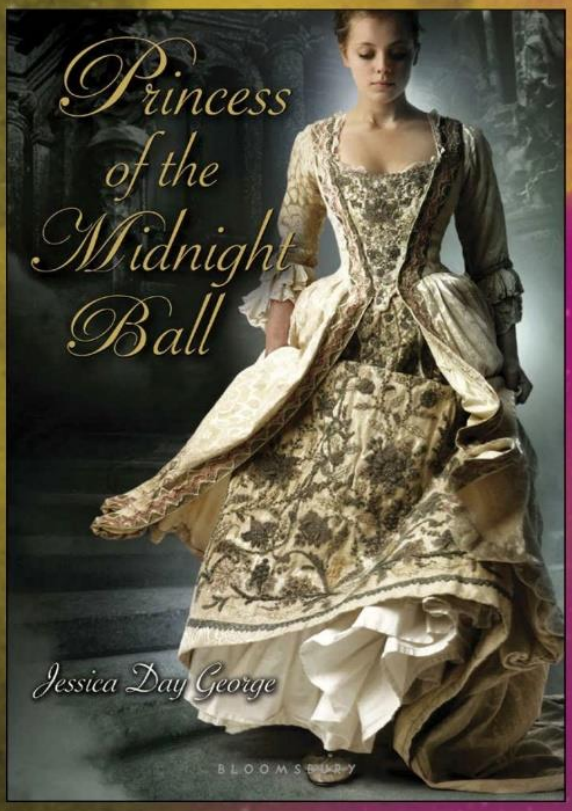
Calíope

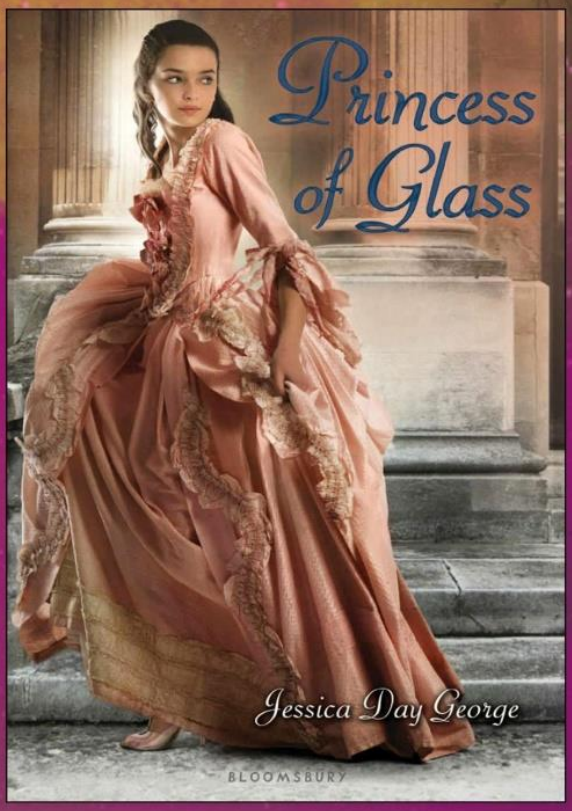
SALEM WITCHES

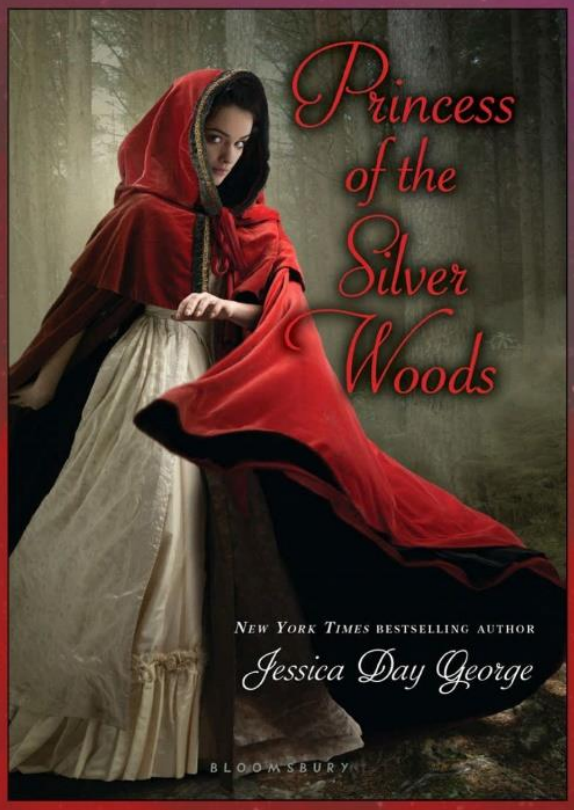
TRADUÇÕES

Twelve Dancing Princesses

Ordem de Leitura







Sinopse

Na esperança de escapar dos problemas em seu reino, a princesa Poppy relutantemente concorda em participar de um programa de intercâmbio, onde jovens príncipes e princesas viajam para os países uns dos outros em nome de melhores alianças políticas e casamentos em potencial.

Tem os ingredientes de um conto de fadas, até que uma serva infeliz chamada Eleanor é enganada por uma fada madrinha vingativa para competir com Poppy pelo príncipe elegível.

Prólogo

— Perfeito — A Corley disse, os lábios esticados em um sorriso. Ela pegou uma panela rasa com vidro derretido e colocou-a no ar sobre sua cabeça. — Sim, tudo será perfeito desta vez.

Ela inclinou a panela um pouco, e o material melado escorregou como uma lâmina verde. Fluía, pálida e liso, para uma bacia e mostrava a Corley uma jovem de olhos azuis e cabelo preto sob um pequeno gorro branco. Ela estava se movendo em um vestido de musselina, com uma expressão sombria no rosto.

— Ela é linda. — Disse a bruxa. — E inteligente. Mas quase... obcecada com sua perda. Perfeito. Ela virá a mim de braços abertos, adorável. E agora para o seu príncipe.

Ela inclinou um pouco a panela, despejando mais vidro líquido, e lá estava ele. Um jovem alto com cabelos dourados claros e olhos azuis profundos, cavalgando um vistoso cavalo cinza por uma rua da cidade. Ao seu redor, as mulheres paravam para suspirar, mas ele seguia em frente, alheio.

— Bonito, mas cego ao seu próprio apelo e muito mais. — A Corley ronronou. — E foi tão fácil trazê-lo aqui.

O espesso líquido verde cintilou e outro rosto apareceu. Cabelo preto emoldurava um rosto com pele de porcelana e grandes olhos violetas. A beleza da jovem só era prejudicada pela carranca que ela usava.

Curiosa, A Corley observou a garota carrancuda ser beijada e abraçada por todo um grupo de outras jovens, claramente todas irmãs. Por último, dois

jovens altos a abraçaram. Um dos rapazes entregou uma bolsa que parecia cheia de novelos de lã com um par de agulhas de tricô afiadas saindo da parte superior. A garota finalmente riu, e o outro rapaz ajudou-a a entrar na carruagem.

— O que é isso, o que é? — A Corley estalou a língua quando o vapor deixou de mostrar a ela. — Outra vindo? Ah, o que! Nada do que eu procuro pode vir facilmente?

— Ainda assim, o que é mais uma garotinha?

Capítulo 1

Hóspede

Alguém batia na porta do quarto, Poppy quase saltou para fora da cama. Ela estava esparramada sobre ela escrevendo, e sua pena deslizou sobre o papel e deixou enormes manchas de tinta na carta para sua irmã gêmea, Daisy.

— Oh, inferno! — Poppy enxugou a tinta com o lenço antes que escorresse do papel e caísse na colcha branca. — Sim? Entre.

Depois de dividir o quarto com sua irmã gêmea e sua irmã Orchid por toda a vida, Poppy não estava acostumada com as pessoas batendo na porta de seu quarto. Nem o silêncio da Mansão Seadown calmante, mas apenas parecia aumentar o mínimo de rangido ou sussurro, até que Poppy pensou que seus nervos nunca iriam se acalmar.

Lady Margaret espiou pelo batente da porta. Ela tinha sido a maior beleza de sua geração, e sua aparência não se desapareceu com a idade. Seu cabelo brilhava como madeira polida e seus grandes olhos castanhos brilhavam. Ela sorriu gentilmente para Poppy, que ainda estava enxugando a carta com seu lenço arruinado.

— Espero não ter assustado você, minha querida.

Anos atrás, Poppy teria dito sim e indignada exibiria a carta arruinada. Mas Rose e Lily, suas irmãs mais velhas, vinham ensinando-lhe tato com grande determinação, então ela balançou a cabeça.

— Nem um pouco. — Respondeu ela. — Eu baguncei esta carta sem qualquer ajuda.

Lady Margaret entrou no quarto. Ela pegou a pena e a tinta de Poppy e colocou na escrivaninha sem fazer comentários. Poppy sentiu uma pontada: ela *deveria* se sentar à mesa para escrever suas cartas, mas era tão difícil quebrar o hábito de relaxar enquanto escrevia.

Lady Margaret virou a elegante poltrona para ficar de frente para a cama e se sentou.

— Marianne me disse que você não deseja ir ao baile dos Thwaites. — Ela disse, sua voz lindamente modulada como sempre.

Poppy refletiu que não era de admirar que ela tivesse sido enviada para Bretanha. Lady Margaret Seadown, prima da falecida mãe de Poppy, era tudo o que havia de elegante e refinado. Poppy suspeitava que seu pai, o rei Gregor, esperava que um pouco da elegância de Lady Margaret passasse para ela.

Lutando contra seu sentimento de pânico com a simples menção de um baile, Poppy assumiu o comando de sua própria voz e disse apenas.

— Sinto muito, prima Margaret, mas eu não danço.

A testa de Lady Margaret franziu delicadamente.

— Mas, minha querida, o desagrado com as sapatilhas de dança... — Ela deixou a pergunta passar.

Poppy estremeceu, cerrando o punho em torno do lenço manchado de tinta. Sim, o *desagrado* com as sapatilhas de dança.

Desde o momento em que ela podia andar até os treze anos de idade, Poppy passava quase todas as noites dançando. Dançar até que os dedos dos

pés sangrassem e suas sapatilhas de cetim estivessem em pedaços, e suas onze irmãs com ela. Até que Galen, agora casado com sua irmã mais velha, Rose, as resgatou da maldição que havia começado com a tola barganha de sua mãe dezenove anos antes.

— Eu *posso* dançar. — Poppy esclareceu. — Mas realmente prefiro não fazer isso. — *Mais uma vez*, ela acrescentou silenciosamente. Rose e Galen às vezes dançavam juntos, no jardim, com um pouco de música improvisada, cortesia de sua irmã Violet. Mas a família real de Westfalin não oferecia nem comparecia a um baile em três anos, embora tivesse banquetes, concertos e festas o suficiente para condizer com seu status.

— Entendo. — Disse Lady Margaret.

Mas estava claro que ela não entendia. Ninguém entendia. E por mais que Poppy gostasse da elegante prima de sua mãe, ela não conseguia esclarecê-la.

Quando Galen ajudou a libertar sua família, a Igreja estava investigando Poppy e suas irmãs sob a acusação de bruxaria, e nove príncipes estavam mortos. Seu único crime foi tentar resolver o mistério e talvez ganhar uma noiva real, mas o Rei Sob a Pedra, a criatura horrível com quem a mãe de Poppy tinha feito seu trato, matou todos eles. Desde então, todos concordaram, que o rei Gregor, as irmãs e Galen, que nenhum deles falaria sobre a maldição ou sobre o Rei Sob a Pedra novamente.

— Mas, minha querida. — Lady Margaret continuou. — Por favor, considere ir ao baile, mesmo se você não dançar. Os Thwaite são charmosos e suas ocasiões sociais estão no auge da moda. Haverá música e comida maravilhosas, e muitos jovens excelentes para você conhecer. E eu odeio ter você definhando em casa sozinha enquanto nos divertimos. — Ela fez uma

careta. — Eu ficaria em casa com você, mas Marianne ficará com o coração partido se ela não puder comparecer, e devo acompanhá-la.

Poppy teve que pensar sobre isso por um tempo.

Muito tempo.

Ela não foi dada a voltas temerosa ou ataques de capricho como algumas meninas (incluindo várias de suas irmãs). Mas a maior parte de sua vida tinha sido um pesadelo de noites sem dormir sem fim dançando nos braços do filho meio mortal de um rei meio mortal. Ela não tinha memórias felizes de bailes.

Mas ela não permitiria que o medo antigo governasse sua vida, decidiu. Durante as três semanas em que esteve em Bretanha, os Seadowns foram convidados para nada menos que sete bailes e recusaram todos porque não queriam que sua convidada se sentisse abandonada. Ela não podia, em sã consciência, pedir-lhes que desistissem de outro convite só porque estava se sentindo saudosa. Ela tinha quase certeza de que os Thwaites não eram a encarnação do mal e não tentariam sequestrá-la. Ela iria e se divertiria.

Mesmo que ela não pudesse dançar.

Poppy percebeu que estava prendendo a respiração e soltou agora em um sopro.

— Eu vou. — disse ela a Lady Margaret. — Obrigada por entender se eu não dançar, no entanto.

— Claro que sim, minha querida. — Lady Margaret sorriu radiante e deu um tapinha na mão de Poppy. — Vou contar a Marianne e a Richard. Teremos um jantar e então Gabrielle a ajudará a se vestir.

Ela saiu do quarto e Poppy colocou de lado o lenço e a carta em ruínas. Ela escreveria para Daisy mais tarde. Por enquanto, abriu seu guarda-roupa e tirou dois vestidos do fundo. Sua irmã mais velha, Rose, mandou fazer para ela.

— Você vai precisar de vestidos de baile. — Rose insistiu.

— Não vou a nenhum baile. — Objetou Poppy.

— Você pode se surpreender. — Galen disse. — Você terá amigos, você vai querer ir a um baile com eles... — Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente enquanto tricotava com das minúsculas agulhas de madeira e um fio que era pouco mais grosso do que um barbante.

— Não.

Mas Rose fez as empregadas embalarem os dois vestidos de volta para Poppy. E Poppy nunca deixaria Rose saber que ela estava de repente grata pelos vestidos. Na verdade, Poppy debateu se ela sequer contaria a sua própria irmã gêmea que tinha ido a um baile. Daisy praticamente tinha ataques histéricos quando a irmã delas, Violet, tocava a *valsa* no piano.

As jovens Bretanhaer vestiam branco na maioria das ocasiões formais, o que fazia Poppy se sentir um cadáver. A Intrometida Rose, sabendo disso, mandou fazer esses vestidos de fina musselina branca com faixas de cetim de uma cor diferente por baixo. Uma das combinações era roxa, que a musselina branca suavizou para lilás, a outra era de um azul rico atenuado em um tom mais escuro sobre o vestido. Havia bordados delicados em torno das bainhas e decotes para combinar com a saia. Poppy colocou o vestido lilás sobre a cama (depois de verificar se não havia derramado tinta na colcha) e desceu as escadas. De repente com fome, ela queria saber quando seria o jantar mais cedo.

Capítulo 2

Príncipe

O príncipe Christian cavalgava com os olhos focados à frente. Contanto que ele não fizesse contato visual com nenhuma das garotas nas ruas de Damerhavn para vê-lo passar, elas não fariam nada estúpido.

Como fingir desmaiar sob os cascos de seu cavalo.

Ou jogar um lenço nele, esperando que ele o guardasse como lembrança.

A última vez que isso aconteceu, seu cavalo se assustou ao ver a coisa branca esvoaçante, e Christian quase foi jogado nos braços de uma horda de jovens esperançosas. Ele queria cavalgar, precisava sair do palácio e ficar longe de seus pais e tutores, mas nunca era tão relaxante quanto ele esperava que fosse.

Hoje ele estava ainda mais distraído do que de costume. No caminho para os estábulos, seu pai saiu do escritório e fez Christian prometer que falaria com ele imediatamente após seu retorno.

Christian estendeu sua jornada diária para ganhar tempo.

Com um suspiro, ele viu pelo ângulo do sol que se não voltasse ao palácio logo seu pai enviaria soldados para procurá-lo. Não porque ele fosse um prisioneiro, mas porque os pais de Christian o amavam, cuidavam dele e se preocupavam com sua segurança.

Constantemente.

— Você está vivo hoje porque nós o protegemos. — O Rei Karl gostava de dizer quando Christian acusava seus pais de serem superprotetores. — Imagine se tivéssemos enviado você para Westfalin e você tivesse sua alma sugada por aquelas garotas horríveis!

Mencionar isso sempre deixava Christian desconfortável. Quando o rei de Westfalin implorou a um príncipe que ajudasse a resolver o mistério por trás das sapatilhas de dança gastas das princesas, Christian ficou ansioso para ir. Seus pais, porém, não permitiram. Desde o início eles tinham certeza de que magia negra estava envolvida, e quando chegaram os relatos de príncipes fracassados morrendo em estranhos acidentes, o rei Karl colocou Christian em prisão domiciliar. Nenhum filho dele escaparia para Westfalin e tentaria se meter com aquelas *garotas amaldiçoadas*.

Não que Christian quisesse se casar. Afinal, ele tinha apenas quinze anos na época. Mas ele nunca tinha saído de Danelaw, e tudo parecia uma grande aventura. No final, foi um soldado comum que resolveu o mistério e acabou sendo nomeado cavaleiro e casado com a princesa mais velha. O intrépido sujeito havia resolvido o problema usando uma agulha de bordar ou alguma coisa estranha, mas Christian duvidava dessa parte da história.

De volta ao palácio, Christian cuidou de seu cavalo, ainda tentando adiar essa conversa. Então ele teve que sair e trocar suas roupas de montaria, lavar o rosto e pentear o cabelo, que precisava ser cortado, ele notou, e encontrar seu pai. Afinal, o rei não estava em seu escritório, mas no telhado do palácio, onde um telescópio fora montado ao lado do mastro com a bandeira real.

— Vê isso? — O rei Karl apontou o telescópio[1] para o porto e gesticulou para que Christian olhasse através dele.

Ele olhou.

— É o porto. — Disse ele.

— Eu sei que é o porto, Christian. — Seu pai disse pacientemente. — Olhe para os navios nele.

— Dois de nossos artilheiros da marinha e um comerciante de Norskland. — Relatou Christian, sem saber ao certo aonde seu pai queria chegar com tudo isso.

— E ali, à esquerda do navio Norske?

— Parece um da Bretanha. — Christian se afastou da lente para piscar por um momento, então olhou novamente. — Sim, um da Bretanha. Marinha Real, na verdade.

— Muito bom. — O Rei Karl acenou com a cabeça em aprovação. — Ontem recebi o embaixador. Parece que o Rei Rupert tem algumas ideias sobre o futuro de Ionia. — Karl deu uma risadinha. — Engraçado, não é? Quando Bretanha está indo bem, eles são uma ilha em si mesmos, mas se houver alguma inquietação, de repente todas as nações da Ionia precisam se unir.

Não sabendo como responder a isso, Christian simplesmente continuou a olhar para o porto através do telescópio. Uma sensação de aperto no seu estômago estava crescendo, entretanto, e ele sabia que de alguma forma as notícias da Bretanha o envolviam.

— A guerra de Westfalin com Analousia não foi uma coisa bonita. — Continuou o rei Karl. — Custou muitas vidas e causou muito mal-estar entre ex-aliados. Então havia aquele assunto com o bando das filhas de Gregor e aqueles príncipes idiotas morrendo a torto e a direito.

As princesas Westfalianas novamente. A nuca de Christian se arrepiou.

— Muitas alianças antigas precisam ser renovadas. — Dizia seu pai. — Rupert está muito preocupado com isso, e eu sei que Francesco da Espanha

está falando sobre a mesma coisa há algum tempo. Algumas visitas oficiais de estado e troca de presentes não seriam negligentes.

— Você quer que eu envie um presente para o Príncipe George? — Christian já havia conhecido o herdeiro do trono da Bretanha uma vez, e ele era um homem bom, embora obcecado demais com a caça à raposa. Christian encolheu os ombros. — Eu poderia enviar a ele um novo chicote ou algo assim.

Mas seu pai estava balançando a cabeça.

— Bem. — Rei Karl fez uma pausa. — Suponho que se você quisesse levar um presente para George, você poderia. Mas não é exatamente isso que temos em mente.

O coração de Christian disparou.

— *Levar* um presente? Você quer que eu vá para a *Bretanha*? — Christian deixou escapar a pergunta, incrédulo.

O Rei Karl assentiu, parecendo desconfortável.

Com a boca aberta, Christian olhou para seu pai. Ele tinha estado na Bretanha uma vez, quando criança, e uma vez em Analousia antes da guerra, mas desde então ele teve que lutar até mesmo para deixar os jardins do palácio. Agora seu pai queria mandá-lo para Bretanha?

— Por quê? Porque agora?

— Porque nós devemos. — Rei Karl disse simplesmente. — Como eu disse, desde a guerra, as coisas não têm estado bem entre as nações da Ionia, e as princesas de Westfalen não fizeram nada para melhorar isso. É hora de provar aos nossos vizinhos que confiamos uns nos outros...

Christian interrompeu.

— Nós?

Seu pai parecia sombrio.

— Nós fingimos que sim. — Disse ele. — E fingimos que não estamos todos pensando a mesma coisa: que a morte de tantos príncipes deixou muitos países em um estado de vulnerabilidade. Nem todos aqueles pobres meninos eram segundos filhos, você sabe. Helvetia enviou seu único herdeiro, o próximo da fila é o filho de um primo. A menos que Markus decida assumir a liderança de Westfalin e declarar sua filha e seu futuro marido co-governantes.

Franzindo a testa, Christian perguntou

— Com quem ela vai se casar? — Seus tutores haviam ensinado os nomes de todas as famílias reais de Ionia, mas sempre parecia que havia tantas princesas jovens que seus nomes se confundiam em sua mente.

— Ninguém ainda, e é isso que torna o pequeno plano do rei Rupert tão perfeito. Vamos trocar nossos filhos e filhas por um tempo: mandando você para Bretanha enquanto o rei George vai para Analousia, e o pequeno Príncipe Henri de Analousia vem aqui. Ostensivamente, é para fazer amigos com a próxima geração, mas vai um pouco mais fundo e é um grande esquema de casamento.

— O quê?

— Isso mesmo. — O rei Karl riu. — Pense nisso: George partirá para Analousia logo depois de você chegar a Bretanha, e então você estará à mercê de suas irmãs e primas. Você vai voltar aqui para as férias com sua família, sua mãe bateu pé contra isso. Mas depois do Ano Novo, talvez você visite Espanha ou La Belge, acabamos de enviar um mensageiro. Há várias damas adoráveis nessas cortes também, e você, meu filho, está em uma idade em que deveria estar pensando em uma aliança real.

Christian sentiu como se seu mundo estivesse caindo sob ele. No espaço de algumas horas, ele deixou de se sentir sufocado por seus pais e passou a ser jogado aos lobos, por assim dizer. Ele estaria sozinho em um país estranho,

com a expectativa de conversar, flertar e possivelmente até mesmo se casar com alguma princesa boba.

E se ele falhasse, outra guerra poderia estourar.

Não era nem remotamente o que ele pensava que seu pai queria falar. Christian deu um tapa na lateral do telescópio e observou-o girar em seu tripé. Ele estava sendo oferecido uma aventura, mas era uma que queria embarcar? Não haveria batalhas para travar a cavalo e com o rifle na mão, apenas festas e bailes à fantasia.

O olhar do rei Karl se suavizou e ele colocou uma das mãos no ombro do jovem.

— Filho, precisamos que você faça isso. Você sabe que sua mãe e eu sempre tentamos mantê-lo seguro. — Sua voz tornou-se áspera e ele soltou uma risada. — Tudo bem, nós nos preocupamos como uma galinha com um novo pintinho. Mas é porque você é nosso único filho e nós o amamos. Mandar um herdeiro para uma terra estrangeira nunca é uma coisa fácil, mas suas irmãs são muito jovens. Sua mãe e eu, bem, passamos a noite inteira discutindo sobre o que fazer. E achamos que isso é a coisa certa. — Karl baixou os olhos por um momento. — Se você não conseguir ir, nós faremos outros arranjos. — O rei fez uma careta.

Era reconfortante saber que essa não foi uma decisão fácil para seus pais. Por um breve e selvagem momento, Christian se perguntou se eles queriam se livrar dele afinal.

Mas, finalmente, ele estava tendo uma chance de viajar! Mesmo que não fosse onde ou como ele havia sonhado, era melhor do que nada.

— Eu vou. — Disse Christian.

Seu pai deu-lhe um abraço rápido e rude.

— Bom rapaz.

Capítulo 3

Baile

Poppy lamentou sua decisão de vir para o baile assim que entrou mansão dos Thwaites. A dança já havia começado e a música descia pelas escadas, fazendo Marianne agarrar o braço de Poppy de empolgação. Os Thwaite estavam no topo da escada para receber seus convidados e ficaram maravilhados ao ver Poppy, a misteriosa princesa estrangeira.

— Oh, Vossa Alteza. — Lady Thwaite falou. — Estamos honrados em ter você conosco! Tenho certeza de que seu cartão de dança será preenchido antes que você tenha tempo de se sentar.

Desejando que ela pudesse afundar no chão enquanto os convidados se reuniam no saguão se virando para olhá-la boquiaberta, Poppy apenas balançou a cabeça e sorriu. Então Marianne explodiu com a notícia de que Poppy não dançava, e eles passaram dez minutos explicando que ela não estava doente, e que ela realmente queria ir ao baile, e agradecendo aos seus amáveis anfitriões, até que Poppy sentiu que a estava expondo dentes em legítima defesa em vez de sorrir.

Tudo começou de novo quando eles entraram no salão de baile. Um lacaio se apressou para entregar às damas seus cartões de dança e ficou confuso quando Lady Margaret pegou um, Marianne pegou um, mas Poppy não. Elas

encontraram alguns lugares ao longo de uma parede perto de alguns amigos dos Seadown e jovens começaram a vir para assinar seus cartões. Mais uma vez, Poppy teve que recusar qualquer dança, levantando a mão esquerda para mostrar que não tinha nenhum cartão de dança pendurado no pulso enluvado.

— Mas com certeza você abrirá uma exceção para mim. — Disse o filho de um Duque, baixando as pálpebras de maneira sedutora.

— Há algo em seu olho? — Poppy tentou assumir uma expressão solícita.

— Hum... não. — O filho do duque recuou e Poppy lutou contra uma pontada de culpa.

Estava tudo muito bem, ela pensou consigo mesma, dizer que escolher não dançar em um baile não será grande coisa, mas as coisas parecem diferentes quando você chega ao salão de baile. Quando o primeiro parceiro de Marianne a reivindicou, Poppy tentou sorrir e não se sentir desolada. As únicas outras senhoras que não dançavam eram as acompanhantes idosas. Lorde Richard e Lady Margaret, que adoravam dançar, foram para o salão assim que Poppy lhes garantiu que ela estava bem.

Mas ela não estava bem.

Ela estava cercada por mulheres que cheiravam a água de lavanda (um perfume que sempre detestara), e por todo o salão as pessoas olhavam para ela e sussurravam por trás das mãos. Em Westfalin, rodeada por suas onze irmãs, ela não atraía muita atenção. Mas aqui na Bretanha, uma princesa estrangeira em visita era assunto de muitos mexericos. Uma princesa estrangeira em visita que se recusava a dançar por razões desconhecidas era ainda mais interessante.

Lady Thwaite, liberada da fila de recepção, aproximou-se de Poppy alguns momentos depois.

— Vossa Alteza, posso apresentar a Duquesa de Hinterdale? — Lady Thwaite indicou a mulher a seu lado, que tinha a forma alarmante de uma proa de navio.

Poppy apertou a mão da mulher.

— Como vai?

— Muito, muito bem. — Respondeu a duquesa, olhando fixamente para Poppy com seu nariz notável.

Lady Thwaite saiu para ver o resto de seus convidados, deixando Poppy e a duquesa para se conhecerem. A duquesa falava de forma arrastada que forçou Poppy a ouvir com muito cuidado. Ela estudou a linguagem desde os três anos, mas sua governanta sempre usou gramática e pronúncia perfeitas.

Ao contrário da Duquesa de Hinterdale.

— Você é curiosa, Princesinha *Puppy*. — A duquesa disse. — Aqui está você, com cada homem jovem em Bretanha para dançar com você, e você, bem, não dança.

—Ah. — Poppy disse depois de decifrar isso. — Não. Eu não dan... danço.

— Purr-que não? — A duquesa ergueu uma sobrancelha franzida.

Porque minha mãe, minhas irmãs e eu fomos amaldiçoadas a dançar para o prazer de um rei malvado, pensou Poppy. Ela estendeu a mão e ajeitou a gola de seda de seu vestido.

— Eu não gosto de dançar. — Ela disse finalmente.

— Não gosta de *dançair?* — O rosto da duquesa ficou repentinamente roxo. — Meu afilhado era Príncipe Alllfred! — E com isso a Duquesa de Hinterdale saiu furiosa, deixando Poppy com as bochechas coradas e um coração martelando.

— Alfred. — Poppy murmurou baixinho. — Duelo? Ou acidente de cavalo? Ele era o homem do acidente de cavalo... sim. — Ela cobriu os olhos com uma das mãos e afastou-a, sabendo que as pessoas a observavam e cochichavam atrás de seus leques.

Alfred, o filho falecido do rei Rupert, tinha ido para Westfalin para descobrir o segredo de suas sapatilhas de dança arruinadas, falhou e voltou para Bretanha para morrer em algum tipo de acidente uma semana depois. Ele tinha sido tolo e vaidoso, mas não era pior do que muitos príncipes mimados.

E foi por causa de Alfred que Poppy foi enviada para Bretanha. Após a morte de seu filho, o Rei Rupert espalhou rumores de bruxaria e jogo sujo na corte de Westfalin, que ainda agora continuavam a circular.

Mas desde que o mistério das sapatilhas foi resolvido (mesmo que a solução não tenha sido amplamente divulgada), e três anos sem intercorrências se passaram, o rei Rupert e o rei Gregor chegaram a uma trégua incômoda e o rei Rupert surgiu com este grande programa de intercâmbio para estabelecer laços entre as nações Ionian.

A primeira a ser tirada de sua casa e de sua família? Poppy. Em um esforço para apaziguar seus vizinhos reais, o rei Gregor ofereceu todas as suas filhas solteiras. Poppy e Daisy haviam pedido para irem juntas, mas ninguém parecia querer duas das misteriosas princesas de Westfalin ao mesmo tempo. Tinha sido difícil deixar sua irmã gêmea para trás, mas ela não invejava Daisy, que tirou Veneza da cartola.

Daisy odiava barcos e o ar úmido fazia seu cabelo ficar encaracolados e as ruas de Veneza eram cobertas com água. Sua primeira carta para Poppy foi uma recitação histérica de horrores, de seu cabelo rebelde às gôndolas trêmulas e à comida, embora Poppy argumentasse que a culinária bretã era muito pior.

— Você está bem? — Um jovem alto a viu estremecer e caminhou até ela. Era Richard, *mas todo mundo me chama de Dickon*[2] Thwaite, o filho de dezoito anos de seu anfitrião e anfitriã.

Poppy deixou escapar.

— Eu só estava pensando em arenque defumado e salsicha de sangue. — E então mordeu o lábio, sentindo-se uma idiota.

Dickon deu um passo para trás, assustado.

— Bem. Achei que você pudesse estar entediada, sentada sozinha aqui, mas parece que você é mais do que capaz de se entreter. — Ele deu uma pequena reverência e começou a seguir em frente. Ele estava pairando perto da cadeira de Poppy, esperando para falar com Marianne, com quem ele já havia dançado duas vezes.

— Espere! — Poppy estendeu a mão. Ela *estava* entediada e mais autoconsciente do que jamais imaginou que pudesse estar, e não queria ter outro encontro com outra matrona indignada como a duquesa de Hinterdale.

— Sim, sua Majestade?

— Hum, onde você está indo agora?

Ele fez uma pausa.

— Bem, uma vez que o cartão de dança de Marianne está cheio agora e você está ocupada com pensamentos importantes sobre carnes no café da manhã, pensei que poderia ir para a sala de jogos para uma ou duas mãos de cartas. — Ele acenou com a cabeça na direção de uma pequena porta ao lado do salão. Através dela, Poppy podia ver parte de uma mesa ocupada por quatro homens, concentrados em seu jogo.

— Eu irei me juntar a você. — Ela disse a ele com alívio. Ela se levantou e segurou seu braço antes de ver a expressão de choque em seu rosto. — Qual é o problema?

— Jovens garotas não... eu realmente não deveria... — Ele balbuciou.

— Oh, bobagem! Amo jogar cartas.

E Poppy o conduziu para fora do salão de baile e para a pequena sala de jogos um tanto enfumaçada, onde sua aparição interrompeu brevemente toda a conversa. Ela sentiu uma onda de arrependimento: aparentemente as moças realmente *não* jogavam cartas.

— Ah, querida Poppy. — Disse Lorde Richard, vindo em seu socorro. — Quer se juntar a mim? — Ele estava parado de lado, conversando com um amigo e assistindo a um jogo que parecia estar terminando. — Poppy, o jovem Thwaite e eu ficaremos com esta mesa em seguida, se você não se importa, Robert. E talvez Geoffrey consinta em completar como o quarto jogador.

Todos os homens concordaram, apesar do choque ao ver uma jovem no meio deles, e se levantaram assim que a rodada terminou. Robert, o vencedor, juntou suas fichas com uma expressão confusa.

— Não achei que você jogasse mais, Seadown. — Disse ele.

— Ah, bem, uma ou duas rodadas com minha adorável hóspede dificilmente conta como um grande jogo de azar. — Disse Lorde Richard alegremente.

Poppy podia dizer pelo olhar em seus olhos e pela maneira surpresa com que muitos dos homens na sala estavam olhando para Lorde Richard que era uma questão mais importante do que ele fazia parecer. Ela se perguntou se ele havia sofrido por causa das cartas no passado. Ela também se perguntou se deveria deixá-lo vencer.

Antes de se casarem com suas duas irmãs mais velhas, os cunhados de Poppy haviam sido soldados comuns. Eles haviam ensinado várias coisas às meninas: atirar com um rifle e uma pistola, fazer uma fogueira, tricotar, preparar um ensopado, cantar todos os vinte e oito versos de *Baden-Baden*

Mädchen e jogar uma série de jogos de cartas que normalmente não são apreciados por jovens senhoras.

Foi uma grande surpresa para sua família quando Poppy provou ser bastante perita em tricô. Não os surpreendeu, entretanto, quando ela também se revelou a melhor jogadora de cartas do grupo. Embora o jogo de Poppy tivesse se mostrado muito menos perigoso do que o fascínio de Petunia por fogueiras, o que resultou em ela cortar uma das roseiras premiadas do Rei Gregor para acender.

Sentando-se à mesa, Poppy desabotoou as luvas e dobrou-as para trás para poder lidar melhor com as cartas. Ela embaralhou e distribuiu enquanto Geoffrey e Dickon Thwaite olhavam maravilhados. Lorde Richard apenas riu.

— A princesa é uma jovem incomum, vocês vão descobrir. — Disse ele aos outros. — Oh, e perdoe minhas maneiras! Poppy, este é o Honorável Geoffrey Wainwright. Geoffrey, esta é a princesa Poppy de Westfalin.

— Encantado. — Murmurou o Honorável Geoffrey.

— Devemos definir um lance mínimo, senhores? — Poppy pegou suas cartas e as arrumou.

— Vamos manter o valor pequeno, vamos? — Lorde Richard também posicionou sua mão, e os outros dois lutaram para pegar suas cartas. — Caso contrário, Margaret vai pensar que estou corrompendo os inocentes.

Poppy olhou um pouco carrancuda para isso, mas Lorde Richard apenas riu.

— Não você, minha querida. Mas o jovem Thwaite só teve um ano na universidade.

Agora foi a vez do *jovem Thwaite* ficar carrancudo.

Poppy suspirou, percebendo que cabia a ela quebrar o clima pesado na sala de jogos.

— Primeiro lance?

Capítulo 4

Convidado

— E este é o salão dos retratos. — Disse o príncipe George.

— Muito bom. — Christian concordou, e tentou não bocejar.

Ele viajou por dois dias para chegar à capital da Bretanha, Castleraugh, e quando ele chegou, George insistiu em levar Christian para uma visita guiada ao Palácio de Tuckington. Christian vira mais retratos de bretões com cara de cavalo, infelizmente, do que gostaria de se lembrar, e passou por mais cadeiras e sofás convidativos do que ele poderia suportar. Naquele exato momento, eles estavam parados a dois passos de um sofá forrado de seda cheio de pequenas almofadas redondas, e Christian pensou que podia ouvi-lo sussurrar sedutoramente para ele.

— Esta armadura pertenceu ao meu tataravô, Rei Gerald. — George estava dizendo. Então ele franziu a testa para a placa afixada no pedestal em que a armadura estava. — Não, espere. Foi meu tio-tatara-bisavô, príncipe Everard. — George puxou o lábio inferior. — Eu poderia jurar que era de Gerald. — Ele murmurou. — O que aconteceu com o de Gerald, então?

Christian cambaleou e então se beliscou para ficar acordado.

— George. — Ele interrompeu a reflexão do príncipe, tentando não olhar para o sofá. — Você acha que podemos fazer o tour na direção do meu quarto? Odeio admitir, mas estou exausto. Talvez eu pudesse ver os retratos outra hora.

Piscando, George olhou de Christian para a armadura e vice-versa.

— Tudo bem. — Disse ele finalmente, claramente perplexo com a falta de interesse no peitoral e nas greaves[3] da armadura do Príncipe Everard. — Deixe-me mostrar nossos quartos de hóspedes.

Aparentemente, quando o príncipe George estava com vontade de fazer um tour, nada o deteria. No caminho para o quarto de Christian, George o conduziu por várias outras câmaras, listando os hóspedes nobres que haviam se hospedado lá ao longo dos anos. Quando eles finalmente alcançaram o *Quarto Azul* designado para Christian, que outrora abrigou uma imperatriz Shijnren, eles pegaram uma pequena empregada no ato de acender a lareira.

— Oh, eu imploro seu perdão, Vossas Altezas! — Ela ficou de pé e fez uma reverência. Ela tinha cabelos ruivos encaracolados sob um gorro de linho branco e uma mancha de fuligem no nariz.

Christian bateu no próprio nariz.

— Você tem uma mancha. — Ele disse a ela gentilmente. Ela ficou vermelha, largou a cesta em que estava carregando os gravetos, pegou-a novamente e saiu do quarto com mais desculpas.

— É claro que ela tinha uma mancha. — Disse George, rindo. — Ela é uma *empregada*. A questão é: por que ela não acendeu a lareira antes, poupando-nos de vê-la e sua mancha? — Ele balançou a cabeça exasperado. — Ainda assim, já tivemos pior... aquela de cabelo escuro... — Ele estremeceu.

A corte dinamarquesa era bem mais casual, refletiu Christian, tirando o casaco e se jogando em uma cadeira perto da lareira. Em casa, as criadas iam e

vinham, quer ele estivesse ou não no quarto, e Frau[4] Jensen, a governanta, o repreendeu várias vezes por pegadas de lama no tapete ou bagunçar uma cama recém-feita. Bretanha demoraria muito para se acostumar.

E a menos por causa de George.

— Baile hoje à noite. — Disse George, sentando-se na outra cadeira ao lado da lareira. — Duque de Laurence, então é melhor aparecermos.

Olhando para o relógio, Christian abafou um gemido. Ele teria que começar a se vestir em uma hora se eles fossem comparecer a um baile, e ele estava tão cansado que o quarto estava oscilando.

— Talvez você pudesse dar minhas desculpas ao duque. — Disse Christian. — Eu realmente estou cansado de minha jornada...

— Bobagem. — Disse George. — Eu já disse a Laurence que você estaria lá. Vou pedir um pouco de chá e bolinhos por enquanto. Muito restaurador, chá e bolinhos. — E George foi embora.

Visto que este não era Danelaw e Frau Jensen que não estavam aqui para repreendê-lo, Christian se jogou de cara na cama com suas botas. Ele estava ansioso para ter o príncipe George por perto nas primeiras semanas de sua visita, seria interessante conversar com outro jovem da mesma idade. Mas, tendo acabado de passar três horas na companhia de George, Christian mal podia esperar que ele partisse. Christian enterrou a cabeça em um travesseiro e tentou apagar o retrato da bisavó de George, a rainha viúva Louisa, e seu bigode de sua mente.

Ele conseguiu dormir uma hora inteira antes que o valete do príncipe George o acordasse. Enquanto Christian tropeçava em confusão e cansado, o homem silenciosamente encontrou suas roupas de noite e ajudou Christian a se vestir, até mesmo penteando o cabelo para ele.

Antes que ele percebesse, Christian era um convidado de honra no Baile do Duque de Laurence Harvest. Assim que cumprimentaram seus anfitriões, ele encontrou uma cadeira e sentou-se nela, dispensando George, que se virou sem nenhuma evidência de arrependimento e se atirou confiante em um grupo de moças risonhas.

Christian bocejou e olhou em volta. Uma dança estava começando, e George estava levando uma loira alta para o salão de baile. Outros casais o seguiram, exceto por uma garota de cabelo preto na frente dele. Apesar da música animada e de haver bastante espaço no salão para outro casal, a jovem não se levantou para dançar. Christian decidiu que ela devia ter muitos pretendentes para escolher e se virou para olhar ao redor.

A mansão do duque de Laurence era enorme e o salão de baile ocupava toda a largura da casa, dando para os jardins nos fundos. Ele podia ver por uma porta aberta a sala de jantar, onde as mesas haviam sido colocadas para o que ele esperava ser um esplêndido banquete. Os bolinhos que ele engoliu enquanto se vestia eram nada além de uma boa memória agora.

— Não há sala de jogos, se é isso que Vossa Alteza está procurando. — Disse o duque asperamente.

Christian ergueu os olhos para ver seu anfitrião de pé sobre ele com uma jovem em seu braço.

— A minha esposa e eu desaprovamos o jogo. — Explicou o duque, franzindo a testa para Christian.

— Oh, não, eu só estava... admirando sua casa. — Ele disse desajeitadamente.

— Esqueça a casa, admire as mulheres! — O duque gesticulou para a garota em seu braço. — Marianne, este é Sua Alteza Real, o Príncipe Christian

de Danelaw. Príncipe Christian, esta é Lady Marianne Seadown. Pronto, vocês estão apresentados, peça a Marianne para dançar.

Christian sentiu suas orelhas esquentarem e ficou mais tranquilo ao ver que Lady Marianne também estava corando. Ele não tinha planejado dançar, mas também não queria envergonhar ninguém. Ele se levantou e pegou o braço dela.

— Esta dança está quase terminando. — Ela disse timidamente, olhando para a ponta de seus sapatos. — Vamos dar uma volta pelo salão até que tudo acabe?

— Isso seria ótimo. — Ele concordou.

— Aqui, vou apressar as coisas para vocês. — Disse o duque. Ele caminhou até o canto onde a orquestra estava sentada e gritou. — Acabe com essa música, comecem a próxima!

— O duque é muito... — Christian começou.

— Direto? — Marianne sorriu enquanto seu rubor desaparecia.

— Eu ia dizer turbulento, mas direto funcionaria também.

— Eu juro que não o obriguei. — Ela disse enquanto eles tomavam seus lugares para a próxima dança, uma *valsa*.

— Eu acredito em você. — Ele disse a ela.

Enquanto eles giravam no chão, ele teve um vislumbre da garota de cabelo preto novamente. Ela ainda estava sentada em sua cadeira perto da parede, embora tivesse menos pretendentes desta vez. Ela nem mesmo bateu o pé com a música, mas se sentou com um olhar congelado de interesse educado em seu rosto. Christian percebeu que ela não tinha nenhum cartão de dança pendurado no pulso e se perguntou se ela era aleijada.

— Olhando para Poppy? — Marianne ergueu uma sobrancelha escura. — Bastante estonteante, eu sei! Eu nunca vou competir com ela!

— Você é muito bonita. — Disse ele, o elogio vindo facilmente aos lábios. Ajudou que fosse verdade. — Eu só queria saber por que ela não dança. Ela é a única jovem sentada.

— Poppy não dança. — Marianne confidenciou. — Nunca. — Ela observando seu rosto, deixando Christian desconfortável. — Você não sabe quem ela é? Ela é de Westfalin...?

Christian tropeçou e quase tropeçou nos pés de Marianne. Quando se recuperaram, ele disse.

— Ela é uma *daquelas* princesas?

O rosto de Marianne endureceu.

— Não há necessidade de dizer isso dessa forma. — Ela disse a ele. — Poppy é minha prima em segundo grau, você sabe.

— Sinto muitíssimo, não quis ofender. — Christian desejou sinceramente ter conseguido dormir um pouco mais cedo. Ele se sentia incrivelmente lento e tinha medo de tropeçar novamente, com a língua ou os pés. — É que eu tinha ouvido falar das... sapatilhas... e que uma das... princesas de Westfalin também estariam aqui.

Na verdade, quase impediu seu pai de enviá-lo. Quando a carta com os detalhes da viagem chegou, o Rei Rupert mencionou que uma das filhas de seu primo também estaria presente. Ele provavelmente pretendia mostrar o quão generoso e pacífico ele era, mas alarmara o rei Karl profundamente.

— Bruxas soltas em Castleraugh! — Karl tinha vociferado. — Você não pode ir! — Foi só quando sua esposa e Christian apontaram que recuar agora seria um insulto a Westfalin e Bretanha, e talvez causar a própria ruptura internacional que essa troca de herdeiros iria impedir, que ele se acalmou.

— Poppy disse que já usou sapatilhas de dança suficientes para cinco vidas. — Disse Marianne. — Então ela nunca dança. — Ela deu uma risadinha,

o que deixou Christian saber que seu insulto não intencional havia sido perdoado. — Se houver uma sala de cartas, ela geralmente joga.

— Mesmo? — Ele se perguntou se seria diferente aqui em Bretanha, em casa, as salas de jogos nos bailes eram apenas para os cavalheiros.

— É bastante chocante. — Marianne o assegurou, adivinhando sua expressão. — Mas ela diz que não faz sentido ser uma wallflower[5] quando pode ganhar algum dinheiro com os cavalheiros.

— Ela é boa com cartas?

— Acho que ela nunca perdeu uma rodada de cartas. — Marianne disse a ele, tão orgulhosa como se ela tivesse ensinado a sua prima a jogar.

— Mesmo? — Christian decidiu que não se importaria de conhecer essa estranha princesa de Westfalin. Ela não parecia uma bruxa, nem parecia a maquinadora destruidora de corações que ele esperava.

Mas ele nunca teve a chance de conhecer Poppy naquela noite. Como George havia insistido que eles chegariam atrasados, a *valse* com Marianne acabou sendo o baile da ceia, então ele a acompanhou até a refeição. Era bastante suntuoso e Marianne era uma boa companhia. Depois do jantar, ele cumpriu seu dever dançando com as netas de Laurence.

Depois da terceira (bastante dentuça) jovem Lady Laurence, Christian sentou-se perto da janela para recuperar o fôlego. Ele cochilou por um tempo, algo que o envergonharia mais tarde, quando pudesse pensar com mais clareza. O que o acordou foi o som de uma briga, seguido pela voz de uma jovem dizendo.

— Afaste-se de mim, seu idiota!

Ele se endireitou e olhou em volta, finalmente localizando o som vindo do jardim atrás dele. Não havia nenhuma porta à vista e ele ainda estava meio

tonto, então simplesmente foi até a janela aberta e meio que saltou, meio que caiu para fora dela.

Christian caiu em cima de um jovem corpulento que praguejou e deu um soco na orelha dele. Ele teve uma vaga lembrança de uma saia branca azulada tremulando enquanto a jovem fugia, e então um soco melhor do jovem corpulento acertou seu nariz e ele perdeu a consciência.

Capítulo 5

Fofoca

Quando o jovem estranho caiu para fora da janela e começou a lutar com Jasper Antwhistle, Poppy foi procurar um pau. Ela não tinha interesse em ficar com um olho roxo ao tentar separá-los, e a agitação deles tornava isso muito provável. Ela pensou que um galho de árvore caído seria a coisa certa para acertá-los até que se separassem.

Infelizmente, o jardim de Laurence era tão bem cuidado que não havia gravetos soltos espalhados, e a briga terminou quando ela entrou no salão de baile e pegou emprestado uma bengala de um cavalheiro mais velho e divertido. Havia uma grande multidão reunida em torno do casal. O pulador da janela estava frio, com sangue escorrendo do nariz, e Antwhistle alegava que fora atacado sem provocação.

Poppy não sabia bem o que fazer. Se ela admitisse que estivera no jardim com Antwhistle, seria considerada uma atrevida ou coisa pior. Mas ela não queria que quem quer que fosse esse pobre garoto na grama levasse a culpa também.

Então, descobriu-se que ele era um príncipe.

— Graças a Deus. — Ela suspirou para Marianne na carruagem a caminho de casa. — Um dos privilégios da realeza: todos querem pensar o melhor de você.

— A menos que eles não gostem de você. — Marianne apontou, acidentalmente lembrando Poppy das acusações contra a sua família.

— Bem, neste caso eles gostavam dele. — Disse ela, estremecendo.

Depois que o jovem foi identificado como o recém-chegado Príncipe Christian, todos estavam mais do que dispostos a sugerir que tinha sido apenas um acidente. O príncipe George afirmou ter visto Christian cochilando em uma cadeira perto da janela, e de repente acordar e pular pela mesma janela.

Portanto, o príncipe visitante foi considerado muito cansado por sua viagem. Ele recebeu uma compressa fria e uma xícara de chá, e depois foi mandado de volta ao palácio de Tuckington para descansar um pouco.

— No geral, uma noite muito satisfatória. — Anunciou Marianne.

Poppy teve que rir.

— Terminou conosco paradas no jardim, olhando para um príncipe inconsciente e um Jasper Antwhistle de rosto vermelho. — Ela fez uma pausa, certificando-se de que Lady Margaret estava dormindo antes de continuar. — Que foi atacado, de forma bastante aleatória, pelo príncipe Christian depois que eu o esbofeteei, por tentar me beijar e beliscar meu traseiro ao mesmo tempo.

Marianne engasgou, então deu uma risadinha e Poppy se juntou a ela.

As meninas riram durante todo o caminho de volta para Mansão Seadown. Lorde Richard estava esperando por elas. Ele tinha alguns negócios fora da cidade para tratar e estava apenas chegando em casa.

— Você dançou com todos os rapazes bonitos, minha querida? — Ele deu um tapinha no queixo de Marianne.

— Um pouco. — Ela sorriu. — Incluindo o príncipe dinamarquês recém-chegado.

— Que também a acompanhou ao jantar. — Poppy acrescentou.

— É mesmo? — Lorde Richard deu a sua filha um olhar penetrante. — Não se force a se apaixonar por ele só porque ele é um príncipe. — Alertou para Marianne.

Ela revirou os olhos.

— Por favor, papai! Se eu tivesse alguma noção romântica sobre príncipes, o primo George me curou delas há muito tempo!

— Bom. — Lorde Richard se virou para Poppy em seguida. — E você, minha pequena trapaceira? Você encheu sua bolsa esta noite?

Poppy fez uma careta e levou uma mão dramática à testa.

— Infelizmente, os Laurence não concordam com jogos de azar, então não havia sala de jogos. — Disse ela. — Fui forçada a bater papo a noite toda. Isto é, até o Príncipe Christian cair da janela sobre a cabeça de alguém e terminar a noite.

Como resultado dessa observação, Poppy e Marianne ficaram acordadas até o amanhecer contando aos pais de Marianne o que havia acontecido no jardim. Lady Margaret estivera ocupada conversando com algumas das outras acompanhantes, então ela ouviu a comoção, mas não sabia do que se tratava.

As meninas omitiram, por um acordo silencioso, qualquer menção de Antwhistle estava tomando ar fresco com Poppy. Em vez disso, elas apenas disseram que Poppy e Antwhistle tinham saído para dar um passeio no jardim e que um pesadelo que o príncipe teve enquanto cochilava o levou a acreditar que Poppy precisava ser resgatada. Os adultos olharam estreitamente para elas, como se suspeitassem de que certos eventos estivessem sendo encobertos, mas deixaram passar.

Poppy finalmente se encontrou em seu quarto. Ela estava sentada com sua camisola escovando o cabelo quando a lamparina a óleo em seu cotovelo de repente piscou verde. Ela olhou para baixo, mas estava amarelo novamente. Ela voltou a escovar o cabelo e depois subiu na cama.

Ela sonhou que estava de volta ao Palácio Sob a Pedra, sendo forçada a dançar até que seus pés sangrassem.

Enquanto ela girava ao redor do chão no aperto muito forte do Príncipe Blathen, ela o insultou, usando todos os palavrões que ela podia pensar, mas ele apenas sorriu para ela. Ela conseguiu se libertar e procurou algo para lutar contra ele. Ela pegou uma bengala, a mesma que pegara emprestada antes, e golpeou seu ex-pretendente com ela. Ele se desfez em pó, mas outro príncipe tomou seu lugar, e outro e outro.

— Não. — Ela gritou. — Não. Não. Não! Você está morto e eu nunca vou dançar novamente.

O próprio Rei Sob a Pedra levantou-se para encará-la.

— Poppy, minha flor. — Disse ele. — Você *vai* dançar novamente, e novamente, e novamente. Você nunca estará livre de nós. Nós somos sua verdadeira família.

Ele estendeu os braços para abraçá-la e, de repente, havia uma multidão de pessoas estranhas ao seu redor, todas procurando por Poppy também. Sua pele era muito branca e seus sorrisos eram cruéis, algumas eram velhas e outras muito jovens, e algumas ficavam cada vez menos humanas e mais monstruosas. Ela tentou correr, mas seus pés estavam presos ao chão de pedra. Ela ergueu as saias e olhou para elas. Seus sapatos estavam derretendo, colando-a no chão.

— Nãão!

Suando, Poppy se sentou ereta na cama e olhou em volta. O quarto estava escuro e vazio, e ela não queria se deitar novamente. Ela vestiu o roupão e os sapatos e desceu à cozinha para ver se podia fazer um chá doce.

— Oh, Alteza! — A Sra. Hanks, a governanta, lutou para ficar de pé. Ela estava sentada à grande mesa no meio da cozinha com outra mulher gorducha de avental, que também se levantou e fez uma reverência.

— Olá. — Poppy disse. Vendo uma forte semelhança entre as duas mulheres, ela perguntou. — Irmãs?

— Sim. — Elas disseram ao mesmo tempo.

Poppy sentiu uma onda de saudades de casa. Ela nunca tinha passado tantas noites longe de sua irmã gêmea. Se perguntou como Daisy estava se saindo e se às vezes elas estavam pensando uma na outra exatamente no mesmo momento.

Então ela percebeu que a Sra. Hanks e sua irmã estavam olhando para ela, e fez um esforço para arrastar sua mente de volta para o aqui e agora. Elas estavam de pé um de cada lado da mesa, as mãos agarrando os aventais engomados.

— Posso fazer algo por você, Alteza? — Sra. Hanks disse por fim. Ela e sua irmã trocaram um olhar. — Com o baile de Laurence indo até a madrugada, não achamos que alguém notaria se Louise escapulisse para conversar um pouco.

— Oh, é claro — Disse Poppy. — Só vim tomar um chá. Por favor, continue conversando. Eu não direi a ninguém.

Elas sorriram para ela e a irmã da Sra. Hanks sentou-se novamente. A Sra. Hanks, no entanto, correu até o fogão e preparou uma xícara de chá de hortelã para Poppy, apesar das garantias de Poppy de que ela poderia fazer isso sozinha.

— Então. — Sentindo-se estranha, Poppy olhou para a irmã da Sra. Hanks, Sra. Mills. — Você também está... — Ela teve que pensar em como elas chamavam aqui na Bretanha. — Em serviço?

— Sim, eu sou a governanta chefe do Palácio Tuckington. — A Sra. Mills disse com verdadeiro orgulho.

Poppy podia ver o porquê e deu um assobio baixo de apreciação.

— Isso deve ser... agitado.

— É, é por isso que temos que fazer uma visita furtiva sempre que podemos. — Disse a Sra. Hanks. Ela correu até a mesa e deu a Poppy seu chá, uma tigela de açúcar e um prato de biscoitos.

Nunca recusando comida de graça, Poppy comeu três biscoitos imediatamente. Em seguida, ela mexeu açúcar no chá de hortelã perfumado enquanto ouvia as duas mulheres mais velhas.

— Ela é uma verdadeira provação, Jane. — A irmã da Sra. Hanks estava dizendo. — Não consigo trabalhar sem quebrar, derramar ou queimar algo. É por isso que não pude mantê-la comigo, não no palácio! E agora ela está prestes a ser expulsa de outro lugar, o seu terceiro!

— Pobre criança — A Sra. Hanks cacarejou. — Eu sei que ela não nasceu para isso, mas ela não teve experiência suficiente até agora?

A Sra. Mills deu um grande suspiro.

— Isso é o que torna tudo tão difícil. Parece que ela não consegue fazer nada direito, mas se você corrigi-la, ela só chora. É mais fácil limpar a bagunça sozinha, mas não há muitas empregadas que vão aguentar.

Poppy não aguentava mais.

— Perdoe-me por escutar, mas de quem você está falando?

A Sra. Hanks e a Sra. Mills trocaram olhares.

— Por favor? Não vou contar a ninguém. — Poppy adulou. — Exceto Daisy e talvez Rose, Galen, Lily e Orchid. — Ela adicionou para si mesma, mas elas não estavam em Bretanha então isso pouco importava.

A Sra. Mills se inclinou mais perto da mesa.

— Bem, Alteza, antes de chegar ao palácio, era governanta da família de um conde. Eles tiveram uma filha chamada Eleanora, apenas uma coisinha querida com cabelo escuro como o seu, mas olhos azuis. — Ela sorriu em reminiscência, e então seu rosto turvou. — Mas a sorte do conde azedou durante uma noite. Primeiro, eles tiveram que vender sua bela propriedade de campo, depois venderam a maior parte dos móveis da casa. Eles deixaram a equipe ir um por um, incluindo eu. — Seus olhos brilhavam de lágrimas.

— Mesmo assim. — Ela continuou com a voz embargada. — Minha senhora foi tão boa comigo. Ela me ajudou a entrar no palácio. No início, eu era uma sub-governanta, mas subi de posição, mas fui inteligente o suficiente. — Ela tomou um gole de seu próprio chá. — Dois anos depois, eles perderam tudo. O conde morreu de apoplexia, e, a minha senhora, de desgosto. — Uma lágrima rolou por sua bochecha rechonchuda e a Sra. Hanks pôs a mão no braço da irmã. — Oh, que boba eu sou! — Ela enxugou o rosto com a ponta do avental. — Um mês depois, quem veio bater na porta da cozinha senão minha própria pequena Eleanora, sem uma amiga no mundo além de mim. Consegui um emprego para ela como criada dos quartos, onde poderia ficar de olho nela... — Ela parou.

— Mas aquela garota. — A Sra. Hanks terminou por sua irmã, sua voz dura. — Aquela garota, que agora insiste em ser chamada de Ellen porque soa mais *comum*, só causou problemas. Amuada, arruinando coisas, fugindo de suas obrigações e saindo de empregos ou sendo demitida! — Ela apertou o braço da irmã. — Você sempre foi mais paciente do que eu, Louise. Eu teria

batido nas orelhas da garota e a colocado para descascar batatas na cozinha se ela tivesse me dado um décimo desse trabalho.

Poppy concordou bastante com a Sra. Hanks. Ela sempre se perguntou o que aconteceria com ela se fosse rejeitada (algo que seu pai frequentemente ameaçava). Ela observara as criadas e decidiu que provavelmente conseguiria fazer isso. Ela certamente não imploraria a ajuda de alguém e depois não faria do jeito que essa Eleanora ou Ellen estava tratando a pobre irmã da Sra. Hanks.

— Sra. Shields, a governanta dos Laurence. — Disse a irmã, depois de se recompor. — Diz que, se cometer mais um erro, com certeza está na rua. Eles a fizeram se esconder na cozinha durante o baile, para que ela não ferisse acidentalmente um convidado ou colocasse fogo na casa!

— Se ela for demitida, basta mandá-la aqui. — Disse a Sra. Hanks. — Vou dar um emprego a ela.

Poppy terminou seu chá em silêncio, se perguntando quando Ellen estaria trabalhando para os Seadowns, e se ela era realmente tão horrível quanto a Sra. Hanks a fez parecer.

Capítulo 6

Estranho

— Aham, aham, Alteza?

A essa altura, Christian estava tão acostumado com o nervosismo da criada ruiva que não tirou os olhos da carta que estava escrevendo. Apesar de seus anos servindo à família real da Bretanha, ela parecia achar Christian altamente intimidante.

— Ponha na mesa, por favor. — Disse ele, e continuou descrevendo a ópera que vira na noite anterior. Ele estava escrevendo para a irmã mais velha, Margrete, de dez anos, e sabia que ela gostaria que cada ato fosse descrito em detalhes.

O som de uma bandeja de chá inteira caindo na lareira era demais para ser ignorado, entretanto.

— O que no mundo foi isso? — Ele largou a pena e se virou para ver a garota parada no meio de uma pilha de porcelana quebrada, lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Oh, Sua Alteza! Eu sinto muito! — Ela apontou para a poça de chá. — Parecia verde!

— Verde? — Ele franziu a testa para o líquido marrom.

— Eu pensei... brilhava... só por um momento. Fiquei tão assustada!

— Brilhou verde? Isso é estranho. — Ele encolheu os ombros. — Parece bom agora, no entanto. Aqui, vou ajudá-la a juntar.

Ela ficou vermelha e deu uma risadinha, enxugando os olhos com o avental.

— Não, não, Alteza! Não sou tão ruim quanto Ellen, a Sra. Mills não vai me despedir por causa disso.

— Ellen?

— Oh, uma empregada de alguns anos atrás. — A garota tagarelou, agora de repente à vontade com ele enquanto eles se agachavam perto da lareira e recolhiam os cacos de porcelana. Ela enxugou o chá com um guardanapo e torceu-o nos restos do bule. — Ela quebrava tudo que tocava, era terrível. A Sra. Mills deu sua segunda e terceira chances, mas Suas Majestades descobriram e ela foi demitida.

— Entendo. — Disse Christian. Ele entregou-lhe a bandeja, ela fez uma reverência e saiu.

— Eu já volto. — Ela prometeu.

Quando ele se virou, viu um brilho verde, exatamente como a empregada havia dito. Este veio da lamparina a óleo em sua escrivaninha. Ele foi mexer no pavio, e a chama estava amarela e laranja como sempre. Enquanto ele brincava com ele, gotejava, fumegava e apagava. Ele precisava terminar sua carta, mas a lamparina não acendeu. O pavio parecia escorregadio e frio, e o óleo na tigela de vidro estava estranhamente descolorido.

Christian chamou um lacaio, que lhe trouxe uma lamparina nova e o lembrou de que estava quase na hora de sua cavalgada com as princesas. Deixando de lado a carta para a irmã com um suspiro, ele vestiu roupas de montaria.



Uma hora depois, ele ouviu o nome Ellen novamente, mencionado desta vez por uma das princesas. George estava ocupado fazendo as malas para sua viagem a Espanha, então coube a Christian supervisionar a expedição diária a cavalo das princesas, junto com a ajuda de dois cavalariços. Ele estava pensando que suas próprias irmãs não eram tanto problema quando a princesa Hermione, de oito anos, caindo de seu pônei em uma cerca viva pela terceira vez.

— Não seja tão Ellen. — Emmeline disse para sua irmã com grande superioridade. Ela tinha onze anos, mas tinha os maneirismos de uma jovem com o dobro de sua idade.

— Uma Ellen? — Christian ergueu as sobrancelhas, confuso.

Ambas as princesas explodiram em gargalhadas.

— Ela era nossa empregada. — Emmeline explicou através de suas risadas. — E ela era tão desajeitada! Muito, muito ridículo!

Christian franziu a testa para elas.

— Você não deve rir de alguém só porque ela é desajeitada. — Disse ele. Ele deveria estar fazendo amizade com a família real da Bretanha, mas desde que Emmeline anunciou que se casaria com ele quando fizesse doze anos, ele fez o possível para parecer velho, chato e severo.

— Mas ela realmente era horrível. — Disse Hermione. — Ela quebrou os travesseiros.

— Como você quebra um travesseiro?

Emmeline revirou os olhos.

— Ela realmente não *quebrou* os travesseiros, ela rasgou as fronhas havia penas por toda parte. Ela queimava tudo o que passava e tropeçou enquanto me trazia chocolate quente, que espirrou na minha camisola *quatro* vezes.

— Ela penteou meu cabelo uma vez. — Hermione acrescentou. — E quando ela terminou havia *mais* emaranhados nele. Não sei como ela fez isso, mas ela fez.

— Foi claramente de propósito. — Disse Emmeline com autoridade. — Então ela chorava para que as pessoas sentissem pena dela. A gorda e velha Millsy disse para lhe dar mais tempo, mas a mãe disse que não.

Christian se perguntou como a garota conseguiu um lugar no palácio para começar.

— Não chame a Sra. Mills de gorda, é rude. — Ele disse finalmente, e as conduziu pelo terreno.

Seus olhos o estavam incomodando. Os jardins do palácio, tanto gramados quanto arbustos, pareciam opacos e secos, embora os jardins do Palácio de Tuckington fossem famosos em toda a Ionia. No entanto, ao mesmo tempo, ele viu brilhos verdes nos cantos de sua visão. Ele esfregou os olhos e ouviu alguém rindo.

— O que é tão divertido? — Ele se virou para franzir a testa para Emmeline. Ela deu a ele um olhar interrogativo. — Estranho. — Ele murmurou baixinho.

— O que você disse? — Emmeline estava com as sobrancelhas erguidas e sua expressão deu a Christian esperança de que sua paixão por ele estivesse esfriando.

— Nada. — Disse ele, e enxugou os olhos novamente. — Nada.

Capítulo 7

Empregada

Ellen Parker sentou-se na cama estreita em seu novo quarto no Seadowns House e fechou os olhos por um momento. Logo a governanta dos Seadowns, a Sra. Hanks, viria para lhe contar as regras da casa, para dizer que ela deveria ser grata, para dizer que ela era apenas uma serva doméstica.

O coração orgulhoso de Ellen encolheu um pouco mais e ela desejou ter mais algumas lágrimas para chorar. Ela tinha chorado todo o caminho desde a mansão dos Laurences e não achava que havia uma única gota de umidade nela. Ela tirou um lenço fino e esfregou as manchas de sal nas bochechas.

— Hacks são tão imundos, não são? — A Sra. Hanks disse ao entrar. — O jarro está cheio, se você precisar se refrescar.

— Obrigada, senhora. — Disse Ellen rigidamente. A Sra. Hanks era muito parecida com a irmã e, apesar dos sentimentos afetuosos de Ellen pela Sra. Mills, ela não tinha encontrado muito conforto com ela.

— Agora, Ellen. — A Sra. Hanks começou, sua voz firme.

Aí vem o sermão, pensou Ellen. *Pelo menos ela se lembrou de usar meu novo nome.* A ex-Eleanora Parke Whittington achava doloroso ser lembrada de seu passado sendo chamada de Eleanora, então ela alterou seu nome para algo mais condizente com seu status alterado. Ela recebeu o nome de sua avó, e

aquela que foi a líder da moda nunca teve que esvaziar seu próprio penico, muito menos o de outra pessoa.

— Eu sei que você não nasceu para este trabalho, minha querida, mas eu não conheço ninguém que o teria escolhido. Você gostaria de ser servida a ser uma serva! — A Sra. Hanks sorriu, mas Ellen apenas desviou o olhar. O sorriso logo desapareceria, quando se tornasse evidente que Ellen era inútil. — Faremos o melhor que pudermos para ajudá-la, mas você já está no serviço há alguns anos e espero que seja capaz de fazer algumas coisas sem supervisão.

Ellen apenas balançou a cabeça e, com o canto do olho, viu o sorriso da Sra. Hanks diminuir.

— Sim, senhora. — Disse ela apressadamente.

— Vou apresentá-la a Sua Senhoria em uma hora, embora a maioria de seus deveres seja com as jovens damas da casa, Lady Marianne e Sua Alteza, a Princesa Poppy de Westfalin. — A Sra. Hanks inchou um pouco de importância quando disse o nome da princesa.

— Sim, senhora. — Disse Ellen, sua voz quase inaudível. Ela não tinha percebido que estaria servindo garotas da sua idade, garotas que teriam sido suas amigas se as coisas tivessem acontecido de forma diferente.

Parecia que ela ainda tinha lágrimas para chorar, afinal.

— Aqui está um vestido que deve servir. — A Sra. Hanks colocou um pacote na cama. — Avental e gorro também. Podemos alterá-los mais tarde, se houver necessidade. As meias e sapatos pretos que você está usando vão ficar bem. Vou deixar você se refrescar. — Disse a sra. Hanks, sem perceber a aflição de Ellen, e quem se importava se uma empregada estava chateada? A governanta gorducha saiu, fechando a porta atrás dela.

Preparando-se, Ellen foi até o lavatório, tentando evitar seu reflexo no pequeno espelho escuro que estava pendurado acima dele. Havia um buquê

de flores secas pendurado ao lado do espelho, pertencente à empregada com quem Ellen dividiria o estreito quarto. Pelo menos elas não teriam que compartilhar uma cama: eram duas camas, graças a Deus. E a bacia e o jarro, embora simples, não estavam rachados ou lascados. Os aposentos dos criados na casa dos Laurence eram mobiliados com coisas estragadas demais para serem usadas nas partes mais visíveis da casa.

Ela ergueu a jarra e despejou água na bacia. Ao atingir a porcelana branca, a água ficou verde. Ellen quase deixou cair o jarro pesado, apenas conseguindo colocá-lo de volta na mesa a tempo. Da água verde brilhante, ela ouviu uma voz gentil falando.

— Pobre querida! Sozinha no mundo, não é?

Ellen se virou, mas a porta ainda estava fechada e não havia outra alma.

— Quem disse isso? — Sua voz saiu fina e trêmula.

— Eles me chamam de Corley. — Disse a voz. — Mas eu também sou sua madrinha, minha querida. Despeje mais água da jarra, para que eu possa te ver.

— O quê?

— Quando você despeja água, eu posso ver você. — Disse a voz, ainda paciente e suave. Era uma voz rechonchuda, uma voz gentil, a voz de uma avó com um gorro de renda e xale de lã. — Despeje a água, querida Eleanora, e vamos conversar.

Ainda tremendo, Ellen pegou a jarra novamente.

Capítulo 8

Dançarina

— Dois laçada, quatro laçada, dois laçada, quatro laçada. — Poppy murmurou baixinho. Ela deu um puxão no fio de tricô para desenrolar mais.

— Passo dois, três, agora entrechat[6]. — Disse o mestre de dança, e baixou sua longa bengala com um *estalo* no piso de madeira.

Na deixa, Marianne saltou no ar, bateu os calcanhares e depois caiu com um baque. Ela vacilou por um momento, quase caiu e recuperou o equilíbrio com uma gargalhada embaraçada.

— Fique reta. — O mestre da dança gritou. Alegria fugiu do rosto de Marianne e ela jogou os ombros para trás. —De novo — Disse o homem. — Passo dois, três e entrechat!

Marianne saltou e bateu os pés e fez o possível para pousar, com graça e dignidade. Enquanto Poppy se sentava no canto, dividindo sua atenção entre o tricô e a aula de Marianne, ela refletiu que havia se saído bem. Já que Poppy não dançava, não havia necessidade de se desgraçar tentando aprender os novos e estranhos passos de Analousia que estavam na moda. Eles eram parte balé, parte acrobacia, e até a normalmente graciosa Marianne estava tendo problemas. Poppy pensou que poderia dominar o entrechat e alguns dos outros passos com um mínimo de esforço, depois de uma década de

experiência, ela poderia dançar na torre de uma igreja se quisesse, mas estava emocionada por não precisar.

— Ufa! — Marianne, temporariamente liberada da aula, se jogou na cadeira ao lado de Poppy. — Eu não acho que vou ficar muito atraente no próximo baile, se as novas danças me deixarem toda vermelha e suada.

— Tenho certeza de que Dickon Thwaite vai achar você ainda mais adorável com o rosto vermelho. — Disse Poppy maliciosamente.

— O que é isso? — Marianne olhou para ela, o rosto ainda mais vermelho.

— Nada. — Poppy voltou para seu tricô.

— O que *é* isso? — Marianne se inclinou mais perto.

— Eu só estava brincando. — Poppy começou, então viu que Marianne estava olhando para o tubo de lã azul pendurado em suas mãos. — Oh, é uma meia para dormir.

— Para quem? É enorme!

Poppy ergueu a meia, que era quase tão grande e longa quanto a manga de um suéter.

— Vai encolher com a lavagem e ficar do tamanho certo para você. — Disse ela à Marianne. — Verdadeiramente.

— É melhor você deixar Ellen lavá-la então, se você *quiser* que encolha. — Ela revirou os olhos.

— Ela está tentando. — Poppy disse.

— Eu não acho que ela esteja. — Marianne argumentou. — Ela parecia quase feliz quando me disse ontem que meu novo xale estava arruinado.

Poppy suspirou.

— É verdade. — Disse ela, pesarosa. Ela queria dar à nova empregada o benefício da dúvida, mas a Sra. Hanks estava certa: a garota parecia ser

propositalmente inepta e não mostrava nenhum interesse em aprender como executar suas tarefas corretamente.

As roupas que ela pegava para consertar ou passar voltavam com maiores rasgos e mais vincos. Cada fogo que ela colocava fumegava e crepitava, cada bandeja que carregava chacoalhava até o chá se derramar ou os pães rolarem no chão. Dava para ouvi-la chegando com o barulho dos pratos e ver para onde ela estava indo, seguindo o rastro de porcelana quebrada ou meias amassadas.

— Eu certamente espero que ela não perca sua posição aqui. — Poppy disse, contando pontos distraidamente. — Não sei de mais ninguém que a contrataria, e que outro trabalho ela poderia encontrar? Se ela tentasse o teatro, provavelmente faria com que todo o cenário desabasse.

Marianne riu, o que fez Poppy se sentir um pouco culpada. Ela não estava brincando, não realmente. Ellen estava tão desesperada em ser uma criada que Poppy realmente tinha voltado sua mente para outras carreiras para a menina, e não conseguia pensar em nada para o que fosse adequada.

Ainda rindo, Marianne se levantou para praticar sua dança novamente. Ela parou no meio do salão de baile, parecendo rígida e desajeitada, e então saltou para cima. Quando ela caiu com força, ela deu um pequeno grito.

— Meus pés!

Sem pensar sobre isso, Poppy jogou de lado seu tricô e foi até ela.

— Você caiu desajeitada. — Ela repreendeu. — E a maneira como você está de pé está dando uma cãibra na sua coluna. Faça isso deste modo.

Jogando a cabeça e os ombros para trás, Poppy dobrou os joelhos ligeiramente, saltou e bateu os calcanhares, em seguida, pousou levemente na planta dos pés. Ela não cambaleou, não machucou nada, e seu vestido flutuou ao redor dela da maneira exata que deveria.

— *Très magnifique*! — O mestre de dança Analousiano havia voltado para o salão com Lady Margaret. Ambos os adultos aplaudiram Poppy vigorosamente. — *Très, très magnifique, mademoiselle*!

—Oh! — Poppy brincando com a gola do seu vestido. — Eu realmente não pensei... Eu realmente não me importo em dançar.

— Mas mademoiselle *deveria* gostar de dançar. — O homem insistiu. — Mademoiselle é muito, muito graciosa. Ponha de lado a coisa tricotada, mademoiselle, e dance! — Ele começou a bater acelerado com os pés no chão em um ritmo. — Dance, dance!

— Aqui, eu serei o cavalheiro. — Disse Marianne ansiosamente.

Antes que ela pudesse protestar, Poppy encontrou suas mãos presas e ela cegamente seguiu sua amiga pelos intrincados passos de uma pavane[7]. Ela fez outro entrechat e quase caiu dessa vez.

As batidas da bengala do mestre da dança e as mãos de Marianne agarrando as suas no momento em que ela desceu do entrechat a faziam pensar nos Baile da Meia-Noite de sua infância. Ela estava usando um vestido azul, e quando ela teve um vislumbre de si mesma nos longos espelhos na parede do salão de baile, isso a lembrou do vestido azul meia-noite que ela tinha usado no último Baile da Meia-Noite. Ela estava meio que esperando que seu cunhado Galen entrasse no salão, então quando a porta se abriu e um jovem alto entrou, ela parou tão abruptamente que Marianne pisou na ponta dos pés.

— Espero não estar interrompendo. — Disse o príncipe dinamarquês. — Percebi que íamos cavalgar esta tarde. Mas se as mulheres preferirem dançar... — Ele ofereceu a mão para Poppy, que estava muito nervosa para pegá-la.

— Oh, meninas, esqueci completamente! — Lady Margaret bateu palmas. — Sua Alteza pediu para levar vocês duas para cavalgar, já que gostou

tanto de conhecer Marianne e não teve tempo de conhecer Poppy. — E Lady Margaret orgulhosamente apresentou Poppy ao Príncipe Christian.

Poppy sorriu educadamente e pegou seu tricô.

— Vamos colocar nossas roupas de montaria, Marianne. Não vamos deixar você esperando por muito tempo, Príncipe Christian.

Ela pegou o braço de Marianne e correu escada acima. Uma vez de volta em seu próprio quarto, ela usou todas as melhores maldições de soldados que conhecia.

Agora que eles a tinham visto dançar e sabiam que ela não era uma péssima dançarina, como muitos presumiam, as pessoas estariam atrás dela para dançar o tempo todo! Os Seadowns eram gentis, e ela sabia que eles suspeitavam que alguma dor emocional a impedia de dançar, mas Marianne era muito alegre para entender a verdade. E o príncipe? Ele naturalmente presumiria que ela o estava esnobando se não dançasse com ele no próximo baile.

Seu espartilho de montaria era amarrado na frente, o que era uma bênção, já que sua linguagem teria ofendido os ouvidos de qualquer criada que viesse ajudar. Ela se vestiu e calçou as botas em tempo recorde. Olhando no espelho, viu que seu cabelo parecia bem arrumado. Ela não tinha uma criada e, por isso, quando precisasse de ajuda para se vestir, teria de tocar a campainha e receber a ajuda da empregada do andar de cima que atendesse o chamado. Era tão provável que fosse a infeliz Ellen quanto Gabrielle, a formidável empregada de Lady Seadown, e então Poppy tem se vestido muito sozinha ultimamente.

Enquanto descia as escadas para encontrar Marianne e o Príncipe Christian, Poppy procurou em seus sentimentos para decidir por que Ellen a interessava tanto. Ela pensou que talvez fosse porque queria ter pena de Ellen,

seria horrível passar de uma vida privilegiada para ser uma serva, mas a atitude da garota tornava isso impossível. E também havia culpa. Culpa por ter riqueza (embora não tanto quanto a maioria das princesas), culpa por seu pai e suas irmãs ainda estarem vivos. Mesmo assim, ela ainda não conseguia se sentir completamente caridosa com Ellen.

— Você parece um pouco... qual é a palavra? Oh, *pensativa*, Princesa Poppy. — Disse o Príncipe Christian quando ela se juntou a ele. Marianne ainda estava se trocando. — Espero não ter ofendido você quando entrei no salão de baile. O mordomo parecia pensar que não haveria problemas.

Ele falava bretão com um sotaque leve não muito diferente do de Poppy, tinha olhos azuis brilhantes e um sorriso envolvente. Poppy se encontrou sorrindo de volta, seu humor melhorando.

— Oh, não. — Disse ela, acenando com a mão levianamente. — Eu estava pensando em algo totalmente diferente.

Ela o observou francamente, não tendo dúvidas de que ele estava acostumado a isso. Afinal, ela estava. Ele realmente era bonito, decidiu. Talvez dois anos mais velho do que ela, e sua família não tinha perdido um filho para a maldição de sua família, nem ameaçado de violência contra eles durante aquele período ruim. Um nó de tensão em seu estômago que ela nem sabia que estava ali se soltou.

— Somos iguais. — Disse ela. — Embora eu não seja herdeira de meu pai. Por que você simplesmente não me chama de Poppy. — Ela sempre pensou que *Princesa Poppy* soava muito como um nome para um cachorro pequeno.

— E você deve me chamar de Christian. — Ele disse, dando a ela um sorriso ainda mais caloroso. Sim, ele era terrivelmente bonito.

— Oh, bah! — Marianne disse enquanto descia as escadas. — Demorei muito e agora vocês queridos quase me deixaram para atrás.

— Isso vai te ensinar a passar o dia todo enfeitando-se. — Poppy disse, piscando para Christian e pegando seu braço. — Mais cinco minutos e teríamos fugido.

— Nunca se sabe. — Disse Marianne, fingindo fazer beicinho. — Vamos? — E ela liderou o caminho para as baias, onde Christian observou a égua de Poppy com grande diversão.

— Sim? — Poppy ergueu uma sobrancelha. Ela não era uma boa amazona, mas na Bretanha pareciam viver a cavalo quando não estavam dançando, então ela fazia o possível para acompanhar.

— Isso é um cavalo ou um pufe grande?

— Oh, silêncio, não podemos todos montar em criaturas assim. — Ela respondeu. Ele tinha acabado de montar um garanhão baio com olhos selvagens e narinas dilatadas. — Parece que ele vai me comer.

— Melhor não chegar muito perto, então. — Disse Christian.

Poppy fez uma careta para ele.

Os três desceram a rua até o Parque Rother-Hythe, onde todo o pessoal da moda cavalgava. Poppy ficou satisfeita em ver que ela não era a única jovem cavalgando um cavalo adequado para crianças e idosos. Embora ela tenha notado que a maioria das jovens cavalgando tais cavalos parecia singularmente descuidadas, e tomou a resolução de se tornar uma amazona melhor.

Sentindo sua distração, Christian deu-lhe um olhar interrogativo.

— Há algo de errado com o seu gordo e velho corcel?

— Oh. — Poppy riu. — Estava a pensar que é mesmo uma pena estar montando apenas esta pobre criatura. Se meus cunhados foram homens de cavalaria, tenho certeza de que já estariam pulando sebes.

— Seus cunhados?

— Estou morrendo de vontade de conhecê-los pessoalmente. — Disse Marianne. — Galen e Heinrich parecem divertidos. Poppy pode cuspir, praguejar e jogar como um soldado. — Em seguida, um rubor manchou suas bochechas. — E você sabe que quero dizer isso no bom sentido, Poppy. — Ela se apressou em acrescentar.

— Eu sei. — Poppy disse, corando.

— Mesmo? — Um sorriso apareceu na boca de Christian. — Então é verdade que você realmente joga cartas durante os bailes?

— Pode ser muito chato assistir outras pessoas dançando. — Poppy disse a ele. Ela desejou que sua pele clara não mostrasse seus rubores tão facilmente.

— Você é uma dançarina muito boa. — Disse Christian, perplexo. — Não vejo por que você tem que apenas assistir.

Poppy estremeceu. Ela sabia que não deveria ter falado em dança novamente.

— Eu não vejo dançar como entretenimento. — Ela disse em voz baixa. — Vejo isso como algo que eu *tinha* que fazer, gostasse ou não. — Ela olhou além de Christian para as árvores, brevemente imaginando uma floresta de prata, agitada por um vento que nenhuma outra criatura sentia. Pelo menos seu rubor tinha sido afugentado.

— Oh. — Disse Christian, ainda confuso. — Entendo.

Marianne acalmou a tensão contando a história do primeiro baile de Poppy em Bretanha.

— Ela entrou direto na sala de jogos de braço dado com Dickon Thwaite! Você conheceu Dickon, Vossa Alteza? Quer dizer, Christian? Ele é muito divertido, com certeza você vai gostar dele. — Ela balbuciou.

— Ele também é muito bonito e doce com Marianne. — Poppy disse com o canto da boca.

— Todo mundo estava olhando. — Marianne continuou ignorando Poppy. — Então papai veio em seu socorro e realmente jogou algumas mãos de cartas com eles. E ele não toca em cartas há anos!

Poppy ainda achava isso intrigante.

— Mas ele é muito bom e estava sentado na sala de jogos quando entramos. Tem certeza que ele não joga mais?

— Oh, ele costumava jogar o tempo todo. — Disse Marianne. —E ele nunca perdeu. Mas isso incomodava muito a mamãe, então ele parou. — Ela encolheu os ombros. — A maioria dos amigos do papai joga, então ele se senta na sala de jogos nos bailes para falar com eles.

Christian pareceu aceitar essa explicação prontamente, mas Poppy ainda se perguntava sobre isso. Lorde Richard fora especialista no manejo das cartas nas poucas ocasiões em que ela jogara com ele. Ela tinha o vencido todas as vezes, mas por pouco, e pelo menos uma vez ela suspeitou que ele a tinha deixado vencer.

Isso a enfureceu na época, mas agora a deixou curiosa. O que aconteceu com Lorde Richard para fazê-lo desistir de algo que amava? Lady Margaret era maravilhosa, mas sua desaprovação deve ter sido dura para ter causado esse efeito. Por enquanto, Poppy viu que Lorde Richard não perdia para ser educado: ele havia perdido porque realmente não queria vencer.

Ou talvez ele estivesse com medo de vencer.

Capítulo 9

Reluzente

— Vamos, príncipe Christian, entre. — O rei Rupert de Bretanha acenou para seu jovem hóspede em seu escritório.

Christian entrou, curvou-se e esperou que o rei lhe desse permissão para se sentar. O rei Rupert gostava de cerimônias e se recusou a abandonar o título de Christian. Na verdade, seus próprios filhos o chamavam de *Magestade* e uma vez que Christian ouviu Hermione cumprimentar seu pai como *Sua Eminência*. Tornava as refeições muito artificiais.

— Você queria me ver, Sua Majestade? — Acenando para uma cadeira, Christian endireitou-se e colocou as mãos nos braços da cadeira. Seus dedos queriam traçar o intrincado trabalho, mas ele sabia que o rei também odiava quem ficava inquieto.

— De fato, príncipe Christian. De fato, eu queria.

O rei se sentou atrás de uma grande mesa, ambas as mãos espalmadas no mata-borrão, e observou Christian. Christian sorriu educadamente e não se contraiu nem desviou o olhar. Ele não tinha cometido nenhum crime de que estava ciente, mas um sentimento de culpa criou raízes nele mesmo assim.

— Tenho certeza de que seu pai real, o rei Karl, lhe contou sobre o motivo oculto por trás dessas pequenas visitas de Estado — Disse o rei Rupert.

— Hum, sim? — Christian não tinha certeza do que ele estava perguntando. O Rei Rupert não poderia ser grosseiro o suficiente para falar sobre casamento dessa forma.

— Então, qual é a sua intenção em relação às minhas filhas?

Christian engasgou. Aparentemente, o Rei Rupert realmente *poderia* ser tão grosseiro.

— Você está pensando em se casar com Hermione ou Emmeline?

— Hum, temo que não... As garotas são muito jovens... — Christian sentiu calor e frio ao mesmo tempo. Se Bretanha estava procurando uma aliança por meio do casamento, ele não queria causar uma guerra recusando-os imediatamente. Por que o rei Rupert não conversou sobre isso com o pai de Christian em vez de emboscá-lo dessa forma?

— Depois do Ano Novo, acredito que você vá para a Analousia?

— Acho que sim. — Christian lutou para recuperar a compostura.

— Eu não quero perder você para Analousia, ou Espanha. — Rupert disse sem rodeios. — Se eles se voltarem contra nós, como a Analousia foi atrás de Westfalin alguns anos atrás, você seria forçado a ficar do lado deles. Hmmm. — Ele acariciou seu bigode impressionante. — Talvez outra pessoa possa funcionar. — Ele olhou para o nada, aparentemente esquecendo que Christian ainda estava na sala.

Olhando para o relógio, Christian percebeu que estava quase na hora de encontrar Marianne e Poppy na Galeria Real. Ele respirou fundo e se levantou, curvando-se.

— Se Vossa Majestade me dá licença? Um certo dever real chama.

— Sim, sim, continue, Príncipe Christian. — O Rei Rupert estava ocupado fazendo anotações em um pedaço de papel.

Na galeria, Poppy e Marianne riram de sua narrativa em pânico dessa entrevista.

— Alguém? — Marianne balançou a cabeça. — Eu sou uma prima da família real, mas eu tenho minha cabeça definida para outra pessoa, você sabe. — Ela corou e Christian sabia que ela estava pensando em Dickon Thwaite.

— E estou fora de questão. — Brincou Poppy, pegando seu braço para que ela e Marianne o flanqueassem. — Mamãe era prima do rei Rupert, mas imagine se papai se voltasse contra Bretanha! Oh, que escândalo!

— Seu pai iria se voltar contra eles? — Christian estava apenas vagamente curioso. Com uma garota em cada braço, ele estava recebendo uma série de olhares invejosos e gostando muito deles.

— Oh, céus, não! — Poppy baixou a voz. — Vamos encarar os fatos, o Rei Rupert pode ser horrível, mas meu pai ainda gosta de manter uma boa relação com ele. — Ela suspirou. — É por isso que estou aqui.

— Seu pai mandou você, especialmente? — Christian não pôde deixar de pensar que a ousada Poppy era uma escolha estranha para embaixador.

— Ah, não. Tirei o nome Bretanha de um chapéu. Hyacinth, que é muito religiosa, é a única que não fez isso: o Pai mandou-a para Analousia para impressioná-los com a nossa religiosidade.

Christian ficou fascinado.

— Vocês tiraram a sorte para ver quem iria para onde?

— Ninguém se importou com qual deles elas pegaram. — Ela disse com um encolher de ombros. — E Lilac e Orchid queriam ir para Espanha. Algum ator famoso está fazendo uma peça lá nesta temporada. Então, papai usou o chapéu para tornar as coisas iguais.

— Então, vocês doze...

— Nove. — Ela o corrigiu. — Hyacinth foi enviada para Analousia, e Lily e Rose são casadas. Ninguém quer uma princesa casada. — Ela riu ironicamente.

— Verdade. — Ele fez uma pausa. — Isso não te incomoda?

Poppy balançou a cabeça.

— Não deveria. — Marianne acrescentou. — Qualquer menina com um dote é informada desde o dia em que nasce que ela tem que se casar com a pessoa certa, pelos motivos certos, na hora certa. — Ela fez uma careta. — Tudo o que você pode esperar é que ele tenha dentes. E cabelo.

— Oh, não seja tão má. — Disse Poppy. — Seus pais nunca forçariam você a se casar com alguém de quem você não gostasse.

Eles deixaram a galeria e foram para o terreno. A Galeria Real ficava em uma grande mansão com extensos jardins atrás, que eram uma obra de arte por si só. As árvores haviam sido esculpidas em cones perfeitamente lisos e as sebes tinham o formato de serpentes marinhas e outras criaturas fantásticas.

— Nada mal. — Disse Poppy com um olhar crítico. — Mas aquele teixo[8] está nas últimas.

— Uma especialista em jardinagem, não é? — Christian gostava de Poppy, mas ele a achava uma garota bastante estranha. Ela odiava dançar, mas era muito boa nisso, e mansamente cavalgava todos os dias, apesar de ser uma péssima amazona. Ela jogava e podia xingar de maneira bastante pitoresca (como ele descobrira um dia, quando o cavalo mais agressivo que ela tentava montar a jogou no chão no parque). E embora ela afirmasse que gosta da arte feminina do tricô, as *meia*s nas quais ele a tinha visto trabalhando eram estranhamente grandes.

E agora parecia que ela era uma jardineira treinada.

— Na verdade, não me importo em cultivar nada sozinha. — Explicou ela. — Mas os jardins do meu pai são considerados os melhores de Ionia. Ele os cultivou para minha mãe, que estava terrivelmente com saudades de casa, e no início era apenas para lembrá-la disso. — Ela fez um amplo gesto com uma das mãos para indicar os extensos gramados verdes diante deles. — Mas, no final, ele ficou tão envolvido que até desenvolveu várias rosas novas.

— Como você desenvolve uma nova rosa? — Christian mal conseguia distinguir entre uma rosa e uma margarida.

— Eu realmente não sei. — Ela encolheu os ombros. — Mas todas elas têm o nome de minha mãe: Rainha Maude, A Bela Maude, Amada Maude. Uma das minhas irmãs perguntou uma vez por que meu pai não deu o nome de nenhuma de nós a uma rosa, e ele apontou o que o resto de nós estávamos pensando: quem chama uma flor de *Rosa de Poppy*[9]?

— Rosa Daisy[10]. — Marianne acrescentou.

Christian começou a rir, mas uma sensação estranha tomou conta dele. Estava acontecendo com maior frequência agora: os vislumbres de verde nos cantos dos olhos, o brilho fraco no ar. Acontecia principalmente quando ele estava perto de grandes janelas, mas caminhar pela Galeria dos Espelhos no palácio também o deixava inquieto.

Ele olhou em volta e viu uma pequena estufa meio escondida atrás de uma cerca viva. O vidro tinha um leve tom esverdeado, mas nada parecido com o que ele pensava ter visto.

— O que é isso? Eles têm flores exóticas? — Marianne olhou para a pequena estufa. — Pareceu verde por um momento, mas agora parece vazio.

— Verde? Você também viu? — Christian tentou não parecer muito ansioso. Ele pensou que seus olhos estavam pregando peças novamente.

— Eu não vi nada. — Disse Poppy. — Exceto os peixes nesse lago. — Ela parecia que ia espetar um deles com a ponta de sua sombrinha enrolada. Realmente, ela era uma garota estranha.

— Não importa. — Christian disse inquieto, conduzindo-as para longe da estufa e dos peixes. Com uma nota de indiferença forçada, ele perguntou se elas gostariam de se juntar a ele em uma casa de chá próxima para um lanche.

— Claro que sim. — Disse Poppy, virando as costas para a lagoa prontamente. — As jovens estão sempre com fome, você sabe, porque não podemos comer adequadamente na frente de potenciais pretendentes.

— E quanto a mim? — Ele não tinha certeza se estava ofendido ou não.

— Você? Mas você é nosso amigo. — Poppy disse a ele, pegando o seu braço ao dele novamente. — Como um irmão mais velho.

— Ooh, eu adoro cobertura de morango. — Disse Marianne. A estufa de vidro verde parecia completamente esquecida.

Mas Christian não conseguia esquecer. O que isso significa?

E o que Poppy quis dizer com irmão *mais velho*?

Capítulo 10

Convidamos

Uma semana depois que Poppy visitou a Galeria Real com Christian e Marianne, a família Seadown recebeu um convite real. Eles estavam na sala de café da manhã e Poppy estava fingindo gostar de peixe defumado quando chegou.

O mordomo apresentou sua bandeja de prata com o grosso convite com grande reverência, e Lady Margaret pareceu um pouco cautelosa ao pegá-la. Embora Sua Senhoria fosse prima do rei, os convites reais tinham sido muito escassos desde que Poppy chegou. A princesa foi apresentada ao rei Rupert e à rainha Edith, mas, fora isso, não havia posto os pés no palácio. Poppy esperava que suas irmãs estivessem recebendo uma recepção mais calorosa, de suas cartas que parecia ser o caso.

Marianne estava praticamente quicando em sua cadeira de empolgação.

— Haverá uma festa? Com fogos de artifício? — Ela se virou para Poppy. — É quase o aniversário da rainha. No ano passado eles fizeram uma festa, com comida e música e fogos de artifício! — Seus olhos assumiram uma aparência sonhadora. — E Dickon Thwaite me beijou em um caramanchão de rosas...

Lorde Richard largou o jornal.

— O jovem Thwaite fez o quê?

Marianne corou rosa brilhante e colocou aos seus arenques defumados no prato. Poppy pegou o olhar de seu anfitrião e os dois sorriram.

— Seja o que for. — Disse Lorde Richard suavemente enquanto voltava ao seu jornal. — Espero que desta vez esteja devidamente acompanhada. E que há uma sala de jogos para Poppy.

Lady Margaret leu o convite duas vezes.

— Isso é muito emocionante. — Disse ela finalmente. — E também um pouco... incomum.

— Nos digam! — Marianne tentou arrancar o convite da mãe, que calmamente o segurou fora de seu alcance.

— Bem, parece que não haverá apenas uma festa de gala para o aniversário da rainha, mas um baile de máscaras duas semanas depois também. — Lady Margaret abanou a cabeça. — O rei Rupert nunca fez algo assim antes.

—O rei Rupert nunca quis tanto que um hóspede se casasse. — Comentou Lorde Richard por trás do jornal. — Ter laços com a marinha de Danelaw não é nada desprezível, e as princesas são muito jovens para Christian.

— É melhor eu não ir. — Disse Poppy. — Me ver só vai lembrar a todos de Alfred, e a Rainha Edith também detesta o jogo.

Seus anfitriões protestaram, mas Poppy foi inflexível. No andar de cima, Marianne continuou a importunar Poppy. Poppy estava deitada na cama da outra garota, tricotando algo azul claro e felpudo.

— Não seja idiota, Poppy, você deve vir. — Marianne estava posando em frente ao espelho, sugou as bochechas para dentro da boca e batendo os cílios.

— O que é isso que você está fazendo agora? Ligas gigantes para combinar com as meias gigantes?

— Essas meias ficaram lindas, muito obrigada. — Poppy respondeu. — Já que você continuou zombando delas, pretendo dá-las para sua mãe no Natal. Este é um lenço.

— Ooh, para Christian?

— Para você, na verdade, já que zombou das meias para dormir. — Poppy disse secamente. Ela se sentou e segurou a coisa azul enrolada contra o pescoço de Marianne. — Não com esse vestido, é claro. — Ela disse. — Ele vai cair em uma longa onda. Você vai adorar, especialmente com seu vestido azul escuro.

Um suspiro pesado precedeu a criada, Ellen, quando ela entrou.

— Eu gostaria de ter mais de um vestido. — Ela murmurou.

— Você tem. — Poppy disse brevemente. — Eu os vi.

Ellen lançou-lhe um olhar maligno.

— Não são bons.

Poppy desistiu e voltou sua atenção para o tricô. Ellen parecia saber que a Sra. Hanks nunca a despediria, e ela usou isso como uma desculpa para se dirigir a Poppy e Marianne como se ela fosse uma conhecida social isso era bastante aborrecido. Ela não era estúpida, porém, e era respeitosa o suficiente sempre que um adulto estava por perto.

— Sua Senhoria disse que o costureiro estará aqui em breve para discutir seus novos vestidos, Lady Marianne. — Disse Ellen. — A princesa também, se ela quiser. — Seu tom azedo deixou claro que ela pensava que Poppy era uma idiota por não querer um vestido de baile novo.

Ellen caminhou pelo quarto, limpando e arrumando as cadeiras ruidosamente. *Espionagem*, pensou Poppy, enquanto Marianne examinava sua coleção de revistas, em busca do vestido certo.

— Quero algo espetacular para o baile de máscaras. — Disse ela a Poppy. — Isso vai ser realmente grande. Mas você vai precisar de pelo menos um vestido novo: meu baile de aniversário será bem entre as duas festas reais! — Ela fez uma pausa. — Espero que todos não estejam muito ocupados para vir ao meu aniversário.

— É claro que naturalmente irei. — Poppy tranquilizou Marianne. — Todos irão! Eu simplesmente não sei sobre o baile de máscaras no palácio.

— Você realmente deveria comparecer. — Disse Lady Margaret, entrando no quarto.

— Eu nem tenho certeza se fui convidada. — Disse Poppy, procurando uma desculpa para sair das celebrações reais de uma vez por todas. — Se fosse pela família Seadown... No passado, convites vieram especificamente para mim. — Ela sorriu interiormente, pensando que havia acertado na resposta perfeita.

— Na verdade, o que foi dito foi que *toda jovem elegível foi convidada junto com seus tutores.* — Lady Margaret deu a Poppy um sorriso triunfante. — Acontece que você é uma jovem elegível.

— E eu também. — Disse Ellen.

Elas se viraram para olhar para ela.

— Eu sou uma jovem elegível. — Ela disse mais alto. Ela ergueu o queixo. — E você sabe que eu não nasci criada.

Poppy deu um assobio baixo. Ela teve que admirar a bravura de Ellen. O mau humor era uma coisa, mas expor sua queixa na frente da empregadora era outra bem diferente.

Lady Margaret, entretanto, não ficou nem um pouco perplexa. Ela sorriu para Ellen e deu um pequeno aceno de cabeça.

— Isso é verdade, minha querida. — Ela disse. — E não há razão para que você não vá aos bailes. Teremos alguns vestidos...

— Não preciso da sua caridade, obrigada. — Interrompeu Ellen, com o rosto ficando vermelho. — Vou pegar meus próprios vestidos.

Deixando cair seu tricô, Poppy nivelou seu olhar para Ellen.

— Você poderia ser um pouco mais agradável!

— Está tudo bem, Poppy. — Lady Margaret disse suavemente, entregando a Poppy suas agulhas e emaranhado de lã. — Se você mudar de ideia, Ellen, por favor, me diga. Eu ficaria feliz em ajudá-la a encontrar alguns vestidos adequados. — Ela sorriu para a jovem.

— Eu não preciso de caridade. — Ellen repetiu, seu rosto sombrio.

Ellen desconcertada saiu e elas conseguiram respirar novamente.

— Você pensaria que ela ficaria um pouco mais grata. — Disse Poppy. Isso foi tão gracioso quanto ela conseguiu.

Lady Margaret abanou a cabeça.

— Pobre criança. A vida tem sido difícil para ela.

— Seria terrível passar de dama para uma criada. — Marianne concordou. Então ela torceu o nariz. — Mas eu gostaria que ela não gritasse com a gente. Não somos responsáveis pela queda de seu pai!

Poppy franziu os lábios.

— E se você mandasse fazer um vestido de baile, supostamente para mim, e o entregássemos a Ellen para que não fosse desperdiçado? Já que não vou ao baile.

— Sim você vai! — Marianne cutucou Poppy nas costelas.

— Uma ideia interessante, porém, Poppy, — Disse Lady Margaret. — Eu não sei onde ela conseguirá um vestido de outra forma. Talvez eu mande fazer um de Marianne para ela, então não parece muito arrogante.

— Só não deixe Ellen ajudar. — Disse Poppy. — Não vai adiantar nada se ela colocar fogo tentando desfazer uma ruga.

Elas ouviram um som de batida na porta.

— O costureiro, senhora. — Disse o mordomo, e elas o seguiram até a sala de estar onde o homenzinho agitado estava esperando com seus cadernos de moldes e fitas métricas.

— Todas as três de nós precisamos de vestidos para a próxima festa real e o baile de máscaras. — Lady Margaret disse a ele. — Até Sua Alteza. Isso além dos vestidos que encomendamos para o baile de aniversário de Marianne, é claro.

— Ah, um par de jovens encantadoras. — Disse o homem. — Com cabelos tão escuros e belas figuras, elas poderiam ser irmãs. E você, Lady Margaret, uma terceira irmã, apenas um pouco mais velha. — Ele se curvou e beijou a mão dela.

Poppy arfou, mas consentiu em olhar o livro de modelos. *Quem sabe? Posso decidir participar*, pensou ela. *Nem que seja para manter Marianne e Dickon Thwaite longe dos caramanchões.*

Capítulo 11

Afilhada

Ardentemente capaz de acreditar em sua sorte, Ellen voltou para o estreito quarto que compartilhava com uma das outras criadas. Lady Margaret havia dito que ela poderia ir à festa real! Sua Senhoria até se ofereceu para mandar fazer vestidos para ela, mas Ellen tinha outro plano.

Essa era sua chance. O príncipe estrangeiro estaria lá, ela tinha visto o príncipe Christian quando ele veio visitar Marianne e Poppy, e ele era muito bonito e gentil. Além disso, ele não saberia sobre sua família, sobre seu passado, e ele poderia tirá-la daqueles que a conheciam. A Sra. Hanks nunca a deixou servi-lo, para o caso de ela derramar algo sobre Sua Alteza, e isso era tudo para o bem agora. Ela não gostaria que ele a reconhecesse no baile.

Mas Ellen precisaria estar deslumbrante para desviar seus olhos de todas as outras mulheres. E isso significava não apenas um vestido que havia sido dado a ela por caridade, mas joias, leques, sapatilhas de dança e uma fantasia para o baile de máscaras que deixaria todos que a vissem, atordoados. Os Seadowns, apesar de sua bondade, provavelmente não fariam tanto. Eles certamente não a apresentaria para ofuscar sua própria filha e sua amada Poppy.

Indo para o lavatório, Ellen refletiu que era estranho como as três eram parecidas: Poppy, Marianne e ela mesma, mas como suas circunstâncias eram diferentes. Poppy era uma princesa com algum tipo de escândalo misterioso unido ao seu nome, Marianne era uma herdeira rica que não pensava em nada além de vestidos e pretendentes, e Ellen era a filha de um conde que se passou a engomar roupa de baixo das outras garotas.

Mas tudo isso iria mudar. Em breve.

Ela ergueu a jarra cheia e lentamente começou a despejar água na bacia. Ela olhou fixamente para o líquido enquanto derramava.

— Madame Corley. — Ela chamou. — Madrinha? É Ellen... Eleanora!

No mesmo instante a água ficou verde e o rosto rechonchudo de sua madrinha apareceu.

— Olá, minha querida! O que você queria?

— Eu estou indo para um baile, para *dois* bailes. — Ellen deixou escapar em empolgação. — E eu preciso de vestidos! E sapatilhas! E leques e joias! Oh, por favor, madrinha, diga que você pode ajudar!

O sorriso de sua madrinha se alargou.

— Claro, claro, minha querida menina! Como estou feliz por você! Você terá o melhor de tudo, e todo jovem se apaixonará por você!

Ellen sentiu suas bochechas começarem a corar. Sua madrinha a ajudaria! Ela deslumbraria a sociedade nos bailes e seria levada para longe pelo príncipe Christian de cabelos dourados!

— Você precisará vir até mim para se preparar e colocar seus vestidos. — Disse a madrinha. — Despeje a água de volta na jarra, para que eu possa lhe ensinar o caminho para minha casa.

Com cuidado, Ellen despejou a grande bacia de volta na jarra e começou a despejar a água na bacia mais uma vez. Ela brilhou em verde imediatamente, e sua madrinha deu a ela as instruções para seu palácio.

Ela tinha suspeitado que sua madrinha não era apenas uma feiticeira gentil, mas também uma mulher de posição. E agora estava confirmado. A madrinha falava com grande entusiasmo com a perspectiva de Ellen chegar finalmente ao seu palácio, onde a menina poderia ser tratada como convinha ao seu nascimento. O único problema era que ela precisaria fazer isso antes da meia-noite, mas sem ser observada.

Ellen estava prestes a perguntar se havia alguma outra maneira, ou se ela não deveria esperar até que todos estivessem dormindo (o que seria algum tempo depois da meia-noite), quando o som do trinco girando a fez pular e derramar o resto da água para baixo de sua saia.

Lydia, a criada que dividia o quarto de Ellen, pôs as mãos nos quadris com nojo.

— Agora vou ter que carregar outra jarra d'água enquanto você se troca. — Ela reclamou.

— Sinto muito. — Sussurrou Ellen.

Mas não adiantou. Lydia a odiava. Ela tinha que fazer a cama de Ellen todos os dias, porque a Sra. Hanks exigia que os quartos das criadas estivessem sempre arrumados e Ellen nunca conseguia fazer os lençóis ficarem planos. Ellen nunca se lembrava de trazer duas jarras d'água, uma para ela e outra para Lydia também. A única vez que ela se lembrava, derramou ambas ao subir as escadas, e teve que limpar o líquido e encher novamente os jarros. Era como todas as suas outras tarefas: por mais que tentasse, ela era inútil.

E Ellen descobriu que era ainda mais inútil pelo resto do dia. Pensamentos de encontrar sua madrinha pessoalmente, de pôr os pés em um

palácio onde não se esperava que ela engomasse nada, encheram sua cabeça. Ela tropeçou e rasgou a bainha do vestido, derramou chá na colcha de Poppy e jogou os lenços recém-lavados de Marianne em um balde de carvão.

Foi com grande alívio que Ellen se viu banida para os quartos de hóspedes para espanar bugigangas com uma pluma de avestruz. Ninguém iria procurá-la por horas, e ela sempre poderia terminar de limpar o pó depois da meia-noite, quando voltasse de sua visita.

Além disso, havia poucos ornamentos valiosos aqui e se ela quebrasse algum, não seria uma grande perda. Na verdade, pensou que Lady Margaret poderia agradecê-la por quebrar um vaso em particular: tinha uma águia torta pintada nele, e uma das outras criadas disse a Ellen que teria sido jogado fora há muito tempo se não tivesse sido um presente da tia-avó de Sua Senhoria.

Enquanto ela rapidamente acendia a lareira menor e menos usado quarto de hóspedes, Ellen manteve os ouvidos atentos a qualquer som vindo do corredor. O galho não pegou fogo, e no final ela jogou seu próprio lenço para fazer a coisa queimar. Construir fogueiras era outra coisa que ela nunca poderia fazer corretamente.

Mas finalmente ela teve uma pequena fogueira alegre, no qual ela prontamente derramou um copo de água. Encolhendo-se, Ellen enfiou o rosto na fumaça que crescia e disse, conforme as instruções.

— Cinzas, cinzas, fumaça e água, leve-me para visitar minha querida madrinha!

A lareira se expandiu, estendendo-se como um gato se espreguiçando até chegar a uma porta alta. Ellen ficou de pé com dificuldade e subiu a saia bem alto para passar por cima da moldura da lareira, entrar nos restos sujos de sua fogueira e depois no corredor escuro.

Seu coração batia forte na garganta, mas mais com excitação do que com medo. No final do corredor havia uma luz forte e ela podia ouvir música.

Após oito anos de abandono, ela finalmente encontrou alguém que a queria.

Capítulo 12

Pesadelo

Correndo pelos corredores intermináveis esculpidas de pedra negra, Poppy suspirou e levantou sua longa saia superior. Ela não conseguia se lembrar como ela chegou aqui, mas sabia exatamente onde estava: para seu desespero estava no palácio de pedra negra do Rei Sob a Pedra. Vestida com um dos vestidos da corte cor roxa, ela correu corredor após corredor. Nenhuma das portas se abriria para seu puxão frenético, mas mesmo se uma delas abrisse, não a ajudaria a escapar. Havia apenas uma porta para fora do Palácio Sob a Pedra, e ela não conseguia encontrá-la.

Ela dobrou uma esquina e diante dela estava o arco dourado prateado que levava ao salão de baile. As velas altas lá dentro estavam bem iluminadas, e ela podia ouvir música estridente e risos agudos. Ela se virou, querendo evitar a atenção do rei e seus filhos, mas o corredor atrás dela havia se fechado, e agora não havia outro lugar para ir, exceto para a frente.

Ela se obrigou a respirar profundamente, inspirando e expirando, e recompor suas feições. Talvez eles não notassem que ela estava aqui...

E então ela se corrigiu. A Rei de que ela se lembrava havia sumido, morto por Galen com uma agulha de tricô de prata com o nome do rei há muito esquecido. Um de seus filhos era rei agora, e Poppy não sabia qual deles. Isso

significava que havia menos príncipes com que se preocupar também. Nenhum deles tinha sido tão inteligente quanto o pai, então era muito possível que ela escapasse da precisão.

Ela entrou no salão de baile e começou a contornar as bordas do chão. Um homem alto e esqueleticamente magro agarrou seus braços e a lançou em forma de dança. Ela tropeçou e teria caído, mas os outros dançarinos a colocaram de pé. Eles estavam rindo, suas vozes roucas machucando seus ouvidos. Eles a jogaram de parceiro em parceiro, seus sorrisos muito largos e dentes muito afiados enchendo sua visão.

— Pare!

Todos os olhos se voltaram para o estrado.

Em cima dele, uma figura esguia reclinada em um trono preto coberto com almofadas que seu pai teria zombado. O Rei Sob a Pedra, que já fora o príncipe Rionin, olhou para Poppy com as pálpebras pesadas. Ele tinha feito par com a irmã de Poppy, Jonquil, e era particularmente cruel. O sangue de Poppy gelou com o pensamento dele possuindo o poder de seu pai, e ela esperava que a corrente de Galen ainda estivesse segurando o portão. Mas se era, como ela tinha chegado aqui?

Muito mais assustador, pelo menos do ponto de vista de Poppy, era o jovem de pé à esquerda do trono. Era seu ex-pretendente, Blathen, e ele estava olhando para Poppy como se ela fosse um faisão assado e ele estivesse morrendo de fome.

— Meu querido irmão anseia por sua noiva perdida. — Disse o rei Rionin, colocando a mão na manga de Blathen.

Poppy puxou os longos grampos de cabelo de seu penteado e agarrou um em cada mão.

— Vou matar todos vocês primeiro, vou me matar primeiro!

As figuras no estrado apenas riram dela.

— Tão dramática. — Disse Blathen, sua voz acariciando.

Virando o rosto para não vomitar, Poppy viu a porta que dava para fora do salão de baile e para a entrada do palácio. Ela tentou chegar lá, mas os cortesãos bloquearam seu caminho. Ela tropeçou e caiu no chão duro. Os grampos de cabelo escorregaram de suas mãos e seu cabelo caiu sobre o rosto.

Ela o arrancou, em pânico...

...e se viu sentada em sua cama na mansão dos Seadowns.

Seu coração estava disparado e sua camisola estava grudada nas costas de suor, mas ela não conseguia relaxar até ter certeza de que tinha sido apenas um sonho. Um pesadelo, mais parecido. Ela empurrou o lençol para o lado e cambaleou até a janela, remexendo nas cortinas para espiar pela janela.

Lá estava a lua. Ela não estava no subsolo naquele reino sombrio. Ela encostou contra o parapeito da janela, e sua respiração saiu em soluços.

Poppy tinha pesadelos com bastante frequência, mas ela nunca os compartilhou com ninguém. Sabia que sua família acharia alarmante que Poppy durona e despreocupada, ainda fosse assombrada pelo Baile da Meia-Noite. Apenas duas de suas irmãs confessaram ter pesadelos com isso: Pansy, que foi a mais traumatizada por sua maldição, e Orchid, que era propensa a terrores noturnos de qualquer maneira.

Mas isso não tinha sido como qualquer outro pesadelo. Tudo era tão real: a sensação do vestido, o chão sob seus pés, a música. Era só porque ela estava em uma casa estranha, longe de sua família? Ou havia algo... errado?

Colocando seu roupão, Poppy desceu para fazer uma xícara de chá. Ela tinha acabado de colocar o pé no degrau de cima quando ouviu um barulho ao fundo do corredor.

— Olá? — Ela ficou com vergonha de ouvir que sua voz tremeu. — Quem está aí?

Houve um barulho de luta, e o suor que ainda umedecia as costas da camisola de Poppy congelou. Afastando-se da escada, ela segurou a longa camisola longe dos pés com uma das mãos e cuidadosamente cerrou o punho com a outra, como Galen e Heinrich haviam ensinado. Ela não queria quebrar nenhum dedo ao socar o intruso.

— Eu disse, *Olá*? — Ela ficou satisfeita por sua voz estar mais firme agora. Houve uma tosse fraca, e então alguém entrou na luz de uma das velas.
Era Ellen, e ela estava coberta de fuligem negra. Poppy olhou para ela com espanto. Ela tentou limpar uma das chaminés sozinha?

— O que diabos você tem feito? — Poppy só se lembrou de sussurrar no último momento. Elas estavam a apenas alguns metros do quarto dos Seadowns.

— Nada. — Disse Ellen, mas um sorriso misterioso apareceu em seu rosto manchado de preto.

Poppy teve o suficiente. Primeiro o pesadelo, agora Ellen vagando no meio da noite, espalhando cinzas nos tapetes e agindo como se tivesse algum segredo maravilhoso. A princesa arrastou Ellen pelo corredor até seu quarto.

— O que você pensa que está fazendo? — Poppy achou difícil repreender a garota em um sussurro, mas ela fez isso. — Os Seadowns te acolhem, te dão um emprego quando ninguém mais o faria, te oferecem vestidos para ir aos bailes reais, e você... você... — Ela jogou as mãos para o ar e então tentou novamente. — Você ainda quebra tudo que toca, queima as roupas no ferro de passar, e por que havia *areia* na minha fronha na noite passada? É *realmente* tão difícil ser uma empregada doméstica? — Ela olhou para Ellen à luz das velas que acendera em seu quarto para afastar as sombras do pesadelo.

Ellen olhou para os dedos sujos dos sapatos, espiando pela bainha fuliginosa. Quando ela finalmente olhou para Poppy, em vez de ficar com vergonha ou mesmo mal-humorada, seu rosto estava fervendo de raiva. Poppy deu um passo para trás em estado de choque.

— Sim! — Ellen gritou a palavra em Poppy. — Sim, *é* tão difícil ser criada, como você saberia se alguma vez tivesse levantado o dedo mínimo para fazer uma coisa simples para si mesma, *Alteza*! — Ela zombou ao dizer o título da outra garota. — Você sabe fazer um colchão de penas? Para passar renda? Para servir o chá de milady? — Ellen estava ofegante com a força de suas emoções.

— N-não. — Poppy gaguejou, ainda surpresa. — Bem, eu sei servir chá sem quebrar o... — Ela começou, mas Ellen a interrompeu.

— E você sabe como é sentir uma bandeja de porcelana chinesa saltar de suas mãos e se espatifar no chão? Sentir o ferro esquentar de repente, embora não esteja no fogão, e sentir o cheiro da roupa de baixo queimando? Para encontrar toalhas que você acabou de dobrar em desordem, embora ninguém as tenha tocado? Há algo terrivelmente errado comigo. Eu não era para ser uma criada. E eu apenas não posso fazer.

— Você não está queimando coisas de propósito? — Isso surpreendeu Poppy tanto quanto qualquer outra coisa que Ellen havia dito. Ela e Marianne presumiram que Ellen estava protestando contra seu *estado caído*, destruindo as roupas e deixando as camas desconfortáveis.

— Claro que não!

As lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Ellen e Poppy suprimiu um gemido. Ela nunca suportou ver ninguém chorando.

— Às vezes é como se algo tivesse tomado conta do meu corpo. — Ellen fungou. — Eu sei o que minhas mãos deveriam estar fazendo, mas não consigo fazê-las funcionar direito. Ou faço algo corretamente, e isso se desfaz assim

que eu virar as costas. — Ela estremeceu. — É uma sensação horrível. Acho que a má sorte do meu pai me amaldiçoou.

Poppy sabia que Ellen provavelmente estava falando no sentido metafórico, ou pelo menos sendo histriônica, mas as palavras a gelaram. *Amaldiçoou*. Poppy sabia tudo sobre ser amaldiçoada, sobre encontrar seu corpo fazendo coisas que você não queria que ele fizesse. Como dançar a noite toda, mesmo com os pés sangrando dentro das sapatilhas gastas.

Ela estreitou os olhos e observou a outra garota. Talvez Ellen tenha sido amaldiçoada, mas por que e por quem? Sua vida já estava em frangalhos, de que adiantaria arruinar sua carreira de serva?

É claro que não havia sinais externos de que Ellen estava amaldiçoada. Em vez disso, o que havia era uma grande quantidade de cinzas e fuligem caindo no tapete de Poppy.

— Mas por que você está tão suja? A Sra. Hanks disse para você limpar todas as chaminés no meio da noite?

As lágrimas de Ellen secaram como por mágica, e uma expressão astuta e séria tomou conta de seu rosto.

— Só estou tentando cumprir meu dever. — Ela disse rigidamente. — Se Vossa Alteza me der licença. — Não era uma pergunta, e Ellen certamente não esperou por uma resposta. Ela deu as costas para Poppy e saiu do quarto.

Poppy se jogou em sua cama.

— Outro mistério que não tenho certeza se quero resolver. — Ela murmurou para si mesma.

Capítulo 13

Esgrimista

Querida mãe e pai, por favor ajudem!

Estou sendo leiloado pelo maior lance pelo Rei Rupert. Já que deixei claro que não tenho nenhum interesse matrimonial na princesa Hermione ou na princesa Emmeline, o rei determinou que encontrarei uma esposa entre a nobreza bretã. Estou começando a entrar em pânico, e as férias para o meu retorno ao lar só daqui mais de um mês. O que devo fazer?

Seu filho devotado,

Christian

Obs: Eu me tornei um bom amigo da princesa de Westfalin, Poppy. Ela é tremendamente divertida, de forma alguma a feiticeira perigosa que se diz. Ela não dança (mais), mas é implacável nas cartas. Você gostaria dela, mãe.

Christian lacrou a carta e chamou um lacaio para enviá-la. Ele pensou em ir ele mesmo, mas estava se escondendo em seu quarto. O Rei Rupert foi muito franco sobre seus motivos para ter bailes e o fato de Christian estar horrorizado passou direto pela cabeça do rei bretão. A princesa Emmeline estava irritada

por ele não a ter escolhido, apesar da óbvia inadequação de sua tenra idade, mas parecia concordar com seu pai que Christian deveria pelo menos se casar com uma dama bretã, e imediatamente.

Ele havia tentado apaziguá-los, dizendo que talvez em alguns anos, quando Emmeline fosse mais velha, ele poderia retornar e eles veriam se combinavam. Embora tivesse jurado em particular nunca mais pôr os pés em Bretanha apenas para evitar ter que se casar com Emmeline, ele pensou que isso poderia ajudar. Mas não, o rei era insistente: ele veria Christian noivo até os feriados e não haveria discussão.

Esperando que seus pais realmente não estivessem envolvidos no plano do rei Rupert, Christian deixou a carta na bandeja no corredor para o mordomo enviar. Um pouco atrasado, ele teve que se esforçar para se vestir para a noite.

Os Thwaite estavam dando um jantar para comemorar o retorno de seu filho mais velho de uma viagem ao Extremo Oriente. Haveria música e cartas depois, e Poppy com certeza estaria lá com os Seadowns. Christian adoraria ver Poppy ganhar nas cartas.



Dickon Thwaite avançou e Christian facilmente se afastou. Uma esquiva. Uma estocada. Outro golpe e Christian bateu no peito de Dickon com a ponta protegida de seu florete[11].

— Um acerto! — O mestre de esgrima bateu palmas. — Muito bom, Alteza!

Fazendo uma careta, Dickon balançou a cabeça quando Christian ofereceu outra rodada.

— Você só vai ganhar de novo. — Disse ele sombriamente. — Dê uma boa surra no Roger, por que não?

Christian enxugou o rosto na toalha que um servo lhe ofereceu e se virou para olhar interrogativamente para o irmão Thwaite mais velho. Foi no dia seguinte ao jantar dos Thwaite, quando Christian encontrou uma amizade instantâneo com o irmão mais velho, Roger. Mais alto e sofisticado que o irmão mais novo, Roger já era perseguido por várias mulheres, apesar de estar em casa há apenas uma semana.

— Devemos? — Christian mostrou seu florete.

— Com prazer. — Roger pegou sua própria arma e avançou até o centro do chão, onde as tábuas polidas haviam sido polvilhadas com resina em pó para evitar que os combatentes escorregassem. — Mas esteja avisado: aprendi algumas coisas em minhas viagens.

— Gosto de desafios. — Christian sorriu e avançou.

— É por isso que você está cortejando a Princesa Poppy? — Roger defendeu-se facilmente e puxou conversa como se estivessem tomando chá.

Christian quase deixou cair seu florete, e só conseguiu pular para fora do caminho do próximo ataque de Roger.

— Cortejando Poppy? Somos amigos. —Ele disse fracamente. O suor escorria por seu rosto, mas era da esgrima. Claro.

— Ah...

— Roger também tem gostos ousados para mulheres. — Disse Dickon do outro lado da sala. — É por isso que ele foi para o Extremo Oriente.

Roger parecia irritado.

— Na verdade, atendi ao pedido do rei, como parte da comitiva do novo embaixador. — Disse ele friamente. Ele não estava nem um pouco sem fôlego, enquanto Christian pensava que ele poderia ter que desistir antes de desmaiar.

— Como foi realmente?

No jantar da noite anterior, a maior parte da conversa fora sobre o inconveniente da viagem e a estranheza geral dos estrangeiros, segundo a mãe de Lady Thwaite. Poppy e Christian aparentemente não eram considerados estrangeiros, visto que falavam bretão e usavam roupas que a senhora idosa parecia pensar que os estrangeiros evitavam.

— Fascinante. — Disse Roger, e então atingiu Christian, pressionando a ponta protetora diretamente no centro do esterno do príncipe dinamarquês.

— Um golpe. — Disse o mestre de esgrima, e bateu palmas para encerrar a luta. — Muito bom, Lorde Roger.

— Obrigado. — Roger entregou seu florete a um criado, pegou uma toalha e voltou-se para Christian. — O Extremo Oriente está impregnado de magia de uma forma que o nosso lado do mundo não esteve em séculos. — Disse ele. — Quando voltei e ouvi sobre a princesa Poppy e suas irmãs, e as estranhas mortes que as cercaram alguns anos atrás, bem, deixe-me apenas dizer que não sou tão propenso a zombar dessas histórias como algumas pessoas.

Ainda segurando sua arma, Christian sentiu seu rosto endurecer.

— O que você quer dizer? — Se Roger estava insultando Poppy...

— Eu simplesmente quis dizer que, se qualquer coisa mais estranha explodir em torno das princesas de Westfalin, recomendo que você preste atenção até mesmo aos rumores mais bizarros sobre seu passado.

— Como a princesa Rose esfaqueando alguém com uma agulha de cerzir? — Dickon se esgueirou para escutar e agora ria. — Que tipo de dano isso poderia causar?

— Pelo que ouvi. — Roger disse, dando ao irmão um olhar de repreensão. — O marido de Rose, Galen, usou uma agulha de tricô para matar uma criatura que não era nada que eu gostaria de enfrentar.

Christian queria saber mais, muito mais, sem parecer que seu interesse era como um pretendente em potencial. Felizmente, ele já havia aceitado um convite de Dickon para um chá na mansão dos Thwaite após a diversão de esgrima.

Ele havia decidido aceitar todo e qualquer convite que recebesse para ir o mais longe possível do Palácio de Tuckington. A princesa Emmeline decidiu abruptamente naquela manhã que estava com o coração partido por Christian, e estava vagando pelo palácio em um vestido monótono com o cabelo emaranhado, suspirando e enxugando os olhos com um lenço até tornar-se a pele ao redor deles bastante vermelha. Christian suspeitava que tinha mais a ver com o romance Analousiano que a viu lendo no dia anterior do que com qualquer afeição por ele pessoalmente. Além disso, o Rei Rupert ficava saindo de seu escritório em momentos aleatórios para fazer perguntas a Christian, exigindo saber se o príncipe preferia mulheres gordas ou magras, morenas ou claras.

Era muito incômodo com as perguntas, e Christian se considerou sortudo por ter encontrado tantos amigos tão rapidamente em Bretanha. Ele sempre era bem-vindo nos Thwaites ou Seadowns, e outros convites chegavam com frequência. Claro, o último vinha de famílias com jovens damas elegíveis, mas qualquer coisa era melhor do que o palácio.

Foi muito fácil pedir informações a Roger sobre as princesas de Westfalin durante o chá. Embora não fosse alguém que gostasse de fofocar, Roger claramente acreditava que era mais uma questão de compartilhar um conhecimento possivelmente vital. A maior parte do que ele sabia dificilmente

era um segredo, no entanto. As princesas haviam usado suas sapatilhas de dança de alguma forma misteriosa quase todas as noites, e os príncipes que tentaram descobrir seu segredo morreram depois, mas nunca em solo Westfaliano.

O que Christian e Dickon nunca tinham ouvido antes, entretanto, era que um feiticeiro das trevas estava envolvido, e que o marido de Rose, Galen, estava trabalhando com alguns mágicos benevolentes para acabar com a maldição das princesas.

— Como você sabe disso? — Christian mexeu o chá, mas não bebeu, muito absorto, quase enjoado, pela história.

— Um herbalista da região da Rota da Seda do Leste esteve com o embaixador por um tempo, pouco antes de eu voltar para casa. Sua senhoria sofre terrivelmente com a dor de cabeça. — Roger explicou. Ele acrescentou açúcar ao chá e bebeu com seu jeito elegante. Na verdade, ele era um dos homens mais autocontidos e até graciosos que Christian já tinha visto. — Lon Qui conhecia os magos brancos que ajudaram esse Galen Werner.

— O que você disse sobre Galen?

A porta da sala tinha acabado de se abrir e Poppy e Marianne estavam lá. A boca de Marianne estava aberta de surpresa, mas Poppy parecia assassina. Ela agarrou sua bolsa como se contivesse uma arma. Percebendo que provavelmente continha algumas agulhas de tricô muito afiadas, Christian refletiu que sim.

— Ah, Alteza! — Roger realmente parecia perplexo. Ele se levantou rapidamente, o guardanapo caindo do joelho no chão. Christian e Dickon também se levantaram, mas tudo o que puderam fazer foi ficar ali parecendo culpados.

— O que você acabou de dizer sobre Galen? — Poppy exigiu uma resposta quando nenhum dos cavalheiros a ofereceria.

— Estávamos apenas, ah, conversando. — Roger disse evasivamente.

— Estou bem ciente disso e você parece estar falando sobre minha família. — A voz de Poppy estava gelada.

— Roger estava apenas nos dizendo que havia magia envolvida, quando seu cunhado... as sapatilhas... e tudo mais. — Christian balbuciou. Havia algo no rosto de Poppy. Ela não estava com raiva... parecia magoada. Havia muita fofoca sobre a família dela, e ele imaginou que nunca seria tão fácil entrar em uma sala e descobrir que você era o assunto da discussão.

— E o que Roger sabe sobre isso?

— Conheço um herbalista oriental, Vossa Alteza, que conhecia os mágicos que ajudaram seu cunhado. — Não demorou muito para Roger recuperar a compostura, Christian tinha que reconhecer isso.

— Que bom para você — Poppy retrucou. — Marianne? Estou indo embora, você deseja ficar?

— Não. — Disse Marianne. Ela lançou um olhar confuso para Dickon, que só conseguia abrir e fechar a boca como um peixe. — Bom dia, senhores.

Antes que Christian ou seus companheiros pudessem reagir, Poppy e Marianne haviam partido novamente, um lacaio as seguindo e parecendo tão envergonhado quanto Christian e os irmãos Thwaite.

Capítulo 14

Vestido

— Eu mudei de ideia. — Disse Poppy.

— O que, de novo? — A voz de Lady Margaret era divertida e calma.

Ela estava sempre calma. Poppy teve de admitir que se comportou melhor em face da sublime tranquilidade de Sua Senhoria. Mesmo agora, recusando-se a ir ao baile que ela tinha concordado em comparecer, Poppy estava tentando a serenidade ao invés de fugir da sala e se esconder.

— Espere um pouco antes de decidir. — Disse Lady Margaret. — Espere até ver seu novo vestido.

Tomando Poppy pela mão, Lady Margaret a conduziu até a janela, onde uma forma de vestido havia sido coberta com um fino lençol de musselina. Soltando a mão de Poppy, Lady Margaret pegou o lençol e puxou-o de uma forma com um grande floreio.

Para seu constrangimento, Poppy teve uma reação completamente infantil: ela engasgou e até bateu palmas. Então ela corou e teria fugido, mas o vestido era muito magnífico e teve que inspecioná-lo de todos os ângulos.

O costureiro concordou que o branco seria muito simples para a princesa de pele clara. Assim, o vestido de seda branca volumosa foi adornado com

vermelho papoula, e sua flor homônima foi bordada aleatoriamente na saia. Era lindo e ousado e tudo que Poppy poderia querer em um vestido de baile.

A única desvantagem era que se ela quisesse que alguém a visse nele, ela teria que comparecer a um baile. Imaginar o rosto de Christian quando ela entrasse no Palácio de Tuckington naquele vestido valeria a pena, no entanto.

— Christian *tem* que ver você nisso. — Disse Marianne sem fôlego, ecoando o pensamento de Poppy.

Abaixando a cabeça para que elas não pudessem ver seu rosto, Poppy tocou o decote do vestido. Era baixo e a renda de seda vermelha era larga e luxuosa.

— É um vestido muito bom. — Poppy admitiu. — Obrigada, prima Margaret.

— De nada, minha querida. — Disse Lady Margaret com uma expressão de cumplicidade no rosto. — A perspectiva de usá-lo a atrai a comparecer pelo menos à festa real?

— Acredito que sim. — Poppy concordou graciosamente.

— E o que quer que você esteja tricotando é da mesma cor. — Observou Marianne.

— É uma estola. — Poppy a lembrou.

Ela estivera, por acaso, tricotando para si uma estola com um fio fino da cor exata dessa cor de papoula. Ficaria deslumbrante pendurado em seus cotovelos sobre a saia deste vestido. Todo mundo sempre dizia a ela que tons de violeta e azul eram suas melhores cores, mas Poppy tinha uma certa predileção por vermelho que ela nunca chegou a se entregar o suficiente.

O que, é claro, Lady Margaret havia descoberto.

— E não se preocupe em dançar. — Lady Margaret disse a ela. — Em uma festa de gala como esta, haverá muito para mantê-la ocupada. Sem cartas,

mas comida, música e fogos de artifício. Acrobatas e comedores de fogo no jardim também.

Marianne girou de alegria.

— E exibições científicas de máquinas estranhas e leituras de poesia, e todos os tipos de coisas. Quando o rei Rupert oferece uma festa de gala, ele não poupa despesas.

— Aparentemente. — Poppy disse.

Ela se perguntou, brevemente, como teria sido ser uma princesa crescendo no enorme Palácio de Tuckington, com comedores de fogo e bailes de gala. Ela mesma teve que dividir um quarto de dormir e também uma criada com duas de suas irmãs. E até muito recentemente, quando a economia de Westfalin finalmente mudou para melhor, ela só tinha comprado vestidos novos para ocasiões muito especiais como os casamentos de Rose e Lily. Afinal, ela tinha quatro irmãs mais velhas para passar os seus guarda-roupas.

Alguém bateu na porta e entrou. Era Ellen, e ela tinha uma pilha de roupa de cama recém-lavada e passada. Pelo menos elas provavelmente tinham sido lavadas e passadas recentemente em algum momento, mas agora Poppy podia ver pelo menos uma marca de queimadura e algo como fuligem fina espalhada no pano branco. Ela suspirou. Ellen sempre tinha fuligem nos dias de hoje e nunca diria por quê. Havia um traço disso em sua testa agora. Desde o confronto na semana passada, Ellen se recusou até mesmo a fazer contato visual com a princesa, e suas habilidades domésticas degeneraram ainda mais.

— Por que há cinzas nos trajes de Poppy? — Marianne soprou sobre a pilha de roupa, enquanto Ellen colocava sua cesta em uma cadeira.

Outro suspiro, este de Ellen.

Lady Margaret pôs uma mão restritiva no braço da filha.

— Ellen. — Disse ela gentilmente. — Você ainda quer ir aos bailes reais?

— Sim, vossa senhoria. — Disse Ellen com recato, mas Poppy poderia jurar que viu um olhar secreto nos olhos da garota.

— Ainda dá tempo de mandar Monsieur Delatour fazer um vestido para você. — Disse Lady Margaret. — Ou você tem o mesmo tamanho de Poppy e Marianne. Poderíamos recuperar um deles... — Sua voz sumiu quando a jovem criada balançou a cabeça com veemência, derramando mais pó preto nas roupas de Poppy e no chão.

— Não, obrigada, minha senhora. Tenho uma bemfeitora que me forneceu vestidos. — A voz de Ellen era dura e os olhos de Poppy se estreitaram.

A outra garota estava escondendo algo: alegria, desdém, alguma outra emoção. E porquê? Se havia alguém disposto a ajudá-la, por que ela não deveria informar os Seadowns?

Lady Margaret tinha a mesma pergunta.

— Que lindo, minha querida! Quem é essa?

— Ela deseja permanecer anônima. — Disse Ellen suavemente. E então ela se virou e saiu correndo do quarto.

Marianne revirou os olhos, mas Poppy não sorriu. Algo estava acontecendo com Ellen, algo além de falta de educação e habilidades domésticas piores.

— Se vocês duas me dão licença. — Disse Poppy, com muito mais graça do que Ellen jamais seria capaz de reunir. — Eu realmente devo escrever para minhas irmãs. — E Galen, ela acrescentou mentalmente.

— Para contar a eles sobre o vestido e como você vai para a festa real conosco? — Marianne ergueu uma sobrancelha.

— Sim, sim. — Poppy mentiu. Embora ela pudesse realmente mencionar seu lindo vestido novo, ela tinha outras coisas sobre o que escrever. Como perguntar se Galen sabia de algum feitiço que deixava um resíduo de fuligem.

— E espere até ver a fantasia que escolhi para o baile de máscaras. — Disse Marianne enquanto ela e sua mãe saíam da sala. — Você tem que vir!

— Veremos. — Poppy prometeu, dando a sua amiga um pequeno sorriso enquanto fechava a porta.

Secretamente, Poppy sabia que ela nunca iria ao baile de máscaras. Nada poderia ser mais horrível do que estar rodeada por pessoas estranhas vestidas com máscaras ainda mais estranhas, seus olhos duros olhando de rostos hediondos e desumanos...

Ela estremeceu e correu para a escrivaninha. Galen poderia saber de algo, e se não, talvez ele possa descobrir por ela.

Capítulo 15

Preparativos

Ellen descansava na enorme banheira, rindo com prazer. Feito de vidro soprado em forma de flor, era facilmente do tamanho de um pequeno lago, com um banco acolchoado para que a cabeça do banhista não afundasse na superfície. Ela se encostou na parte de trás da banheira, perfeitamente curvada para caber em seus ombros, e inalou profundamente o perfume de rosas e óleos preciosos.

Ela podia sentir toda a sujeira e degradação da servidão deslizando para o redemoinho da água. Era glorioso, e ela nunca quis que acabasse.

Esta noite era a noite da festa gala real, e ela estava no palácio de sua madrinha, se preparando para sua grande apresentação. Ela inventou uma incumbência, dizendo que a princesa Poppy precisava de fitas para seu cabelo, para deixar a Mansão Seadown. Em seguida, ela escapou por uma das portas laterais e correu para um quarto de hóspedes para acender uma fogueira e escapar para o reino de sua madrinha.

Uma criada vestida de verde estendeu uma toalha do tamanho de um lençol. Ellen espreguiçou-se com uma graça lânguida e saiu da banheira. A criada a enrolou na toalha e ajudou Ellen a se deitar em uma mesa acolchoada. A criada começou a massagear vigorosamente sua função com a toalha, depois

com óleos e loções. Os unguentos tinham um cheiro tão celestial que Ellen mergulhou em um sonho maravilhoso.

No sonho, ela estava dançando com um belo príncipe em uma nuvem que cheirava a prímulas. O príncipe tinha cabelos escuros e era tão alto que o topo de sua cabeça só chegava ao meio do peito. Ellen franziu um pouco a testa e deixou o príncipe mais baixo e com cabelos dourados, como o príncipe Christian. A criada esfregou a testa para se livrar das rugas da testa, e mais uma vez o príncipe ficou moreno e imponentemente alto. Ele a lembrava de alguém...

Os olhos de Ellen se abriram de repente, e outra criada estava pairando sobre sua cabeça. Esta estava penteando os longos cabelos escuros da garota com um pente de ouro, enquanto a outra agora estava ocupada espalhando algo que formigava nos pés de Ellen. A criada passou a usar uma loção diferente para as panturrilhas de Ellen, mas os pés da garota ainda formigavam.

— Não acredito que goste dessa loção para os pés. — Disse Ellen, fechando os olhos novamente.

A criada não respondeu. Mas então, nenhum dos servos de sua madrinha jamais falava. Era estranho e um pouco angustiante, mas pareciam todos mudos. No entanto, mesmo os misteriosos e silenciosos servos dificilmente poderiam prejudicar as gloriosas paredes douradas, os brilhantes pisos de safira, as colunas de vidro soprado e o resto dos ornamentos do palácio de Corley.

Quando uma voz finalmente respondeu, Ellen saltou.

— Essa loção é um tratamento especial para os pés. — Disse a madrinha. — Então você pode dançar a noite toda!

Sua madrinha riu e Ellen se juntou a ela.

Envolvida em um robe de seda cintilante leve como gaze, Ellen seguiu a madrinha até uma sala cheia de vestidos lindos. Ela tinha estado lá antes, esses aposentos eram seus sempre que visitava a madrinha. Ela experimentou muitos dos vestidos, colocando um após o outro e se admirando nos longos espelhos. Costureiras silenciosas tomavam suas medidas e certificavam-se de que cada corpete cabia como se tivesse sido colado, cada saia tinha o comprimento certo, nenhuma manga era muito apertada ou muito solta.

Ellen sabia exatamente qual vestido ela queria usar esta noite. Era exatamente o tipo de coisa com que havia sonhado nos últimos anos horríveis, desde a morte de seus pais. Cor do mar, parecia flutuar sempre que ela o abaixava para admirá-lo.

— Não, não. — Disse sua madrinha enquanto Eleanora pegava o vestido agora. — Não aquela coisa velha. Você deve ter algo muito especial para esta noite. Mas primeiro...

Ela bateu palmas com as mãos rechonchudas, que fizeram um ruído surpreendentemente agudo, e os criados entraram correndo. Pegaram o roupão de Ellen e a vestiram com roupas de baixo tão brancas e finas que era quase uma pena cobri-las. Em seguida, um espartilho, amarrado tão apertado que ela mal conseguia respirar, e depois disso, camada após camada de anáguas, bordadas com diminutas rosas escarlates.

E então o vestido. O vestido magnífico.

Era tão pesado que eram necessárias duas mulheres para carregá-lo. Luxuosa seda branca quase tão espessa quanto veludo, forrada de escarlate, fortemente bordada com rosas escarlates e incrustada com rubis e pérolas no decote. Não havia laços nem ganchos: quando o colocaram na cabeça de Eleanora, uma costureira costurou a costura das costas do vestido.

Ele se encaixava como sua própria pele, mas era tão pesado e dramático que sabia que nunca poderia deixar de perceber isso. Ela olhou nos espelhos e as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

— É tão bonito!

— E você merece, minha querida. — Disse a madrinha. A mulher a olhava de cima a baixo com satisfação, quase ganância. — Você merece isso.

A madrinha bateu palmas novamente e mais servas entraram. Elas sentaram Ellen cuidadosamente em um banquinho baixo, com as saias espalhadas ao redor dela, e aplicaram pinturas habilmente em seu rosto. Em seguida, seu cabelo comprido foi penteado com uma pomada brilhante e preso em um penteado elaborado.

Depois disso, para o deleite arrebatador de Ellen, as joias foram trazidas. Uma gargantilha de rubis e alfinetes de diamante para o cabelo, um anel e pulseira. Os servos as colocaram reverentemente sobre ela, e ela estava pronta para o baile, com exceção dos pés.

— Oh, que tal sapatos? — Enquanto se levantava para se admirar nos espelhos novamente, Ellen sentiu o piso escorregadio sob as solas nuas e percebeu que não estava usando meias ou ligas sob o vestido, muito menos sapatos.

— Por aqui, minha querida. — Disse a madrinha, e segurou seu braço com a mão macia.

— Eu tenho sapatos tão especiais para você que você não vai precisar de meias. — A velha sorridente continuou enquanto elas desciam por um longo corredor forrado com flores feitas de vidro. — Elas apenas estragariam o efeito.

O piso de vidro frio esfriou os pés de Ellen. Ela não conseguia imaginar sair em público sem meias, ela estaria seminua! E se levantasse muito a saia e expusesse as pernas nuas para a corte real?

Sua madrinha leu o alarme da menina facilmente e riu.

— Ora. Ora! Não providenciei tudo o mais? São sapatos muito especiais, como já disse. Eles vão te ajudar a dançar como um sonho! Ninguém vai notar que você não está usando meias, mesmo que vejam seus tornozelos. Você não confia em mim?

Não querendo parecer ingrata à gentil senhora que lhe dera tanto, Ellen deixou de lado seus medos e sorriu de volta. Ela foi com a madrinha até uma sala circular que ela nunca tinha visto antes, e deixou um criado ajudá-la a se sentar em uma grande cadeira com um banquinho. Tanto a cadeira quanto o banquinho, como grande parte deste glorioso palácio, eram feitos de vidro delicado, duro como aço. Ela sentou-se rigidamente, não querendo enrugar o vestido ou bagunçar o cabelo nas costas altas da cadeira, e sua madrinha se apressou até uma mesa comprida onde havia instrumentos estranhos e potes borbulhantes colocados sobre estranhas chamas verdes em panelas douradas.

Ellen se arrepiou e ela sentiu o suor começar a brotar nas têmporas. Ela cerrou os dentes, não querendo que o pó em seu rosto escorresse. Mas aqui estava a magia, magia além de caminhar por uma lareira em um palácio.

E isso seria praticado nela.

Ela olhou para seu vestido, para os rubis em seu pulso e dedo, e endireitou a coluna. Valeria a pena dançar com esse vestido, essas joias. Para conquistar o amor de um príncipe e deixar o trabalho penoso para trás.

Além disso, sua madrinha nunca a machucaria.

Capítulo 16

Convidado de Honra

— Bem-vindos, todos, para a primeira noite de nossa gala real!

O Rei Rupert estava no topo de um estrado que havia sido erguido nos jardins do Palácio de Tuckington. O estrado foi habilmente posicionado na beira de um grande lago, e a água ajudava a levar sua voz para a multidão reunida, que aplaudiu.

— Esperamos que todos se divirtam enquanto conhecem nosso convidado de honra, o Príncipe Christian de Danelaw!

Outra grande ovação e Christian timidamente tomou seu lugar ao lado do rei. Ele deu um pequeno aceno para a multidão, sentindo-se constrangido, e procurou um rosto amigável. Graças a Deus, esta noite não era o baile de máscaras: ele ainda estava se preparando para isso. Em sua experiência, os bailes de máscaras estavam repletos de oportunidades para as pessoas fazerem e dizerem coisas que normalmente não fariam, e por um bom motivo.

Um vestido branco e vermelho na frente da multidão chamou sua atenção. Branco e vermelho, usado por uma jovem de cabelo preto e pele branca leitosa. Era Poppy, naturalmente. Nenhuma outra jovem estaria vestida com tanta ousadia. Ao lado dela estava Marianne, parecendo recatada, mas adorável de verde. Ele não sabia dizer ao certo, mas parecia que Poppy estava

sorrindo maliciosamente, ou pelo menos sorrindo, com seu desconforto. Ele decidiu usar sua prerrogativa de *convidado de honra* para roubar uma dança com ela.

— Vamos começar a gala! — Rei Rupert ergueu as mãos grandiosamente e fogos de artifício explodiram de cada lado do estrado.

Houve mais aplausos, e então Christian poderia escapar. Ou assim ele pensou. O rei imediatamente o entregou à rainha, e Christian se viu levando Sua Majestade ao salão de baile do palácio para abrir o baile. Enquanto ele se movia em círculos majestosos ao redor do salão, a Rainha Edith gorjeou em seu ouvido sobre esta e aquela senhora, certificando-se de que ele sabia exatamente com quem seus anfitriões esperavam que ele dançasse. Ele se perguntou se teria tempo para comer algo, muito menos persuadir Poppy a dançar apenas desta vez.

E ele queria a acompanhar Marianne também. Ela não era apenas uma dançarina encantadora, mas ele gostava de provocá-la. Ele sabia que havia alguns rumores sobre sua predileção pela filha dos Seadowns, mas pensava nela como uma de suas próprias irmãs e esperava ser convidado para seu casamento antes do fim do ano.

Por fim, sua dança com a rainha terminou, e quando ele fez uma reverência, ele teve um vislumbre de escarlate e branco na porta do salão de baile. Ele deu outro floreio e se virou para o lampejo de cor, dizendo.

— Minha próxima parceira, eu acho.

Mas quando ele enfrentou a jovem que acabara de entrar, não era Poppy.

Ele tinha pensado que apenas uma pessoa possivelmente usaria um vestido tão dramático, ou teria aquele cabelo preto brilhante, mas parecia que eram duas. Esta jovem era linda e sua cor era semelhante à de Poppy, mas seu

cabelo não era tão preto e seus olhos eram mais azuis do que violetas. De perto, ele nunca teria confundido as duas garotas.

Mas agora aqui estava ele, enfrentando esta senhora que parecia ligeiramente familiar e estava sorrindo para ele com expectativa. O salão inteiro parou, olhando fixamente, e ele galantemente estendeu a mão.

— Você gostaria de ter esta dança?

— Obrigada, Sua Alteza. — Sua voz era suave e carinhosa, e novamente muito familiar. Isso o provocou, e ele vasculhou seu cérebro por sua identidade. Ele conhecera tantas jovens durante sua estada em Bretanha, mas com certeza se lembraria de uma tão bonita e com uma cor tão marcante. Ela não era Casterton, e definitivamente não era Richmond. Uma Blythe?

Realmente havia muitas noivas em perspectiva desfilando diante dele. Elas não podiam esperar que ele soubesse todos os nomes delas. Ele engoliu seu orgulho enquanto as figuras da dança os aproximavam.

— Sinto muito, mas parece que esqueci o seu nome.

— Isso porque nunca fomos apresentados formalmente. — Ela deu uma leve risada. — Meu nome é Lady El... Lady Ella.

— Lady Ella...? — Ele esperou, mas nenhum nome de família foi divulgado.

— Nós só nos vimos de passagem, dificilmente teria sido memorável.

— Ah.

A conversa continuou dessa forma afetada pelo resto da dança. Christian tentou algumas tentativas: onde eles se conheceram? Ele conhecia os pais dela? Mas ela respondeu apenas com sorrisos misteriosos e risadas cada vez mais forçadas, embora nenhuma das tentativas dele fosse tão engraçada.

Foi com grande alívio que ele se curvou a ela no final da dança. Ela pegou a mão dele novamente, com bastante ousadia, para encorajar outra dança, mas outro cavalheiro apareceu naquele momento.

Era Roger Thwaite e ele estava olhando para Lady Ella com uma expressão de choque.

— Eleanora?

Lady Ella começou a rir, mas soou ainda mais tensa do que suas risadas anteriores.

— Oh céus! Parece que ninguém se lembra do meu nome esta noite! — Ela bateu no braço de Roger com seu leque dobrado, e depois no de Christian por garantia.

Christian mal se impediu de esfregar o local onde seu leque de marfim e seda o havia atingido, e esperava que ela tivesse sido um pouco mais gentil com Roger. Realmente, a garota era muito estranha, mais estranha do que Poppy.

— Eu não sei quem é essa Eleanora. — Ela balbuciou. — Eu sou Lady Ella.

— Desculpa. — Roger se recompôs, envergonhado. — Por um momento, confundi você com uma velha amiga. — Ele galantemente estendeu a mão. — Por favor, diga que você vai me honrar com esta próxima dança, para que eu possa compensar meu erro?

Lady Ella olhou para Christian, que estava com a língua presa. Roger claramente queria dançar com aquela jovem estranha e Christian queria encontrar Poppy, mas Ella parecia ter definido seu parceiro para o príncipe.

O momento embaraçoso era salvo por uma pequena mão colocada no antebraço de Christian, bem onde Lady Ella havia batido nele com seu leque. Ele olhou para baixo para ver Marianne sorrindo para ele.

— Eu acredito que você *me* prometeu esta dança. — Ela disse, sorrindo.

— Ah, Marianne, desculpe fazê-la esperar. — Christian respondeu com alívio, e a levando para longe.

A dança já havia começado, mas era um carretel[12] e qualquer um podia entrar. Por outro lado, era tão rápido que não dava para falar. Christian queria perguntar onde Poppy estava, e Marianne continuou questionando-o sobre Lady Ella. No final, pediram licença antes de terminar o baile e foram para uma das salas de descanso para conversar e beber limonada.

— Onde está Poppy?

— Assistindo aos malabaristas nos jardins. — Disse Marianne. — Eu entrei para dançar e vi aquela garota e seu vestido. — Sua expressão alegre escureceu. — Mamãe vai ficar tão chateada! Ela queria especialmente que Poppy e eu tivéssemos vestidos exclusivos, mas parece que alguém subornou o nosso costureiro para copiar um deles. Quem era ela?

— Ela disse que seu nome era Lady Ella, mas ela não quis me dar um nome de família. Ela parecia familiar e me disse que nos conhecemos de passagem, mas não consigo lembrar onde.

— Ella? — A sobrancelha de Marianne franziu. — Quem é essa Ella?

— Tem certeza de que não a conhece? — Christian simplesmente não conseguia definir o que era, mas havia algo em Lady Ella que o incomodava.

Carregando o copo em uma das mãos e descansando a outra no braço de Christian, Marianne conduziu os dois de volta ao salão. Ela examinou os dançarinos até que avistou o luxuoso vestido branco e escarlate, observando a garota que o vestia com os olhos estreitos. Então ela bebeu metade da limonada de um gole só.

— Eu não a conheço. — Ela sibilou. — Mas alguém aqui deve! Ela está usando mais joias do que a rainha, e a sociedade não é tão grande.

— Ela afirma que ela e eu nos conhecemos. — Disse Christian. — Mas não fomos apresentados de forma adequada. — Ele piscou os olhos algumas vezes. Sua visão era preenchida com rosas escarlates em branco, girando sob as luzes brilhantes. Os sapatos de Lady Ella brilharam como rubis.

— Muito estranho. — Marianne concordou. — Mas por que ela teve que estragar o vestido de Poppy copiando-o? Qual é o jogo dela?

— Jogo? — Christian parecia incrivelmente rude. Eles não podiam apenas ficar parados e observar a garota com os sapatos escarlates girando e girando? Por que Marianne tinha que falar tão cruelmente sobre a pobre Lady Ella?

— Sim, o que está acontecendo? — Disse uma voz atrás deles. — Alguém me disse que eu absolutamente precisava entrar e ver a dança.

Christian se virou para encontrar Poppy parada ali parecendo confusa. Inconscientemente, ele pegou a corrente de seda presa a um relógio de bolso que Poppy havia tricotado para ele, esperando que ela notasse que ele o estava usando. A confusão em sua cabeça clareou e ele pôde ver que o vestido dela era diferente do de Ella. O vermelho era mais suave, e as flores da saia eram papoulas, naturalmente, não rosas. Ela também tinha um longo xale vermelho em volta dos braços, e seu cabelo era mais espesso, seus olhos maiores. Ele não podia acreditar que tinha confundido outra pessoa com ela.

— Olhe para lá. Dançando com Roger Thwaite! — Marianne agarrou Poppy pelos ombros e a virou.

Ainda parecendo confusa, Poppy olhou para os dançarinos por um momento e inclinou a cabeça para o lado.

— Quem é... não consigo ver...

— O que você quer dizer? Ela está bem ali! — Marianne apontou novamente.

Christian deu a ela um olhar irritado. Ela estava perturbando seu devaneio. As rosas vermelhas em seda branca giraram novamente.

Poppy murmurou algo e, em seguida, engasgou em choque.

— Não pode ser ela!

— Você a reconhece? — Marianne ficou olhando. — Onde você a conheceu? Ela se apresentou a Christian como Lady Ella, sem sobrenome. — Ela torceu o nariz.

— Interessante. — Poppy disse lentamente. — Eu acho que ela encontrou um patrono, mas ela teve que ofuscar meu vestido? — Poppy fez uma careta.

Christian lutou contra uma vontade repentina de sacudir Poppy. Alguém não lhe falaria mais sobre a fascinante Lady Ella? Ele parou abruptamente com esse pensamento e tomou um gole de sua limonada. Ele se sentia muito estranho.

— Não apenas isso. — Disse Marianne, e Christian percebeu que as duas garotas tinham mais ou menos esquecido sua presença. — Mas ela está cheia de joias! Por que eu não sei quem ela é?

Isso trouxe a atenção de Poppy totalmente para longe de Lady Ella e para Marianne.

— Você não a reconhece de jeito nenhum?

— Não! Quem é ela? — Marianne se mexeu inquieta. — E por que todos estão olhando para nós?

— Por que eles não olhariam? — Poppy disse. — Eles querem saber o que eu acho desse vestido!

Christian ergueu as mãos.

— Alguém poderia pelo menos me dizer por que essa garota não deveria ter um vestido e joias?

Poppy deu um tapinha em seu ombro, mas seus olhos ainda estavam em Lady Ella, assim como os olhos de todos lá.

— Desculpa. É que... essa garota... não tem dinheiro. Então, como ela conseguiu o vestido e as joias? É preocupante. — Poppy estava passando as pontas de sua estola entre os seus dedos, olhando para Lady Ella.

Christian não se importava com quem era o patrono de Lady Ella. Ele só sabia que ela era linda e dançava como uma criatura das fadas. Ele se perguntou se Roger se importaria que Christina interrompesse, mesmo que a dança não tivesse terminado.

— Ora, Ora, Sua Alteza! — Uma voz alta atrás deles e alguém deu um tapinha nas costas de Christian com tanta força que ele quase caiu de cara no chão. — Não roube todas as moças!

Um homem grande e de rosto corado, Duque de Alguma coisa ou de outra, estava olhando para Poppy e Marianne com um olhar maroto.

— Você deveria estar procurando por uma boa esposa Bretanha. — Ele anunciou, soprando um hálito com cheiro de uísque em Christian. — Então, vou tirar essa de suas mãos!

Sem esperar para ver se Christian protestava ou se Poppy concordava, o Duque pegou Poppy e a girou para o salão de dança.

— Poppy não dança, todo mundo sabe disso. — Disse Marianne, arrepiada de indignação agora que o choque inicial havia passado.

Christian lutou contra uma onda de ciúme. Ele estava planejando convencer Poppy a dançar com ele, apenas uma vez! E agora este Duque bêbado a tinha afastado contra a sua vontade. Ela provavelmente nunca mais dançaria depois disso.

Estava claro que Poppy estava tentando se livrar do aperto excessivo de seu parceiro. Cada vez que a dança pedia uma volta ou giro, Poppy tentava

escapar, mas o Duque continuava puxando-a de volta para seu lado. Teria sido cômico, não fosse por duas coisas: Poppy era uma dançarina tão habilidosa que fazia com que parecesse parte da dança, e a expressão de indignação em seu rosto deixava claro que ela não estava tentando ser engraçada.

— Que pessoa estranha é essa princesa Poppy. — Disse Lady Ella, tropeçando em Christian com Roger Thwaite a atrás. — Posso assegurar-lhe, Alteza, que adoro dançar. Devemos? — Mais uma vez, ela estendeu a mão para Christian dançar com ela.

Christian se pegou pegando a mão dela sem pensar nisso. No último segundo, ele se lembrou de suas maneiras e parou para olhar interrogativamente para Roger.

— Eu gostaria de falar com Lady Marianne. — Disse Roger em uma voz rígida.

— Se eu não estiver incomodando, então. — Christian murmurou, e pegou a mão estendida de Ella.

Christian fez o seu melhor, enquanto dançavam, para não se distrair com a situação de Poppy. Ella era uma boa dançarina e parecia mais relaxada agora. O cheiro do perfume dela o fez querer enterrar o rosto em seu cabelo, e ele se concentrou em Poppy para evitar fazer papel de idiota por causa da bela Lady Ella.

Sua parceira, por sua vez, continuava lançando um olhar estranho para Roger e Marianne, que estavam em uma conversa profunda do outro lado do salão.

Christian se perguntou se seria rude perguntar a ela abertamente onde ela havia conseguido seu vestido e por que ela copiou o de Poppy, mas ele simplesmente não conseguia fazer isso. Por isso, ele riu com vontade das

piadas forçadas da misteriosa Lady Ella e conduziu-a ao longo das medidas da dança.

Capítulo 17

Dança

Poppy não podia acreditar que ela estava dançando pela primeira vez em três anos, e era com este... este...

Nenhum epíteto era forte o suficiente para descrever este idiota horrível bêbado, em sua opinião. Para piorar a situação, estava o fato de ele ser um dançarino terrível.

Ela pensou em fingir um desmaio ou torção no tornozelo, mas não queria que seu rude parceiro se tornasse heroico e tentasse carregá-la para algum lugar. Ouvindo os risinhos das outras dançarinas que a notaram tentando escapar, ela se forçou a relaxar. Era apenas uma dança, e então ela correria para os jardins antes que alguém pudesse tentar puxá-la de volta para o salão de dança.

Um lampejo de escarlate e branco a fez virar a cabeça, e ela viu Christian dançando com Ellen. Ela se esqueceu de seu parceiro, a dança era uma pavane Analousiana, algo que era capaz de fazendo dormindo desde os oito anos de idade, e voltou sua mente para a situação de Ellen.

Ela nem por um momento pensou que Ellen tinha encontrado algum patrono rico da sociedade. Não, ela tinha se envolvido em algum tipo de encantamento, que Poppy considerou muito pior. Não admira que Marianne

não pudesse reconhecer sua própria criada: apenas tentar olhar para Ellen fez os olhos de Poppy embaçarem, e ela estava usando talismãs de proteção. Foi só quando ela disse uma rima que Galen a ensinou que ela foi capaz de ver Ellen claramente.

Agora as divagações cobertas de fuligem de Ellen pela Mansão Seadown foram explicadas, mas não inteiramente. Quem ou o que estava ajudando Ellen? Nada humano poderia ter feito um vestido tão elaborado em menos de dois dias, e ninguém além do costureiro e seus assistentes tinham visto o vestido de Poppy antes de ser entregue.

E foi então que Poppy começou a se preocupar. As joias que Ellen usava brilhavam de uma forma quase provocadora, assim como seu vestido. Ellen se movia rapidamente e girava enquanto a princesa a observava, e Poppy teve um vislumbre de seus sapatos de dança.

Eles pareciam ser de vidro vermelho, mas Poppy os viu claramente se dobrarem com o pé de Ellen. A visão deles queimou seus olhos, e ela quase teve que cobrir o seu olhar com o xale para clarear sua visão.

— Roubou bastante o seu momento, não é? — O parceiro de Poppy praticamente gritou em seu ouvido. — Você é bonita o suficiente, não precisa arrancar os olhos dela!

— Perdão? — Poppy deu a ele um olhar frio.

— Tenho que convidá-la para uma dança eu mesmo. — Seu parceiro continuou, alheio. — Bastante bonita, bastante bonita.

Poppy olhou para ele sem acreditar. Isso realmente ia além de grosseiro, pensou. As boas maneiras ditam que um homem não admire outra mulher na frente de sua atual parceira de dança. E sua voz estava alta o suficiente para metade do salão ouvir!

— Por que você não a convida para dançar agora? — Poppy gritou.

Ela finalmente se libertou das garras do duque e saiu do salão de dança. Ela olhou por cima do ombro apenas uma vez, brevemente, e viu seu parceiro fazendo exatamente o que ela havia sugerido, andando direto pelo resto dos dançarinos em seu caminho para Ellen, sem sequer olhar para Poppy.

Seu rosto queimou de raiva e ela espiou os espectadores mais próximos dela para ver quem mais estava testemunhando sua vergonha. Mas ninguém estava olhando em sua direção. Todos estavam fixados em Ellen, Christian e o duque enquanto ele tentava interromper a dança e tirar a mão de Ellen do príncipe.

Para grande satisfação de Poppy, Christian entregou Ellen com apenas um momento de relutância. Então ele imediatamente procurou Poppy. Ele tinha uma expressão confusa em seu rosto, no entanto.

— Uma garota incomum. — Ele murmurou quando chegou ao lado de Poppy.

— Muito. — Poppy disse secamente, e ajeitou a jaqueta de Christian para ele. Ela viu que ele estava usando a corrente do relógio de bolso que ela havia tricotado para ele e se aqueceu ligeiramente. — Não quero contar histórias, se ela quiser ficar incógnita, mas arrisco dizer que ela fez algo que vai se arrepender para conseguir aquele vestido.

— Se você vai continuar dando dicas misteriosas... — Christian disse com um aviso em sua voz.

— Você vai fazer o quê? — Poppy perguntou maliciosamente. Então ela fez uma careta. — Mas, sinceramente. — Ela disse hesitantemente. — Estou preocupada. Eu tenho... experiência com o que acontece quando você faz barganhas que não deveria... a fim de conseguir o que deseja.

— Ainda mais misteriosa. — Disse Christian.

— Bem, eu... — Poppy hesitou novamente, incerta.

Se ela contasse a Christian os detalhes da história de sua família, o que ele diria? E isso ajudaria nas questões? Quanto mais ela observava Ellen em seu vestido fabuloso, coberto com o resgate de uma rainha em joias, mais ela tinha certeza de que algo estava para dar terrivelmente errado.

— Há algo que você deveria saber. Eu... isto é, minha mãe... — Poppy começou, mas Christian a parou.

— Aí vem Marianne, Roger, Dickon e Lady Margaret. — Ele apontou por cima do ombro. — E Marianne parece estar muito ressentida, como dizem os bretões.

Poppy se virou e viu que era verdade. Dickon e Lady Margaret pareciam confusos, mas Marianne estava realmente ressentida enquanto o rosto bonito de Roger Thwaite estava enrugado de preocupação. Poppy suspirou, meio com alívio e meio com pesar. Ela não estava disposta a contar a história do erro de sua mãe na frente de tal público, o que parecia ao mesmo tempo um alívio e uma decepção.

— Por favor, prometa que continuará sua história mais tarde. — Disse Christian em voz baixa quando seus amigos se juntaram a eles.

— Veremos. — Disse Poppy.

— Poppy sabe quem ela é. — Marianne estava dizendo. — Não é, Poppy?

Lady Margaret semicerrou os olhos para o duque bêbado e sua hipnotizante parceira de dança.

— Mas Marianne, não sei do que você está falando. — Disse ela. — Eu reconheceria qualquer pessoa a quem Poppy fosse apresentada, e não tenho ideia de quem é essa jovem. Estou bastante chateada por ela ter conseguido copiar o vestido de Poppy, mas fora isso... Você olhou para aqueles sapatos? Que deslumbrantes!

Lady Margaret aplaudiu com o resto da multidão quando a dança chegou ao fim e Ellen fez uma reverência sem fôlego ao parceiro. Os olhos da garota já estavam procurando por Christian na multidão. Mas, Poppy notou, eles pararam por um momento em Roger Thwaite antes de mover para o príncipe. Roger, por sua vez, não conseguia tirar o olhar de Ellen. Mas ao invés da expressão ávida que todos os outros no salão pareciam estar dando a ela, ele tinha um olhar misto de desejo e desconforto.

— Roger — Poppy disse baixinho, colocando a mão em seu braço. — Você conhece ela?

O irmão Thwaite mais velho olhou para ela, as sobrancelhas franzidas com força.

— Sim. — Ele disse simplesmente. — Você?

Poppy o chamou de lado antes de dizer.

— Ela é nossa criada. Mas Marianne e Lady Margaret não a reconhecem... quase não reconheci. Alguma coisa está muito errada aqui.

— Sua *criada?* — A boca de Roger retorceu ainda mais. — Pobre Eleanora! — Seus olhos procuraram a garota cuja mão acabara de ser reivindicada por outro parceiro antes que ela pudesse alcançar seu objetivo claro: Christian. — Eu não tinha ideia... depois da morte da mãe dela ela simplesmente desapareceu!

— Você a conheceu antes? — Poppy olhou para Roger e o observou engolir enquanto seus olhos seguiram Ellen ao redor do salão.

— Éramos muito próximos quando crianças. — Disse ele após uma longa pausa.

Sentindo-se estranha, Poppy cerrou os punhos nas pontas de sua estola. Claramente Roger ainda se importava com sua amiga de infância. E, com a

mesma clareza, qualquer encanto que Ellen havia colocado sobre o resto do salão não se estendia a ele.

Ela se perguntou que resistência à magia Roger tinha, para que ele pudesse vê-la claramente. Poppy estava tão nervosa sobre ir ao baile real, não que ela fosse deixar alguém saber, que tomou precauções extras. Em vez de suas ligas de seda usuais, ela prendeu as meias com ligas que havia feito de lã virgem. Elas haviam sido tricotadas com agulhas de prata que haviam sido abençoadas pelo bispo de sua família, e então fervera as ligas com beladona[13] e manjericão. Eles coçavam terrivelmente, mas ela esperava que eles a protegessem do perigo e permitissem que ela visse através de qualquer encantamento. E eles tinham.

— Como você a reconheceu? — Roger havia tirado os olhos de Ellen.

— Estou usando roupas de proteção... — Disse Poppy. Ela esteve a ponto de dizer *ligas*, e era uma medida de quanto decoro ela aprendera com Lady Margaret que mordeu a língua na hora certa.

— Um mágico do Extremo Oriente me deu um. — Roger disse gravemente. Ele deu um tapinha no peito de sua camisa, e Poppy podia ver vagamente o contorno de um pequeno caroço ali. — Um osso de alguma besta estranha que foi esfregado com óleos sagrados e pendurado em um cordão de seda crua.

— Gostaria de ver isso algum dia. — Disse Poppy, pensando que parecia muito mais confortável do que seus próprios talismãs protetores. — Mas realmente devemos descobrir onde Ellen... Eleanora, isto é, conseguiu seu vestido.

— Você sabe um pouco sobre a maldição da minha família. — Ela continuou lutando contra a dor ainda recente de encontrar Christian, Dickon e

Roger fofocando sobre ela durante o chá. — Então você sabe como fazer um acordo com um ser mágico pode virar contra você.

— De fato. — Disse Roger. — Mas talvez aqui não seja o lugar. Não acho que Eleanora vai responder a nenhuma de nossas perguntas, pelo menos não esta noite. Ela fingiu não me conhecer e pareceu muito angustiada quando a questionei. Não acho que ela esteja sob pressão mágica para não responder, apenas que ela prefere ser Lady Ella aqui e agora.

— Espero que sim. — Poppy disse com fervor. — Eu, pelo menos, gostaria de lhe fazer algumas perguntas e obter algumas respostas diretas dela.

Roger pareceu surpreso e Poppy deu uma risada contida.

— Deixe-me adivinhar: sua amiga Eleanora era tão doce e nunca teria escondido um segredo de você? — Ela nem esperou pelo aceno de confirmação dele. — Bem, *Ellen* tem um temperamento diferente. — Mas então Poppy fez uma pausa, lembrando-se de sua própria provação, e fez uma careta. Ela não sentia exatamente pena de Ellen... Eleanora, mas se sentia mais caridosa. — Ou pode ser muito doloroso para ela falar com você.

— Mas por quê? Ela parece falar com Christian livremente. — Mais uma vez, Roger olhou para a garota que dançava novamente com o príncipe em seu vestido de rosas vermelhas sobre seda branca.

Poppy também estava olhando para eles. Suas mãos estavam cerradas com tanta força nas bordas de sua estola que a seda rangeu. Christian estava olhando para *Lady Ella* com uma expressão atordoada.

— Isso, como dizem vocês, bretões, faz parte do que precisamos descobrir. — Disse Poppy.

Capítulo 18

Meia-noite

Quando o enorme relógio do outro lado do salão bateu onze e meia, Ellen sentiu uma onda de alívio tomar conta dela. Ela não havia pensado que seria assim: a festa de gala duraria até o amanhecer, e ouvir que sua madrinha esperava que ela chegasse à meia-noite foi uma decepção.

Mas então o vidro derreteu em seus pés.

Apesar da loção formigante que a criada de sua madrinha espalhou sobre eles, o calor do vidro derretido foi chocante. Apenas a visão daquela coisa brilhante e fumegante cobrindo sua pele branca a deixou tonta.

— Coragem. — Disse a madrinha, com um largo sorriso no rosto rechonchudo. — Coragem. — E com delicados instrumentos de ouro sua madrinha moldou o vidro em um elaborado par de sapatos de dança de salto alto.

— Você deve voltar para mim à meia-noite. — Sua madrinha disse a ela. — Meu poder no mundo exterior desaparece quando a noite começa a se aproximar do amanhecer.

E assim que terminou a dança Bretanha que estava dançando com o príncipe Christian, Ellen fez uma reverência ao príncipe e desejou-lhe boa

noite. Faltava um quarto para o meio-dia agora, mas se ela se apressasse não seria tarde demais.

— Mas espere... por quê? — O príncipe Christian estendeu a mão para reclamar as mãos dela. Com o passar da noite, ele ficou cada vez mais fascinado por ela.

Uma emoção de prazer percorreu Ellen, e ela torceu para que as pessoas estivessem observando. Em vez de sorrir de triunfo, como gostaria, ela seguiu o conselho da madrinha de permanecer indiferente e misteriosa.

— Eu devo ir. — Ela disse, tentando fazer sua voz suave e carinhosa. — Mas talvez haja outro baile e outra oportunidade de dançar... — Ela soltou os dedos dele e se virou.

Sorrindo o que ela esperava ser um sorriso enigmático, Ellen caminhou no meio da multidão e pela grande entrada em arco do salão de baile do palácio. A multidão se separou diante dela, tornando sua fuga dramática e também bastante rápida.

O que era bom, porque conforme o relógio marcava mais perto da meia-noite, algo estava acontecendo com seus sapatos.

Descendo os degraus do palácio, entrando na carruagem que esperava... uma coisa estranha, como uma grande cesta redonda tecida de ouro e puxada por uma abundância de cavalos. O cocheiro mudo estalou o chicote com urgência e a dúzia de cavalos brancos disparou. Sentindo o desconforto de sua passageira... ou precisando voltar para sua patroa com a mesma urgência... o cocheiro usou seu longo chicote para mover pela estrada, enquanto os cavalos com seus cascos batendo e relinchos estridentes faziam o barulho que seu cocheiro não fazia.

Recostando-se nas almofadas de seda branca, Ellen flexionou os pés e gemeu. Os sapatos estavam primeiro quentes, depois frios, e tremores subiram

por suas pernas. O vidro flexível estava endurecendo, e ela se abaixou para tirar os sapatos, mas não conseguiu. Seus pés doeram e ela choramingou.

Uma eternidade depois, mas o que certamente levou apenas alguns minutos, considerando que a Mansão Seadown ficava a apenas algumas ruas de distância, eles alcançaram o pátio do estábulo atrás da mansão. Uma fogueira já havia sido acesa por um criado mudo que esperava perto para jogar um balde de água nela.

Os cavalos correram para o vapor e as cinzas encharcadas, e Ellen guinchou quando o chão desceu abaixo deles. As rodas da carruagem bateram no chão de vidro do palácio de sua madrinha com estrondo, e ela caiu do assento.

Sua madrinha correu para frente, estalando a língua.

— Em cima da hora, em cima da hora! — Seu tom era brincalhão e repreensivo. — Espero que isso signifique que você estava se divertindo, minha querida.

— Sim. — Disse Ellen, trêmula, enquanto um par de lacaios a ajudava a sair. — Mas os sapatos!

— Claro, minha querida!

Sua madrinha puxou um pequeno martelo dourado e bateu com força primeiro em um sapato, depois no outro. O vidro flexível tinha endurecido bastante com a chegada da meia-noite, e agora os lindos sapatos cor de rubi se estilhaçaram em um milhão de cacos minúsculos. Os pés de Ellen não formigavam mais, em vez disso pareciam dormentes e frios, e sua madrinha teve que ajudá-la a sair do círculo de vidro quebrado.

Então, os silenciosos criados correram para despojar a garota do vestido e das joias. Eles colocaram seu uniforme de criada pela cabeça e a mandaram de volta através das cinzas para o jardim, sem nem mesmo prendê-lo.

Ellen não teve tempo de se despedir da madrinha ou de agradecer-lhe antes de entrar cambaleando na mansão, tonta e semivestida, para ver que já era dois minutos depois da meia-noite. Seus pés ainda estavam gelados e ela carregava suas roupas de baixo, meias e sapatos misturados em seus braços. Ela só teve tempo de se recompor antes que os Seadowns chegassem em casa, cheios de perguntas sobre Lady Ella.

Capítulo 19

Confuso

— Seu pai era um conde?

— Eu não sei, Sua Majestade. — Christian disse.

— Um duque? Um cavaleiro?

— Honestamente, Rei Rupert, eu não sei. Ela não disse. Sem nome de família e nenhuma pista de onde a conheci antes.

— Confuso. — O Rei Rupert juntou os dedos.

— Muito, Sua Majestade. — Christian disse com um suspiro. Ele e o rei já haviam passado por isso muitas vezes, e era apenas meio-dia.

— Mas você parecia bastante apaixonado por ela. — Rei Rupert declarou pela centésima vez.

— Sim, Sua Majestade. — Disse Christian, e então se estremeceu um pouco.

Por que ele disse isso? Lady Ella era certamente bonita, mas mais do que um pouco estranha, em sua opinião. E não o tipo bom de estranho, como Poppy. No entanto, a primeira coisa que ele fez naquela manhã foi perguntar à rainha Edith se ela conhecia a família de Lady Ella. Foi isso que deu início à infindável rodada de perguntas do Rei Rupert. Christian poderia prever o que viria a seguir.

— Bretanha? Você tem certeza? — O Rei Rupert se inclinou ansiosamente sobre sua mesa.

Esta era a pergunta mais importante para o rei, e ele nunca ficaria satisfeito até que eles localizassem Lady Ella e a fizessem escrever sua linhagem até a décima segunda geração, Christian tinha certeza.

— Sim, Vossa Majestade. — Disse Christian. — Ela não tinha sotaque e disse que morava em Castleraugh. Acredito que tanto a Pop... a Princesa Poppy, isto é... e Roger Thwaite a conhecem.

— A princesa não saberia: ela não é bretã. — Rei Rupert disse com desdém.

— Verdade, no entanto... — Christian começou, mas o rei estava se movendo.

— Devemos ter certeza de que essa garota venha ao nosso baile de máscaras. — Disse o Rei Rupert, virando-se para olhar pela janela os jardins reais, o rosto marcado pelo pensamento. — Todo mundo que foi convidado para a gala também foi convidado para o baile de máscaras, então isso não deve ser um problema. A dificuldade será reconhecê-la. — Ele colocou as mãos atrás das costas, os olhos se estreitando.

Christian se perguntou se ele deveria simplesmente escapar. Ou pedir licença e ir embora. Ele queria visitar Mansão Seadown e falar com Poppy, embora não conseguisse se lembrar por quê. Ele tinha planejado perguntar a ela sobre Lady Ella? Não, isso não parecia certo. Ele sempre poderia perguntar a Roger Thwaite sobre isso. Ainda assim, ele provavelmente se lembraria quando chegasse lá.

Assim que Christian se levantou, um lacaio bateu na porta e entrou carregando uma bandeja de prata.

— O que é isso? — O Rei Rupert se afastou de sua janela, irritado, e pegou Christian no ato de escapar.

O lacaio, que valorizava muito seu trabalho para mostrar qualquer sinal de surpresa com a postura culpada e paralisada do príncipe, limitou-se a apresentar a bandeja.

— A correspondência de hoje, Sua Majestade. — O homem disse suavemente.

Uma das cartas, um pequeno envelope cremoso com um selo azul nele, fez o rei se voltar para Christian. O príncipe, por sua vez, estava se perguntando se ousaria escapar da sala com o lacaio quando o criado foi dispensado.

— Seadowns estão dando um baile na próxima semana. — Disse Rei Rupert. Ele grunhiu. — Tentando casar aquela princesa, você acha?

— É o aniversário de Marianne. — Disse Christian. Ele se perguntou se Lady Ella estaria lá. Os Seadowns não pareciam conhecê-la, mas Poppy sim.

— Oh, sim. — Disse o Rei Rupert, e encolheu os ombros. — Provavelmente deveria fazer uma aparição. Envie Edith e as meninas, pelo menos. Você também, suponho. Os Thwaite já estão planejando a festa de casamento do filho mais novo e Lady Marianne, mas não custa nada tentar se essa Lady Ella se revelar inadequada. — O rei já estava voltando para a janela, sua mente em outro lugar.

Christian bateu em retirada apressada.

Ele também tinha um convite para o baile de Marianne esperando em seu quarto, junto com cartas de seus pais e irmãs, e uma, estranhamente, que veio de Westfalin. O envelope estava amassado e manchado de água, e a escrita quase ilegível. Ele o enfiou no bolso para ler mais tarde, calçou as botas de montaria e foi fazer uma visita aos Seadowns.

Mal saíra cavalgando dos portões do palácio, foi saudado por Roger e Dickon Thwaite, que pareciam bastante sombrios. Christian freou o seu cavalo, para encontrá-los, a curiosidade sobre suas expressões terríveis vencendo a decepção com a distração.

— O que aconteceu? Parece que vocês receberam más notícias. — Disse Christian.

— Eu digo, Christian, — Disse Dickon, balançando a cabeça em perplexidade. — Lady Ella parecia amaldiçoada para você? Achei que ela era charmosa, mas Roger meteu na cabeça que ela estava sob algum tipo de encantamento.

— Um encantamento? — O alarme se espalhou por Christian. — Devemos ajudá-la! Rapidamente, o palácio tem armas que podemos usar!

— Muito perigoso! Precisaremos de espadas e pistolas! — Dickon olhou ansioso para seu irmão mais velho, que estava olhando para os dois com consternação. — Vamos, Roger?

— Vocês estão agindo como idiotas. — Roger disse, quase pensativo. — Isso talvez seja parte disso...

— Parte do quê? — Christian firmou seu cavalo com uma das mãos. Por que todos eles estavam montados em cavalos no meio da rua? Eles estavam a caminho do parque? Ele virou seu cavalo naquela direção e os irmãos o flanquearam, seus cavalos se movendo em uma caminhada calma. Tateou o cinto em busca de uma pistola, mas não conseguiu se lembrar por que estaria armado.

— Eu acredito que Lady Ella está encantada. — Roger explicou. — E eu acho que está se espalhando. Vocês dois não estão se comportando como normalmente se comportariam, mesmo em torno de uma bela jovem. — Ele lançou um olhar malicioso para Christian, então para Dickon. —

Especialmente considerando que ambas as suas atenções deveriam estar em outro lugar.

Dickon parecia bastante surpreso.

— Onde você quer dizer?

— Precisamente. — Disse Roger, para grande confusão de Christian. Mas o irmão Thwaite mais velho não parecia estar brincando com eles ou se deleitando com sua perplexidade. Em vez disso, ele pareceu mergulhar mais profundamente em seus pensamentos, uma carranca se estabelecendo em seu rosto e vincando sua testa. — Precisamente.

— Olhem aqui, rapazes. — Disse Dickon ansiosamente. — Você acha que se andarmos ao redor do parque por tempo suficiente, Lady Ella aparecerá? Há várias mulheres hoje.

Christian também estava esticando o pescoço para ver um cabelo escuro. Ele se lembrou de Poppy então, e de Marianne, e sentiu um choque. Ele não tinha ido ao parque! Ele estava a caminho de Mansão Seadown. Sentindo-se confuso e ligeiramente envergonhado, ele estava prestes a sugerir para convidarem Marianne e Poppy para se juntar a eles quando Roger o fez por ele.

— Devo falar com a princesa Poppy. — Roger anunciou. — Vamos sair por aqui, em direção aos Seadowns. Pensando bem, provavelmente devo informar Lorde Richard também de minhas suspeitas. E falar com El... falar com uma velha amiga, se ela estiver lá.

Christian, aliviado por ter se lembrado de seu destino, não perguntou quem na casa dos Seadowns Roger considerava uma velha amiga. Dickon, por sua vez, estava tão ocupado procurando Lady Ella que quase estava sentado de costas na sela.

— Ela deve estar por aqui em algum lugar. — O Thwaite mais jovem continuava murmurando.

Finalmente Roger agarrou as rédeas do cavalo do irmão.

— Venha comigo, Dickon, vamos resolver o problema mais tarde.

Capítulo 20

Investigador

— Roger, graças a Deus! — Poppy ficou de pé, espalhando seu tricô pelo chão, quando o mordomo levou Christian, Roger e Dickon para a sala. — Acabei de lhe enviar uma mensagem!

Ela mal se conteve a tempo: estivera perto de abraçar o irmão Thwaite mais velho de alívio. Ela olhou para Christian, quase corando, mas ele estava olhando ao redor da sala como se nunca tivesse visto antes. Dickon Thwaite também olhavam em volta com uma expressão de leve interesse, sem dar atenção a Marianne no sofá. Poppy ergueu as sobrancelhas e Roger assentiu gravemente.

— Dickon, Christian. — Poppy disse em voz alta. — Por que vocês não conversam com Marianne enquanto Roger e eu discutimos algo? — Ela manteve a voz clara, mas firme. Era o mesmo tipo de voz que ela usava quando tentava fazer com que Pansy e Petunia, suas irmãs mais novas, fizessem algo sem acessos de raiva.

— Você está planejando algo, Poppy? — Marianne olhou para cima com um brilho nos olhos, as mãos emaranhadas no fio.

Poppy estava tentando ensiná-la a tricotar para distrair Marianne dos dois tópicos que a obcecavam: seu baile de aniversário e Lady Ella.

Marianne acordou naquela manhã com uma dor de cabeça latejante e uma lembrança da festa de gala diferente da de Poppy. Ela se lembrava de Lady Ella não ser apenas bonita, mas devastadoramente bonita, e tanto Christian quanto Dickon dançando apenas com a misteriosa encantadora, ignorando Poppy e ela mesma completamente. Ela era quase violenta em seus sentimentos por Lady Ella, e nenhuma correção por parte de Poppy a convenceria de que suas memórias estavam erradas.

Tendo desistido de tentar falar com sua amiga sobre encantamentos e a verdade por trás da identidade de Lady Ella, Poppy a fez falar sobre seu próprio baile. Ela havia sugerido presentes, tanto dela mesma quanto dos pais de Marianne, e até concordou em dançar pelo menos uma dança, apenas para apaziguar a amiga.

Poppy explicou tudo isso apressadamente para Roger enquanto eles se posicionavam perto do assento da janela, meio escondidos nas longas cortinas roxas. Poppy encontrou seus olhos procurando cada carruagem que passava, como se esperasse que um rosto familiar chegasse e fornecesse ajuda. Mas a verdade triste é que ninguém estava vindo.

— Mas e quanto a Eleanora? — A voz de Roger era baixa.

— Oh, sim! Eleanora! — Poppy era quase tão interessada por ela quanto Marianne. — Eu insisti em voltar para casa assim que ela saísse do salão, esperando que pudéssemos pegá-la trocando de vestido ou algo assim. Mas o transporte da carruagem demorou tanto que era quase uma hora da manhã quando chegamos. E lá estava ela, esperando para ajudar Marianne e eu a despir-nos como se ela não tivesse bailado com Christian apenas uma hora antes!

— O vestido? As joias? Não havia sinal delas?

— Nenhuma mesmo. — Poppy afirmou. — Na verdade, eu fiquei acordado até quase o amanhecer procurando a maior parte da casa. E esta manhã subi furtivamente para dar uma olhada nos quartos das empregadas.

— Você perguntou a ela sobre isso diretamente? O que ela disse?

—*Não sei o que você quer dizer, Alteza.* — Recitou Poppy. — *Eu nunca deixei a mansão, Vossa Alteza. Eu não teria um vestido adequado para um baile!* — Poppy cerrou os dentes. — Toda doce inocência, e tudo isso uma mentira.

— No momento, Alteza. — Roger disse, enrubescendo.

Poppy se lembrou tardiamente de que Ellen, por mais difícil que fosse, era amiga de infância de Roger e controlou seu temperamento. Levemente.

— Me chame de Poppy. — Disse ela. — E temo que seja verdade. Não houve nenhuma das bobagens que minhas irmãs e eu passamos. Ela não começou a balbuciar incoerentemente, ela não perdeu a voz de repente. Ela olhou diretamente para mim com olhos grandes e mentiu. Assim como ela mentiu quando perguntei por que, então, seu cabelo estava tão cheio de pomada? Por que ela cheirava a perfume exótico? E, mais revelador, onde estavam suas meias e por que ela estava mancando?

— Mancando?

Roger parecia preocupado e Poppy teve que reprimir outro suspiro. Não seria bom para ele ficar tão apaixonado por *Lady Ella* quanto os outros cavalheiros, com ou sem encantamento.

— Eu imagino que seja por dançar por horas com aqueles sapatos pouco práticos. — Disse ela. — Tenho certeza que ela vai ficar bem. Nesse ínterim, realmente devemos descobrir o que está acontecendo.

— O que está acontecendo aqui?

Poppy e Roger olharam para cima, assustados, quando as palavras de Poppy ecoaram da porta. Lorde Richard tinha acabado de entrar na sala e estava examinando os diversos jovens com sua diversão típica.

— Refazendo a festa da noite passada? Fofocando sobre quem dançou com quem?

Lorde Richard estivera no jardim com amigos durante a maior parte da festa e não vira Lady Ella. Mas seus ouvidos ficaram cheios com a história de como o vestido de Poppy tinha sido copiado pela misteriosa oportunista, como Marianne a rotulou, todo o caminho de volta para a mansão na noite anterior. Mais especulações ocorreram durante o café da manhã, é claro, o que fez com que o cavalheiro se barricasse atrás de um jornal.

— Papai. — Disse Marianne irritada. — Não adianta ignorar: Lady Ella arruinou o efeito do vestido de Poppy e roubou todos os cavalheiros! — Marianne lançou a Dickon um olhar de desdém incomum.

Claramente surpreso, Lorde Richard observou sua filha normalmente alegre e então olhou para Roger e Poppy antes de voltar para Marianne.

— *Todos* os cavalheiros? Minha querida, dificilmente acho que seja possível para uma jovem comandar *todos* os seus parceiros de dança de uma vez.

Antes que Marianne pudesse responder, Poppy pegou Roger pelo braço e o conduziu pela sala.

— Primo Richard, podemos conversar com você em seu escritório?

Lorde Richard assentiu.

— Como você parece mais você mesma hoje do que o resto da casa, estou bastante satisfeito. — Disse ele.

— O que é? — O conde mal esperou até que a porta do escritório fosse fechada para fazer a pergunta.

Primeiro Roger, depois Poppy, despejaram tudo o que sabiam: como Eleanora, a órfã sem um tostão, havia se tornado Ellen, a empregada, depois foi ao baile com um vestido copiado de Poppy e encantou todos que a viram lá. Como ninguém, nem mesmo Lady Margaret, a tinha reconhecido, e como esta manhã Christian e Dickon estavam confusos e obcecados por essa Lady Ella, enquanto Marianne e sua mãe insultavam a misteriosa mulher por ser tão espetacular e desejada.

— Não consigo encontrar nenhum sinal do vestido, dos sapatos, nada disso. — Disse Poppy. — Eu perguntei a ela várias vezes sobre a noite passada, mas ela nega tudo.

Sentado atrás de sua grande escrivaninha, Lorde Richard brincou com um abridor de cartas.

— Entendo. — Ele franziu os lábios. — Poppy, se me permite fazer uma pergunta bastante delicado: isso de alguma forma lembra da... coisa desagradável de que você e suas irmãs sofreram?

— De jeito nenhum. — Poppy disse prontamente. — Oh, parece algum tipo de feitiço, mas isso é apenas minha intuição. Ellen parece satisfeita. Acredito que ela poderia falar sobre isso se quisesse. Já a vi andando pela mansão todas as horas da noite, e sempre coberta de fuligem com uma expressão de gato que roubou o creme. Você não a viu ontem à noite, mas eu...

Ela parou de falar, finalmente percebendo a expressão no rosto de Lorde Richard. Ele estava bastante pálido e seus olhos estavam sombrios.

— Você disse coberta de fuligem? — Sua voz era pouco mais que um sussurro.

Poppy teve que limpar a garganta duas vezes antes de responder.

— Sim. Por quê?

Lorde Richard apenas ficou olhando por cima dos ombros deles por um longo tempo, então ele olhou para sua mesa, ainda pálido.

— Isso é algo para se pensar, de fato. Como você evitou cair no encantamento?

Poppy abriu a boca para responder à sua pergunta, mas pensou melhor e humildemente disse.

— Eu tenho ligas tricotadas especialmente para me proteger.

— E Thwaite? E você?

— Acontece que eu estava usando um amuleto que me foi dado por um mágico, senhor. — Roger disse calmamente. Ele também ficou em silêncio diante da expressão terrível de Lorde Richard.

— Bom. Mantenha-os com vocês o tempo todo. Agora, se vocês dois me derem licença. Eu gostaria de falar com Ellen. Sozinho. — Ele estendeu a mão para tocar a campainha e Poppy e Roger se retiraram para a sala.

Agora Poppy não sabia o que pensar. Lorde Richard sabia de algo, Ellen era muito possivelmente uma participante voluntária do feitiço e não queria falar sobre isso, e Christian estava assustadoramente obcecado por *Lady Ella*. O mundinho confortável que ela conhecera aqui em Bretanha poucos dias antes estava caindo em sua cabeça.

— Pelo menos não foi minha culpa. — Ela murmurou. — Claro, não era antes, mas isso não ajuda.

Ela queria escrever outra carta para Galen e Rose, ela já havia enviado uma naquela manhã, mas foi inútil. Eles não receberiam a carta por quase duas semanas, e ainda levaria mais duas semanas antes que ela tivesse uma resposta.

Ela ficou ao mesmo tempo consolada e um pouco assustada com a expressão de choque de Roger. O consolo veio de não ser o único afetado pela

reação de Lorde Richard. O medo, entretanto, veio da descoberta de que mesmo com o conhecimento de Roger sobre feitiços e magia, e a inteligência clara de Lorde Richard, eles não haviam encontrado uma resposta pronta para o que estava acontecendo.

De volta à sala, Christian estava jogando xadrez com Marianne enquanto Dickon observava. A cena era tão do jeito que as coisas eram antes da festa gala real que Poppy estava bastante tranquila. Se eles pudessem evitar falar sobre Lady Ella até que isso fosse resolvido, tudo poderia estar bem, afinal.

Trocando um olhar aliviado com Roger, Poppy se sentou no sofá e começou a tricotar.

— Eu me pergunto se Lady Ella joga xadrez? — Dickon refletiu alegremente. Poppy praguejou.

Capítulo 21

Rasgado

Ellen mancou para o escritório de sua senhoria, o coração batendo forte. Seus pés estavam melhores, mas ela estava lá em cima quando foi chamada e a longa caminhada pelas escadas os fez doer novamente. As solas estavam queimadas e os dedos dos pés muito rígidos.

Isso a lembrou de um feriado à beira-mar que sua família tinha cuidado quando ela era criança. Ela tirou os sapatos e as meias e correu para a costa, sem perceber até chegar à beira da água que a areia estava extremamente quente sob o sol do meio-dia.

Mas valeu a pena sentir as ondas ondulando sobre os dedos dos pés, e a dor de hoje valeu a pena também. Ela havia dançado com um príncipe, e ele prestou atenção em cada palavra dela. E ela dançou com Roger Thwaite, que estava tão bonito quanto se lembrava dos dias antes da ruína de seu pai. Ela tinha sido a estrela brilhante da gala real, e Marianne e Poppy não paravam de falar sobre isso.

Era bastante preocupante que Poppy a tivesse reconhecido, entretanto, e suspeitasse que magia estava envolvida. Poppy parecia pensar que Eleanora estava em algum tipo de perigo e precisava ser salva. Ela era muito estranha,

Ellen pensou enquanto batia suavemente na porta do escritório de Lorde Seadown, momentaneamente distraída. Muito estranho.

Seus medos voltaram quando ouviu a voz de Lorde Seadown ordenando-lhe que entrasse. Ele estava sentado em uma cadeira alta de couro atrás de sua mesa, sua expressão severa. Ela fechou a porta e encostou-se a ela, tentando não parecer culpada.

Então ela ergueu o queixo e deu um passo mais para dentro da sala, colocando os pés com cuidado para que a rigidez não fosse óbvia. Afinal, ela não tinha nada do que se sentir culpada. Lady Seadown havia dito que ela poderia ir ao baile de gala real e ao baile de aniversário da rainha em duas semanas. E ela não tinha quebrado ou queimado nada (além dos seus pés) em dois dias.

— Sim, meu senhor?

— Por favor, sente-se, Eleanora. — Disse Lorde Richard, e indicou uma das belas cadeiras estofadas verdes em frente a sua mesa.

Surpresa por ele saber seu nome verdadeiro, Ellen se sentou. Ela cruzou as mãos no colo, notou uma mancha no avental branco e moveu o braço esquerdo uma fração para cobri-la. Ela resistiu ao impulso de girar os polegares e tentou olhar sua senhoria nos olhos.

Ela não tinha feito nada de errado.

— Minha querida, cheguei ao meu conhecimento que você pode estar com alguns problemas. — Lorde Richard disse gentilmente.

— Não sei o que quer dizer, senhor. — Disse ela mansamente.

— Talvez você ainda não tenha percebido que está com problemas. — Disse ele. Ele fechou os olhos e parecia aflito. — Minha querida, fazer barganhas com... pessoas poderosas, digamos... nunca é sábio. Eles sempre encontram maneiras de distorcer suas promessas.

— A princesa Poppy pode ser um tanto ousada, eu sei, e acredito que ela pode ter confrontado você hoje sobre o baile de gala da noite passada...

— Mas Vossa Senhoria! Não fui ao baile de gala. — Protestou ela, sentindo um rubor subir por seu pescoço e bochechas com a mentira. — Não tenho vestido para essas coisas!

Ela não contaria a ele sobre sua madrinha. Ele pensaria que era magia negra e tentaria impedi-la de voltar. Ela tinha que ver sua madrinha novamente. Precisava ter mais vestidos e ir a mais bailes, para que pudesse se casar com o príncipe Christian e ser levada para longe de Mansão Seadown e de suas infindáveis pilhas de roupas para passar.

Lorde Richard olhou para ela como teria olhado para Marianne se ela o tivesse desapontado.

— O nome *A Corley* significa alguma coisa para você?

Ellen sentiu o rubor subir até a testa e depois diminuir como uma maré repentina, deixando-a pálida. Como ele sabia o nome da madrinha dela? Ela engoliu em seco, a garganta seca.

— Não. — Ela sussurrou. — Não, Vossa Senhoria.

Lorde Richard parecia ainda mais desapontado e assustadoramente abatido. Ele olhou nos olhos dela por um longo tempo. Ellen se perguntou que história horrível alguém lhe contara sobre sua madrinha que o deixava com tanto medo da velha. Ela sentia ainda mais fortemente que não devia contar a verdade. Todas as suas esperanças seriam frustradas se o fizesse.

— Você está certa?

— Sim, Vossa Senhoria. — Ela alisou o avental. — Posso ir, Lorde Richard? Eu não gostaria de fugir de meus deveres.

Ele hesitou, seus olhos fixos nos dela.

— Muito bem. Mas, por favor, minha querida, se você deseja discutir... qualquer coisa, por favor, venha até mim. Ou para Poppy ou Roger Thwaite. Só queremos ajudar você.

— Obrigada, senhoria. — Disse ela calmamente enquanto se levantava. — Mas estou muito bem.

Ela conseguiu sair do escritório sem mancar e realmente desceu até a sala de arejar para pegar a roupa de cama para passar. Naquela manhã ela conseguira fazer três camas sem rugas nem amassados, levara um vaso de flores da cozinha para a sala sem derrubar o vaso, esmagar as flores ou derramar água, e até levara uma bandeja de chá para Lady Margaret sem incidentes.

Ou dançar com o príncipe Christian lhe dera uma nova confiança, ou sua madrinha estava de alguma forma cuidando dela, Ellen pensou enquanto passava o ferro. A temperatura do ferro permaneceu constante e as rugas suavizaram como deveriam. Não houve queimadura de tecido, nem queimadura de dedos. Ellen praticamente cantava enquanto trabalhava, e os olhares das outras criadas enquanto ela enchia uma cesta com lençóis bem passados e dobrados não podiam diminuir seu ânimo nem um pouco. Até a fuligem que parecia penetrar nas dobras de suas roupas e cobrir tudo o que ela tocava tinha sumido.

Seu bom humor era finalmente arruinado, entretanto, quando ela irrompeu do corredor dos domínios dos servos e andou direto para o príncipe Christian. Com a cesta de linhos engomados entre eles, eles se olharam, assustados, por um momento.

O coração de Ellen começou a disparar, e o sangue latejava em seus ouvidos tão alto que ela levou um momento para entender o que ele estava

dizendo. Quando ela finalmente compreendeu suas palavras, sentiu suas bochechas queimarem ainda mais.

— Perdoe-me. — Disse o príncipe Christian novamente, e contornou-a. Ele assobiou enquanto se dirigia ao lavabo.

A completa falta de reconhecimento em seu rosto a sacudiu. Ele não a conhecia por causa de seu uniforme de empregada? Ela revirou em sua mente enquanto fazia o resto de suas tarefas naquele dia.

Ele apenas olhou para as roupas dela, e não para o rosto dela? Roger Thwaite a conhecia, a conhecia no instante em que a vira no baile. Poppy a conhecia também, mas Marianne e Lady Margaret não a reconheceram e claramente pensaram que Poppy estava enganada.

A madrinha de Ellen disse que ela lançaria um *encanto suave* sobre ela, então não haveria alvoroços por causa de uma empregada que comparecesse ao baile real, mas certamente um encanto suave não impediria o Príncipe Christian de conhecer a parceira de dança que ele tinha se apaixonado por apenas algumas horas antes! Ela deveria contar a ele? Ela teria que, eventualmente, se eles fossem se casar.

Preocupante também foi a maneira arrogante com que A Corley a expulsou de seu palácio, com os pés doloridos e tudo. Ellen esperava, no fundo, que sua madrinha a deixasse ficar no palácio com colunas de vidro de agora em diante. Que ela poderia assumir o papel de Lady Ella o tempo todo, e não voltar a ser Ellen, a criada.

Mas ela iria ao baile de aniversário de Marianne como Lady Ella. E então havia o baile de máscaras no palácio. Ao final do baile de máscaras, ela teria uma proposta de casamento e poderia finalmente largar o cargo de empregada para sua nova vida.

Com o Príncipe Christian.

Quando ela desceu as escadas para a cozinha novamente, teve um vislumbre de uma figura alta com cabelos escuros saindo da sala. Com o coração disparado, Ellen escondeu-se atrás de uma cortina e espiou para fora. Era Roger, e ela não queria que ele a visse em seu uniforme de empregada. Ele a reconheceria, ela tinha certeza.

Ele a reconheceria, não importa o que ela usasse.

Através de seu vestido de gola alta, ela tocou o pequeno anel de granada em sua corrente. Roger o tinha dado a ela em seu aniversário de doze anos e o usava todos os dias desde então. Era muito pequeno para qualquer um de seus dedos agora, então ela o usava em volta do pescoço em uma fita junto com o medalhão contendo o retrato de sua mãe. Ela teve que esconder ambos de seu pai durante os dias finais de sua ruína. Nenhuma das joias valia muito dinheiro, mas eles precisavam de cada libra e o conde as penhoraria sem pensar na dor que isso teria causado a sua filha.

De seu esconderijo, Ellen pôde ver que Roger estava com Poppy e sentiu uma pontada de ciúme. Eles se aproximaram da escada logo abaixo de onde Ellen estava, e ela se esforçou para ouvir.

— Ele já falou com ela e ela se foi. — Disse Poppy.

— Da casa? — Roger parecia alarmado.

— Não, apenas de seu escritório. — Poppy disse. — Mas ele não vai me dizer o que ela disse.

— Ele está profundamente perturbado com tudo isso.

— Tenho me perguntado... — Disse Poppy, mas parou.

— Sim? — Roger se aproximou dela e Ellen cerrou os dentes.

— Tenho me perguntado sobre o jogo de Lorde Richard.

— Mas ele não joga. — Roger apontou.

— Ele não joga *mais.* — Disse Poppy. — Mas ele costumava, e sempre ganhava. E então um dia ele simplesmente desistiu. Você acha, talvez, que ele fez algum acordo com um mágico ou alguém assim, para que sempre ganhasse?

— É possível, suponho. — Roger meditou. — E foi quando você disse que Eleanora estava sempre coberta de fuligem que ele empalideceu. Talvez ele tenha uma ideia de com quem Eleanora pode ter lidado.

— Se for assim, então não pode ter sido alguém muito bom. — Disse Poppy. — Eu nunca vi Lorde Richard parecer tão assustado.

— Mas por que Eleanora não está com medo, então?

— Possivelmente porque ela é muito tola para sentir medo. — Disse Poppy. As mandíbulas de Ellen estavam cerradas com tanta força agora que seus dentes rangeram. — Mas possivelmente porque ela ainda não viu a verdadeira face do que está lidando. A magia negra pode parecer inofensiva quando quer.

— É verdade. — Disse Roger. Então ele e Poppy se moveram em direção à porta da frente e ela o acompanhou.

Ellen saiu de seu esconderijo, endireitou o gorro onde a cortina o havia torcido e desceu os degraus como se não tivesse apenas se agachar no topo deles, espionando. Quando Poppy voltou pelo saguão de entrada, ela chamou a atenção de Ellen, mas não disse nada. Ellen fez uma reverência para a princesa e passou pela portinhola embaixo da escada que levava aos aposentos dos criados.

Talvez sua madrinha tinha sido um pouco insensível com os pés machucados de Ellen, ou seu desejo de se livrar do uniforme de empregada para sempre. Mas por que ela ajudaria Ellen se não queria que sua afilhada

tivesse um casamento brilhante e vivesse feliz com um príncipe até o fim de seus dias?

Não era como se A Corley pudesse se beneficiar!

Capítulo 22

Magia

— Por que a magia sempre cheira tão mal? — Poppy levantou a tampa da panela e a deixou cair de volta com um barulho. — Isso está fazendo meus olhos lacrimejarem!

— Então pare de levantar a tampa! — Roger, com as mangas de sua camisa arregaçadas, franziu a testa para ela. Ou talvez ele estivesse apenas carrancudo para o livro aberto diante dele. Ele pegou um maço de ervas, tirou três folhas e levantou ele mesmo a tampa para jogá-las dentro.

Segurando o nariz quando o vapor flutuou em sua direção, Poppy o observou com os olhos marejados. Eles estavam na despensa da mansão dos Thwaite, usando um texto antigo que Roger aprendera em suas viagens para preparar uma poção que libertaria da magia do feitiço de Corley.

Ou assim eles esperavam.

O domínio de Roger sobre Shijn, a linguagem do texto, era bastante bom, mas ele não era fluente de forma alguma. E não havia garantia de que funcionaria no encantamento específico de Corley. Era para ser uma cura para a doença do amor, que era a coisa mais próxima que eles puderam encontrar da obsessão por Ella que seus amigos sofriam. Mesmo agora, Dickon estava lá em cima, escrevendo sonetos para seu novo amor, enquanto de volta à Mansão

Seadown, Marianne estava escrevendo *Ella* em pedaços de papel e depois os queimando.

Pegando-se em alcançar a tampa novamente, Poppy recuou para o outro lado da sala e começou a tricotar. Ela estava fazendo seu próprio feitiço, tricotando lã crua em faixas que podiam ser usadas como pulseiras. Ela usava ligas de fabricação semelhante e, por mais que coçassem, dormira com elas nas últimas noites para acabar com seus pesadelos. Tinha ajudado, e ela esperava poder proteger seus amigos da mesma maneira.

— Outra feita. — Ela anunciou, soltando a ponta da pulseira e cortando a ponta de lã pendurada.

Ela jogou a tira de lã tricotada em um pote de água da chuva que continha três outras. Medindo o fio restante, ela viu que tinha sobrado o suficiente para mais uma pulseira, mas apenas se tricotasse com tanta força que suas agulhas chiariam.

Roger parou de franzir a testa sobre o texto do Shijn e franziu a testa para o pote de pulseiras e água da chuva. Parecia ensopado de enguia, Poppy pensou, e ela não o culpou por franzir a testa. No entanto, se ele disse algo depreciativo...

— Agora adiciono manjericão, beladona e hortelã. — Disse ela. — O que é outra combinação horrível de odores que certamente me fará perder o jantar.

— Onde você aprendeu sobre isso? — Ele deu a ela um olhar de soslaio. — Suponho que isso era parte da defesa de sua família contra o Rei Sob a Pedra, mas como você soube disso?

— Walter Vogel, um de nossos jardineiros, era um mágico branco. — Disse Poppy. — Ele disse a Galen, que agora está casado com Rose, sobre o manjericão ser uma boa proteção e a beladona para afastar encantamentos. Galen leu sobre como adicionar hortelã mais tarde. Dá-lhe clareza de espírito.

— Interessante. — Roger cutucou as folhas de hortelã na mesa ao lado da panela. — Então, esse Galen continuou estudando magia?

Ela afastou a hortelã com a ponta de uma agulha.

— Sim. — Ela disse. — Walter desapareceu depois que Galen e Rose se casaram, mas encontramos um baú cheio de livros de feitiços em um dos galpões do jardim. — Ela deixou de lado o tricô. Tentar fazer os pontos apertados o suficiente para que ela não ficasse sem fio era cansativo, e queria terminar as outras pulseiras assim que pudesse.

Apoderando-se de outro dos pequenos queimadores de álcool[14], ela colocou seu pote de água da chuva e tricô sobre ele e começou a adicionar muitas folhas de hortelã, manjericão e beladona. Não foi fácil encontrar beladona em Castleraugh. Para começar, Poppy levou uma hora e vários dicionários para descobrir a palavra bretã para isso, já que sua governanta nunca a ensinou a traduzir nomes de venenos mortais. Então ela teve que encontrar um boticário que iria vendê-lo para ela.

Muitos levaram, mas apenas um o entregara à princesa, que estava prestes a contratar um ladrão para pegar isso, quando encontrou uma loja decadente o suficiente. O vendedor caolho riu durante toda a transação, como se estivesse encantada com a ideia de ela envenenar alguém. Quando ela lhe garantiu que só queria para fins medicinais, ele piscou para ela de uma forma que imaginou passar por uma piscadela, e riu ainda mais.

— Quanto disso você deve colocar? — Roger a observou jogando as ervas com os olhos apertados.

— Eu realmente não acho que haja uma medida. — Poppy disse despreocupadamente. — Normalmente, apenas jogamos um pouco. Também é bom manter a beladona e o manjericão com você, talvez no bolso. Embora você cheire a um jardim de ervas se o fizer.

— Interessante. — Disse Roger novamente.

Mas Poppy poderia dizer que ele não achou interessante, mas duvidoso. Ele era tão preciso sobre tudo que ela sabia, ao vê-la jogar ervas, querendo ou não, o estava fazendo estremecer. Ela acrescentou o resto do manjericão e colocou uma tampa na panela.

— Como vai a sua? — Ela acenou com a cabeça para sua mistura.

Roger olhou pesadamente o relógio de bolso, tirou a tampa da panela e mexeu com uma longa colher de prata. Ele cheirou a coisa horrível, conferiu o texto uma última vez e tirou a panela do fogo.

— Deve estar pronto. — Disse ele.

— Como testamos?

A voz de Poppy era alta e nasal, já que ela apertou o nariz quando ele tirou a tampa da panela. O fedor era realmente terrível, como pés sujos, cogumelos e canela misturados. Combinado com o manjericão e a hortelã de sua panela, ela teve que lutar para não engasgar e agradeceu aos céus que a beladona, pelo menos, não tinha cheiro.

— Vou dar um pouco para Dickon. — Disse Roger. Ele não estava segurando o nariz, mas seu rosto estava bastante esverdeado.

— Se os ingredientes estiverem errados, isso não vai matá-lo, vai?

— Não deveria, nenhum dos ingredientes é prejudicial.

— Além do cheiro. — Ela brincou.

— Isso deve ferver durante a noite. — Ela continuou, indicando sua panela. — Eu preciso de um pouco de ar fresco.

— Concordo. — Disse Roger.

Os dois cambalearam para fora da despensa e inspiraram grandes goles de ar com cheiro de roupa limpa na sala de secagem adjacente. Quando a poção esfriou, Roger voltou para a despensa e a despejou em um copo para Dickon.

— Ele vai beber?

— Vou dizer a ele que é o chá favorito de Lady Ella. — Roger disse.

Poppy riu e ainda estava rindo quando eles entraram na biblioteca. Dickon estava coberto de papel amassado e ergueu os olhos com uma expressão confusa quando eles entraram.

— Você consegue pensar em uma rima para *Ella* diferente de *fella*[15]? — Ele perguntou.

Poppy colocou uma das mãos sobre os olhos. Ela podia pensar em várias coisas, para *Ella*, que rimariam, mas nenhuma delas servia para uma boa poesia. Ela nem queria saber o que havia nos papéis amassados espalhados pela mesa e pelo chão.

— Poesia não é realmente meu forte. — Roger disse suavemente. — Tome uma bebida para se refrescar, por que não?

— Ah sim! Exatamente!

Dickon estendeu a mão para o copo com bastante ansiedade, mas quando o odor atingiu suas narinas ele recuou, quase derramando-o. Roger agarrou o copo bem a tempo.

— Eu digo! Cheira a bota velha!

Roger começou a dizer algo sobre Lady Ella, mas Poppy o deteve com a mão em sua manga.

— Dickon. — Disse ela com um sorriso. — É uma poção do amor.

— Perdão? — Os irmãos disseram juntos.

— Isso o tornará irresistível para Lady Ella.

— Mesmo? — Dickon lambeu os lábios e estremeceu. — Você acha que eu preciso disso? Preferia cortejá-la com meus poemas.

Poppy sentiu suas narinas dilatarem e ela reprimiu uma risadinha.

— Bem, caso você não consiga encontrar uma rima para *Ell*'... — Ela pegou o copo de Roger e o estendeu para Dickon.

— Tem certeza de que vai funcionar? — Ele parou com uma mão estendida. — Por que cheira tão horrível?

— Porque só funciona com Lady Ella — Poppy improvisou. — Nós pegamos uma de suas meias.

— Como você conseguiu uma das meias de Lady Ella?

— Nós subornamos sua empregada. Agora beba!

Dickon hesitou apenas mais um segundo, então agarrou o copo, engoliu-o e engasgou. Ele posou o copo até a mesa, segurando a garganta com a mão livre.

— Oh! Você me envenenou!

— Bobagem. — Disse Roger com uma voz preocupada. — Você só precisa, hum, gire o copo de vidro. — Ele fez um movimento de girar.

— Girar o copo de vidro? — Agora foram Poppy e Dickon que falaram ao mesmo tempo. Dickon, ainda com ânsia de vômito, girou obedientemente o copo sobre a mesa.

— Isso não está fazendo nada. — Poppy relatou, torcendo as próprias mãos na saia de seu vestido.

— *Din yun, din yun* ...? — Roger puxou o lábio inferior. — Oh! — Ele balançou sua cabeça. — *Jogue* o copo!

— Com todo o prazer. — Dickon engasgou e jogou o copo na lareira.

O vidro se estilhaçou em pequenos diamantes, que fumegaram e desapareceram com um suave som de repique. Poppy fechou a boca e olhou para Dickon, que de repente se sentou em sua cadeira e olhou em volta como se tivesse acabado de acordar.

— Para o que foi aquilo?

— Então, para você parar de se fazer de bobo para Lady Ella. — Poppy disse, observando cuidadosamente sua reação.

— Lady Ella? Aquela garota estranha que ficava batendo em Christian com seu leque? — Dickon balançou a cabeça e voltou a seus papéis e caneta. — Não sei o que você quer dizer. Agora, por favor, deixe-me em paz enquanto escrevo uma carta para Marianne. O aniversário dela é amanhã, você sabe.

Roger e Poppy fugiram para o corredor onde estavam, parecendo atordoados, por um momento.

— Meu Deus. — Poppy disse finalmente. — Isso parecia muito fácil.

Capítulo 23

Sonhador

Poppy se levantou no meio da cama, só para ter certeza que ela não voltaria a dormir e continuar com o seu pesadelo miserável. Por que ela tinha que visitar incessantemente o Palácio Sob a Pedra, não sabia, mas esperava que os sonhos parassem logo.

Ela se agachou e enfiou a mão embaixo do travesseiro para se certificar de que o saquinho branco ainda estava lá. Estava. Ela o arrancou e o levou ao nariz. Ainda as ervas perfumavam depois de todos esses anos, a bolsa de musselina fora um presente de Walter Vogel. Ele deu sachês para Poppy e todas as suas irmãs há cerca de dez anos, para afastar pesadelos. O dela parecia não estar mais funcionando, embora ainda cheirasse tão fresco como sempre.

Outra coisa sobre a qual escrever para Galen. Poppy gostaria de poder perguntar a Walter, mas seu trabalho em Westfalin estava terminado, embora Poppy e suas irmãs ainda sentissem falta do velho estranho. Ela se perguntou se havia alguma maneira de convocá-lo, pois certamente seu conhecimento de magia era necessário aqui na Bretanha agora.

Ela se levantou e escreveu um bilhete para Galen e Rose, incluindo o sonho estranho, as perguntas sobre seu sachê e a possibilidade de entrar em contato com Walter Vogel. Ela o lacrou e endereçou para que pudesse sair com

o primeiro envio, mas mesmo assim alcançaria Galen e Rose tarde demais para ajudar. Faltavam apenas dois dias para o baile de aniversário de Marianne, e Poppy tinha certeza de que *Lady Ella* estaria presente, causando ainda mais confusão do que antes.

Christian e Lady Margaret não podiam falar de outra coisa, e Marianne desatava a chorar sempre que alguém mencionava Ella ou a gala real. Dickon precisou de mais duas doses da poção, que parecia passar depois de um dia, e Roger estava tentando freneticamente preparar mais daquela substância fedorenta, mas estava tendo problemas para localizar um dos ingredientes. E a empregada de despensa dos Thwaite havia apagado a lamparina de álcool sob o pote de lã fervente de Poppy, e agora ela teria que começar tudo de novo com as ervas e a água da chuva.

Roger tinha ido à casa duas vezes especificamente para visitar Ellen e tentar revelar seus planos para o baile que se aproximava, mas nas duas vezes a garota convenientemente desapareceu.

Mas quando Poppy viu o vestido que Lady Margaret tinha feito para ela usar no baile de Marianne, ela decidiu que iria confrontar Ellen na frente de todos os convidados se *Lady Ella* usasse uma cópia dele.

Era de cetim violeta profundo com uma sobressaia de tecido cinzento que suavizava a cor por baixo e fazia Poppy parecer uma fada princesa. Havia bordados prateados ao redor do decote e sapatos de cetim combinando. Ela já tinha uma gargantilha de seda violeta que usava para alegrar um vestido branco que herdara de Lily.

— E olhe para o meu. — Marianne balbuciou, seus pensamentos foram tirados de Lady Ella pela primeira vez em todo o dia. — Apenas olhe!

Poppy olhou e aplaudiu. Marianne ofuscaria todo mundo com esse vestido, e Poppy sentiu um pouco da tensão em seus ombros se desfazer. O

vestido de Marianne era de cetim rosa com um leve rendilhado de dourado bordado nas mangas e na bainha. Lady Margaret ia deixar Marianne usar a tiara de pérolas e o colar, cada um com um único diamante rosa como peça central, que fora seu presente de casamento de Lorde Richard.

Poppy girou Marianne.

— Você vai ficar linda!

— Sim, linda, Lady Marianne. — Ecoou uma voz da porta. Ellen estava lá com uma bandeja de chá nas mãos e um sorrisinho engraçado no rosto.

Poppy pegou a bandeja antes que Ellen conseguisse derramar o chá em qualquer um dos vestidos. Embora Ellen tivesse sido extremamente graciosa ultimamente, Poppy não estava se arriscando.

— Nem pense nisso. — Poppy avisou quando os olhos azuis de Ellen iluminaram o vestido prateado e violeta.

— *Eu* não vou. — Ellen respondeu, fez uma reverência e se afastou.

— Não há necessidade de ser dura. — Disse Lady Margaret gentilmente.

Sabendo que Lady Margaret ainda não iria acreditar nela, e não querendo suportar as enchentes de lágrimas de Marianne que uma menção a Lady Ella traria, Poppy se desculpou. Então ela voltou sua atenção para os vestidos de baile, admirando a costura fina e as camadas dramáticas das saias.

Mas Lady Margaret ainda estava olhando para a porta fechada com uma expressão de preocupação no rosto.

— Eu simplesmente não sei o que fazer com aquela garota. — Ela murmurou. — Ela queria tanto ir ao baile real, mas agora ela parece perfeitamente satisfeita em não ter ido.

— Suas habilidades de empregada parecem estar melhorando. — Marianne disse, tocando as rosetas rosa no corpete de seu novo vestido. — Talvez ela finalmente tenha se resignado a estar no serviço.

— Eu realmente não acho que seja isso. — Disse Poppy, mas se recusou a discutir o assunto.

Christian voltaria a Danelaw uma semana após o baile de máscaras real, e Lady Ella claramente havia definido seu pretendente como o príncipe, o que significava que algo provavelmente aconteceria naquele baile de máscaras ou logo depois. Mas eles não tinham ideia do que era, e se Ellen não quisesse falar com eles, não havia nada que pudessem fazer para evitar.

Nada além de esperar, observar e torcer para que a garota tola recobrasse o juízo e confiasse a eles o segredo de seu encantamento, e logo.



— Quem ela pensa que é? — Marianne estava lívida de raiva. O rubor a fez parecer ainda mais bonita, mas Poppy duvidava que sua amiga apreciaria um elogio agora.

Lady Ella tinha de fato vindo ao baile de aniversário de Marianne, chegando tarde e em grande estilo em uma grande carruagem dourada puxada por uma dúzia de cavalos brancos reluzentes e acompanhada por meia dúzia de criados bonitos, mas mudos. Ela entrou no salão de baile e foi imediatamente até Christian, que largou a mão de Marianne como um tijolo quente e, em vez disso, dançou com Lady Ella durante a dança de abertura.

O salão inteiro, a mansão inteira, ficou em silêncio com o choque durante a maior parte da primeira dança. Então o balbucio estourou: as perguntas, as especulações, os elogios e insultos. Os cavalheiros estavam ainda mais apaixonados por Ellen do que antes, Poppy notou, enquanto as damas eram mais cruéis. Mas Poppy não podia culpá-las: ela não só estava roubando a

atenção da multidão de Marianne, mas também estava vestida, propositalmente, para ofuscar seu brilho.

Em vez de copiar o vestido de Poppy, desta vez Ella copiou o de Marianne.

— Não me importa o quanto você goste dela. — Poppy disse a Roger enquanto eles ficavam ao lado do salão de dança. Marianne passou por eles, agora acompanhada por seu pai, o rosto vermelho e os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Eu posso ter que matá-la.

Lady Ella e Christian lideravam as figuras do baile, um turbilhão de terno preto e vestido de cetim rosa. Enquanto as saias de Ella giravam, vislumbres tentadores de seus sapatos brilhantes foram revelados. Eram rosas e dourados e, mais uma vez, pareciam nada mais do que vidro fundido com perfeição. Seu colar e tiara eram versões mais opulentas de Lady Seadown, usadas por Marianne com tanto orgulho.

— Isso não é típico dela. — Disse Roger, inquieto.

— Não, isso não é como sua memória dela. — Poppy o corrigiu.

— Ainda não consigo acreditar que ela faria algo tão deliberadamente cruel. — Disse Roger, balançando a cabeça.

— As pessoas mudam. — Poppy disse baixinho. — Vamos dar uma olhada em sua carruagem. Assim que esta dança terminar, quero que a convide para dançar. Insista, se for preciso. E tente obter algumas respostas.

Engolindo em seco, Roger acenou com a cabeça e seguiu Poppy no ar noturno para ver a carruagem de ouro com seus cocheiros silenciosos e seus cavalos ainda mais assustadoramente silenciosos. Enquanto o ar frio esfriava as bochechas quentes de Poppy, ela tentou dizer a si mesma que só estava chateada por causa de Marianne, e não porque Christian estava fazendo papel de bobo.

Capítulo 24

Tonto

Christian dançava em salão de baile dos Seadowns com Lady Ella nos braços. Todos os observavam, e ele sabia exatamente por quê: Lady Ella era a jovem mais deslumbrante de toda Castleraugh, não, de toda Bretanha!

Era uma pena que Marianne Seadown tivesse tentado copiar o vestido de Lady Ella, mas realmente, ela não tinha esperança de competir. Ela parecia muito doce em seu vestido rosa, mas o de Lady Ella era claramente de um tecido mais rico, os fios de ouro brilhando com ousadia, que a pobre Marianne parecia desbotada.

A única coisa que diminuiu sua alegria foi que Lady Ella estava sendo tão tímida esta noite quanto tinha sido na gala real. Ela não lhe diria o nome de sua família ou onde morava, e não faria planos de se encontrar com ele fora do baile.

— Você não vai pelo menos me encontrar no parque para um passeio? Ou se você não cavalga, podemos caminhar. — Adulou ele.

— Oh, não, Vossa Alteza. — Disse ela com um sorriso sedutor. — Temo que minha tutora seja tão rígida que ela não me deixará ir a lugar nenhum!

— Ela deixou você vir aqui esta noite. — Disse Christian com uma explosão de inspiração. — E sem um acompanhante! — Ele olhou para ela em triunfo.

— Bem, os Seadowns são velhos amigos. — Ela respondeu evasivamente. — Então, é claro que tenho permissão para ir ao baile de Lady Marianne.

Algo sobre isso incomodou o cérebro de Christian. Se ela e Marianne eram amigas, por que Marianne parecia tão chateada? E por que nenhum dos Seadowns cumprimentou Ella quando ela chegou? Tudo parecia bastante irregular.

— Eu gostaria que as pessoas não estivessem me olhando tão horrivelmente. — Lady Ella se preocupou.

— Elas estão com ciúmes porque você é tão bonita. — Christian garantiu a ela.

Algo prateado e lavanda brilhou no canto de seu olho. Piscando rapidamente, ele teve a lembrança desagradável de todos aqueles lampejos verdes que tinha visto desde que chegara a Bretanha. Eles haviam, graças aos céus, parado uma ou duas semanas atrás, mas o lampejo prata e lavanda trouxe de volta a estranha sensação de estar sendo observado.

Ele se virou para ver de onde tinha vindo, e viu Poppy parada na porta do salão. Ela deu a ele um breve olhar de algo, pena? Aborrecimento? Difícil dizer. Então ela saiu com Roger Thwaite em seus calcanhares.

Para onde eles estavam indo? Christian tropeçou um pouco, tentando esticar o pescoço para observar. Certamente, se eles estivessem escapando para um encontro, não teriam saído do salão juntos? Ele tropeçou de novo e pisou em um dos pés de Lady Ella. Deixando escapar um grito fraco, ela desabou contra ele.

Christian saltou para trás envergonhado, segurando Lady Ella pelos cotovelos.

— Eu sinto muito! Você está bem?

Vários dos outros dançarinos esbarraram neles, causando confusão e risos daqueles que observavam. Mortificado, Christian meio que carregou Lady Ella do salão de dança para uma cadeira onde ela pudesse descansar.

— Eu quebrei seu pé? — Christian não pisou na ponta dos pés de uma parceira de dança desde seu primeiro baile aos doze anos, e agora provavelmente aleijou a pobre Lady Ella! O que ele estava pensando, deixando sua atenção vagar atrás de Poppy? Como se o relacionamento de Poppy com Roger Thwaite tivesse algo a ver com ele!

Voltando sua atenção para Lady Ella, ele se ajoelhou aos pés dela.

— Posso olhar?

Ela estava recostada na cadeira.

— Você deve pensar que eu sou uma idiota. — Ela disse fracamente.

— De modo nenhum. — Sentindo-se muito ousado, Christian delicadamente dobrou para trás a bainha de seu vestido rosa.

— O que aconteceu com seus pés? — Ele perguntou em voz baixa.

Isso o fez corar ainda mais, mas ele não se conteve. Lady Ella não estava usando meias, o que era bastante constrangedor por si só. Ao longo da borda dos sapatos seus pés eram brancos, e não apenas o branco da pele pálida. Mas branco como mármore, e de aparência igualmente lisa.

— O que há de errado com eles?

Lady Ella pareceu voltar a si. Ela engasgou e se endireitou na cadeira, sacudindo as saias. Suas bochechas pálidas ficaram tão rosadas quanto seu vestido.

— Oh, Sua Alteza! Sério, estou bem! Não há necessidade de você se preocupar. — Ela balbuciou.

— Se não há necessidade de você se preocupar, Príncipe Christian, então talvez seja melhor você ir encontrar sua próxima parceira. — Lady Margaret disse severamente enquanto andava até eles. Ela lançou um olhar severo para Lady Ella.

— Eu acho que devo ficar com Lady Ella. — Christian disse firmemente enquanto se levantava. Ele alisou o casaco e sorriu para Lady Margaret, mas ela não retribuiu o sorriso.

— Sério, Alteza. — Disse Lady Margaret com a voz tensa. — Você não quer que as outras jovens se sintam negligenciadas! E todos os rapazes querem dançar com Lady Ella. Não deve ser egoísta. — Este último comentário deveria ter soado provocador, mas vindo com os dentes cerrados, soou um tanto ameaçador.

— Mas Sua Alteza insistiu em preencher meu cartão de dança. — Lady Ella disse, seus olhos baixaram recatadamente.

— Mas se você não sabe dançar. — Disse Lady Margaret com o mesmo tom de voz. — Não é justo.

A essa altura, Christian estava tão desconfortável que lutava contra a vontade de fugir do salão de baile. Mas ele se curvou galantemente para Lady Ella e depois para sua anfitriã.

— Por que você não descansa, Lady Ella, e eu dançarei com Lady Marianne?

— Adorável. — Disse Lady Margaret, agarrando o braço de Christian antes que ele mudasse de ideia.

— Eu voltarei em breve. — Disse ele por cima do ombro para Lady Ella, que parecia desolada. Ele observou, quase pisando nos pés de Lady Margaret

agora, enquanto um enxame de jovens cercava Lady Ella. Para sua satisfação, entretanto, ela continuou a espiar por entre a multidão de pretendentes atrás dele.

— Marianne. — Lady Margaret disse quando as primeiras notas da próxima dança começaram. — Aqui está Sua Alteza. — Ela praticamente empurrou Christian para o colo da filha.

Christian pegou a mão de Marianne e a levou para o salão, sentindo-se confuso e irritado. Lady Margaret era conhecida por sua graça e gentileza, então por que estava sendo tão severa esta noite? Nada parecia fazer sentido, e ele tropeçou em uma dança com Marianne, ainda com os olhos vermelhos e olhando furiosamente para Lady Ella, tendo que guiá-la através dos passos relativamente simples.

Ao ver Dickon Thwaite inclinar-se solicitamente sobre Lady Ella, ele e Marianne quase tropeçaram juntos. Então Lady Ella ergueu um pouco a barra da saia, para permitir que Dickon visse seus pés. Um lampejo de sapato rosa brilhante, e Christian sentiu o chão se erguendo para tropeçá-lo.

A próxima coisa que ele percebeu foi que Poppy e Marianne estavam se curvando sobre ele, e Roger Thwaite estava gritando para que todos recuassem e dessem espaço para Christian respirar. Tudo parecia girar, e Christian fechou os olhos novamente. Quando ele os abriu, havia três garotas de cabelos escuros inclinados sobre ele, e achou que poderia estar doente.

A garota com o cabelo mais preto e um vestido roxo e prata, embora ele não conseguisse lembrar o nome dela, estava tentando puxar sua manga. Ele abriu a boca para perguntar o que ela estava fazendo, e ela franziu a testa para ele.

— Use isto. — Ela disse secamente. — E pare de se fazer de bobo! — Ela amarrou algo que coçava em seu pulso, então deu um tapinha nas costas de sua mão. — Espero que funcione. — Ela murmurou.

— O quê? Onde está Lady Ella?

Poppy levantou-se com um salto e, pegando o braço de Marianne, puxou a outra garota para longe. Suas cabeças escuras inclinavam-se uma para a outra e as duas garotas estavam muito pálidas.

Christian nem teve tempo de olhar para a coisa em seu pulso antes que Roger Thwaite estivesse segurando um copo de algo fedorento nos lábios. Christian engasgou e Roger derramou o líquido na sua garganta abaixo e colocou o copo vazio na mão de Christian. Christian empurrou o vidro para longe, e ele se espatifou no chão polido do salão de baile, os pedaços quebrados desaparecendo quase imediatamente.

Christian enxugou a boca com as costas da mão quando sua visão clareou e aceitou a mão de Roger. Ele ficou tão envergonhado com os acontecimentos da noite que teve vontade de rastejar para baixo de um sofá e se esconder. Lady Ella se agitava ao redor dele, e ficou satisfeito ao ver que ela não parecia pior agora por ele ter pisado na ponta dos seus pés.

— Você está bem, Alteza? — Ela limpou suas lapelas e arrumou seu cabelo para ele.

— Sim, me sinto bem. — O toque dela em sua cabeça era calmante, e ele sentiu uma onda de energia percorrer seu corpo. Ele se desvencilhou da mão de Roger. —Obrigado, estou bem. — Disse ele com firmeza ao irmão mais velho de Thwaite, que o olhava com profunda preocupação.

— Você tem certeza?

— Oh, me sinto bem! — Christian endireitou seu casaco. — Na verdade, eu deveria me desculpar com Marianne, e deixá-la escolher outra dança. Não quero estragar o baile de aniversário dela!

Roger piscou surpreso para Christian, e Christian se perguntou o que havia de errado com ele. Esta era a noite de Marianne e ele lhe devia um pedido de desculpas. Roger, com seus modos impecáveis, deveria apreciar isso.

— E ainda estou tentando fazer Poppy ceder e dançar comigo. — Christian continuou.

Agora, Lady Ella e Roger estavam olhando para ele.

— Mas lembre-se, Alteza. — Interrompeu Lady Ella. — Você prometeu dançar todas as danças comigo. E meu pé se recuperou totalmente! — Ela bateu nele ferozmente com seu leque para chamar sua atenção para ela totalmente.

— Você está machucada? — Os olhos penetrantes de Roger fixaram-se em Lady Ella em um piscar de olhos. — Você deveria dançar?

— Eu... eu estou bem. — Ela gaguejou. Ela abriu o leque e começou a agitá-lo vigorosamente na frente do rosto, evitando o olhar de Roger. Se Christian não soubesse melhor, pensaria que ela sentia algo por Roger.

— Bem. — Christian disse. — Como eu disse: eu odiaria ser rude com Marianne em sua noite especial. Talvez você não se importe tanto de ir para o salão com Roger na próxima dança, enquanto eu faço as pazes com Marianne, pelo menos?

Abanando o seu leque mais vigorosamente e então um suspiro.

— Sinto muito, Alteza. — Lady Ella disse, quase relutantemente. — Mas você e eu íamos dançar todas as danças esta noite. Juntos.

A voz dela sumiu na última palavra, e Christian se sentiu ainda mais confuso do que antes com o comportamento de Roger e Poppy. Ele não podia acreditar que estava tão tonto que esqueceu o nome de Poppy. Ele estava

profundamente aliviado por não ter dito nada para denunciar seu lapso momentâneo. Ela o teria provocado por meses!

A dança acabou e outra dança começou: um jig[16] da Bretanha. Nenhum deles muito entusiasmado, Christian e Lady Ella se juntaram aos outros casais no salão de baile. Sua tontura e aquela estranha sensação de ter o cérebro embrulhado em lã haviam desaparecido, mas Lady Ella ainda estremecia quando os passos da dança eram muito extenuantes. Ele desejou ter um momento para tirar a pulseira que Poppy tinha lhe dado. Coçava loucamente e só as boas maneiras o impediram de deixar cair uma das mãos de Lady Ella para que pudesse coçá-la direito.

Capítulo 25

Espião

Marianne ainda não queria arruinar o efeito de seu vestido, colocando sobre a pulseira que Poppy ofereceu-lhe, mas depois de Christian desmaiou, Poppy conseguiu arrastar sua amiga na sala das senhoras. Lá, para os vários olhares de choque e diversão das outras senhoras, Poppy finalmente convenceu Marianne a subir sua saia e enrolá-la em sua liga esquerda.

— Deve ser sempre sobre fios com você? — Marianne reclamou. — Além disso, coça.

— É lã. — Disse Poppy. — E beba isso para uma boa medida, por favor. — Ela estendeu a mão por trás de um vaso de planta e pegou um copo de vidro cheio de algo que cheirava a uma combinação de pêssegos, bacon e meias velhas.

— Ugh! Por que eu tenho que beber isso... o que é isso?

— Algo que Roger inventou, apenas para ter certeza de que você não será afetada pelo encantamento. — Disse Poppy, segurando o copo o mais longe de si que podia. — Tampe o nariz e não será tão ruim. Eu bebi um pouco mais cedo.

— Que encantamento? — Marianne estava ficando ligeiramente verde quando o cheiro a atingiu.

— Exatamente. — Disse Poppy, girando um pouco o conteúdo do copo. O líquido era viscoso e fazia um barulho de glup. — Vai acabar de uma só vez, e então você verá o que realmente está acontecendo.

— Tudo bem. — Disse Marianne em dúvida. Ela tapou o nariz com uma das mãos, pegou o copo com a outra e bebeu. — Oh, é horrível! — Ela empurrou o copo para Poppy.

— Quebre o vidro. — Disse Poppy, recusando-se a pegá-lo.

— O quê?

— Jogue o copo no chão e quebre-o, para terminar o feitiço.

— Tudo bem. — Disse Marianne, soando como se estivesse apenas brincando com Poppy. Ela deixou cair o copo no chão acarpetado sem muito entusiasmo. Ele quicou, rolou contra uma perna da mesa de ferro e se quebrou.

Marianne deu um grunhido nada feminino e olhou para Poppy como se ela tivesse sido atingida entre os olhos.

— Ellen é Lady Ella! Ela copiou meu vestido! Eu vou queimar o cérebro ela!

Poppy soltou a respiração em uma lufada de alívio.

— Por que você não me contou antes? — Marianne se virou para Poppy com indignação.

— Eu tentei, sim. — Poppy protestou. — Você não entendeu. Faz parte do feitiço, então lembre-se: não tire essa coisa que eu fiz para você! Isso é o que está impedindo você de sucumbir ao encantamento novamente. A bebida fedorenta pode passar em um ou dois dias, esperamos que as pulseiras ampliem sua proteção. Diga a mim ou a Roger se você começar a se sentir estranha.

— Tudo bem. — Disse Marianne. — Você tem algo para minha mãe e meu pai?

— Seu pai não precisa de nada. — Disse Poppy. — O encantamento não funciona com ele.

— Por quê? — Marianne olhou para Poppy enquanto voltavam para o salão de baile.

— Não sei. — Poppy disse, semicerrando os olhos para os dançarinos. — Mas Roger e eu estamos fazendo tudo o que podemos para... Lá vai ela, rápido!

A dança havia terminado. Lady Ella olhou para o relógio no final do salão de baile e agora estava se desculpando com Christian. Poppy verificou o relógio também e viu que faltava um quarto para a meia-noite, mais ou menos no mesmo tempo em que Lady Ella deixara o baile de gala na semana anterior.

A princesa viu Roger parado perto do salão de entrada e sinalizou para ele com seu leque. O salão de baile estava lotado e as pessoas notavam o retorno de Marianne à festa. Poppy não tinha certeza se seria capaz de chegar até a porta a tempo de ver para onde Ella iria.

Mas Roger desapareceu pelas portas pouco antes de Ella chegar lá, com Christian, bem como vários outros admiradores ainda atrás dela. Poppy entregou Marianne às simpáticas senhoras que as rodeavam e se dirigiu para a porta do salão de baile com a maior velocidade que pôde, considerando as pessoas em seu caminho e o vestido pesado que ela usava.

Poppy saiu bem quando a estranha carruagem dourada parecida com uma cesta estava saindo com Lady Ella. Roger estava sentado em uma pequena charrete, que tinha trazido e deixado logo atrás da carruagem de Lady Ella e a mantinha pronta. Poppy subiu no assento ao lado dele, amaldiçoando e esperando fervorosamente que ela não arruinasse seu novo vestido, e Roger chicoteou os cavalos para frente.

Ele estava usando uma grande capa sobre suas roupas de noite e um chapéu de três pontas antigo que pegara emprestado de um cocheiro. Ele pegou as rédeas com uma mão e com a outra puxou uma manta escura que estava debaixo do assento da charrete. Poppy o colocou sobre seu vestido de cor clara.

Mais cedo, antes que Christian desmaiasse, Poppy e Roger tinham saído para ver se conseguiam obter alguma informação dos servos de Lady Ella. A carruagem foi fácil de localizar: ninguém nunca tinha visto algo parecido antes e os cavalos brilhavam tão brilhantes e brancos que não pareciam reais.

Mas não apenas todos os servos de Lady Ella estavam mudos, suas expressões eram tão hostis que Poppy se viu recuando, e o cocheiro chegou a brandir seu chicote em Roger quando o jovem continuou a bisbilhotar a carruagem. Roger pediu a um cavalariço que aprontasse sua pequena charrete e a colocasse na fila de carruagens para que pudessem seguir Ella quando ela partisse.

E agora eles estavam fazendo barulho por Castleraugh atrás da carruagem dourada, que viajava a uma velocidade insana. Era uma sorte que houvesse várias carruagens naquela noite, ou seria muito perceptível que estavam sendo seguidos.

Depois de várias voltas e mais voltas, a carruagem dourada e a pequena charrete que a seguia tiveram que diminuir a velocidade ao entrarem em um beco bem iluminado, mas estreito, que passava por trás de algumas mansões muito bonitas. Olhando ao redor em confusão, Poppy reconheceu a parte de trás de uma das enormes casas.

— Estamos atrás da Mansão Seadown. — Sibilou ela para Roger, que assentiu.

Depois de sua perseguição selvagem pelas ruas, eles voltaram direto para onde haviam começado, ou quase. Normalmente, aqueles que viajavam nas carruagens eram deixados na frente da casa, não nos estábulos.

Para consternação contínua de Poppy, a carruagem dourada de Lady Ella passou pelo portão dos fundos dos Seadowns. Onde Ellen poderia esconder vários cavalos, uma carruagem dourada e meia dúzia de criados?

Roger parou a charrete no beco perto da cerca e eles se levantaram para ver o que estava acontecendo no quintal. Uma grande fogueira fora construída perto da horta, mas havia se transformado em cinzas. Enquanto eles observavam, o cocheiro conduziu os cavalos direto para esta bagunça cinzenta e flamejante.

Poppy quase gritou: o centro vermelho da fogueira ainda estava visível e os cavalos seriam queimados com certeza. Mas Roger colocou a mão em seu braço para impedi-la, e eles observaram com admiração enquanto os cavalos caminhavam sem vacilar pelos restos da fogueira e desapareciam, seguidos pela carruagem dourada com cocheiro, lacaios, Ella e todos.

— Você viu aquilo? — A voz de Poppy era apenas um sussurro.

— Sim. — Roger respondeu, parecendo igualmente abalado.

Poppy nunca tinha visto nada parecido antes. A entrada para o Reino Sob a Pedra era mágica, é verdade, mas ela soube disso durante toda a vida. Isso era algo totalmente diferente, fazer uma carruagem, cavalos e servos desaparecerem antes que você pudesse piscar, e a confiança de Poppy desmoronou diante disso. O que sabia, realmente, sobre quebrar tal feitiço?

Nada.

— Precisamos contar a lorde Richard. — Ela sussurrou.

— Concordo.

Roger puxou sua charrete pelo portão e deu as rédeas a um cavalariço assustado que saiu sonolento do estábulo com palha no cabelo quando Roger chamou. Poppy perguntou a ele sobre a fogueira, e ele olhou para ela como se nunca tivesse visto tal coisa em sua vida.

Eles foram para a mansão pela cozinha e mandaram uma criada buscar Lorde Richard. Poppy não queria ficar presa entre os convidados mais uma vez, então eles se esgueiraram ao longo do corredor e entraram no escritório de Sua Senhoria.

Lorde Richard entrou um momento depois, parecendo elegante em suas roupas de noite, mas com uma ruga entre as sobrancelhas que não tinha saído desde que Poppy e Roger lhe contaram sobre Lady Ella na semana anterior.

— Ela saiu às quinze para a meia-noite. — Poppy disse sem preâmbulos. Claro, não havia necessidade de explicar a quem ela se referia. — Ela entrou em uma carruagem feita de ouro, puxada por doze cavalos brancos e guarnecida por criados mudos em libré branca. Seguimos na charrete de Roger e acho que eles não nos notaram. O cocheiro dirigiu pelas ruas a uma velocidade vertiginosa por cerca de dez minutos, depois deu meia-volta e dirigiu para as cavalariças atrás da mansão. Havia uma fogueira lá no pátio, ou os restos de uma. A carruagem mergulhou nas cinzas e desapareceu. — Ela se sentou em uma das cadeiras de couro de espaldar alto e cruzou as mãos no colo, observando o rosto de Lorde Richard.

O belo homem mais velho apenas acenou com a cabeça. Ele olhou para o relógio ornamentado sobre a lareira e acenou com a cabeça novamente. Ele estendeu a mão e tocou a campainha, e todos ficaram sentados em silêncio até que uma criada veio.

— Lydia, por favor, envie Ellen para mim. — Disse Lorde Richard.

— Ah não! O que ela quebrou agora? — Lydia fez uma careta.

— Nada. — Lorde Richard disse suavemente. — Eu só preciso falar com ela.

— Sim, Vossa Senhoria. — Ela fez uma reverência e saiu.

— Você ainda não está surpreso com nada disso. — Disse Poppy.

— Receio que não. — Disse o anfitrião. — Vejo que você deu amuletos e a poção tanto para Christian quanto para Marianne. — Disse ele, mudando de assunto.

— Sim. — Poppy acompanhou a mudança de assunto, vendo que ele não se explicaria mais. Pelo menos até Ellen chegar. Atrás dela, ela ouviu Roger se mexer, e ele finalmente se sentou na outra cadeira em frente à mesa. — E bem na hora, também. Ambos estavam se comportando de maneira bastante tola.

— Não acho que desmaiar seja tolice da parte de Christian. — Disse Roger. — Acho que é um sinal de que as coisas estão terrivelmente erradas.

— Foi isso que aconteceu? — Lorde Richard franziu a testa. — Não consegui ver.

— A combinação da poção e do amuleto tricotado de Poppy parece ter funcionado. — Disse Roger.

— Mas ele ainda estava um pouco apaixonado por Ella... Ellen... como ela quiser ser chamada. — Poppy torceu o nariz e tentou manter a voz firme. — E se não conseguirmos quebrar o feitiço permanentemente? Tivemos que dar a Dickon três doses da poção até agora, e ele não chegou tão perto dela quanto Christian.

— Bem. — Roger expirou. — Não está totalmente fora de questão que Christian tenha sentimentos por Eleanora, *apesar* do encantamento, você sabe. Ela é muito bonita e...

Ele foi interrompido por um leve bater à porta.

— Entre. — Disse Lorde Richard.

Todos se viraram, esperando ver Ellen, de volta ao uniforme de empregada e parecendo inocente como uma criança pega com a mão na lata de biscoitos. Poppy cerrou os punhos, pronta para ouvir mais das negações de Ellen, mas não foi Ellen quem entrou.

Era Lydia novamente, parecendo triunfante.

— Perdão, Vossa Senhoria, mas ela não virá. — Disse ela com grande prazer.

— Oh? — Lorde Richard apenas ergueu as sobrancelhas. Poppy abriu a boca, mas ele deu a ela um olhar sufocante e ela se recostou na cadeira. — Ela disse por quê?

— Ela disse que está ferida. — Lydia relatou, ainda parecendo presunçosa. — Mas ela não trabalhou a noite toda! Ela desapareceu antes do baile e agora está deitada sob os cobertores, gemendo.

Poppy ficou de pé.

— Vou ver o que está errado.

— Gentilmente, Poppy, por favor. — Advertiu Lorde Richard. — Só porque ela não foi muito agradável, não significa que ainda não seja uma vítima.

Poppy fez uma careta.

— Eu sei.

— Posso ir? Vou esperar do lado de fora do quarto dela, é claro. — Disse Roger.

— Não, não. — Disse Lorde Richard. — Por favor, junte-se aos outros convidados, Roger. Poppy provavelmente se sairá melhor sozinha. — Ele sorriu para Poppy, que sorriu de volta.

Ela determinada se apressou escada acima até o quartinho do sótão onde Ellen dormia e entrou sem bater. Ela esperava alcançar Ellen, nem um pouco fraca ou ferida, mas novamente era interrompida pela surpresa.

Ellen estava na cama, mas ela havia jogado os cobertores para trás e estava segurando um dos pés. Ela havia mordido o lábio inferior até sangrar e seu rosto estava molhado de lágrimas.

— O que em nome do céu... — Então Poppy avistou o outro pé de Ellen e não conseguiu pensar no que dizer a seguir. Depois de um momento, ela falou um dos palavrões mais escolhidos de seu cunhado Heinrich e rapidamente fechou a porta atrás de si.

Ellen abriu os olhos por um momento, mas depois os fechou novamente. Ela balançou para frente e para trás e choramingou, claramente além de se importar com sua aparência ou quem a via.

E para a mente de Poppy, ela tinha um bom motivo para estar angustiada. Porque do tornozelo para baixo, os pés de Ellen haviam se transformado em vidro branco brilhante.

Capítulo 26

Bela

Frio. Tão frio que queimava.

A frieza paralisante de seus pés era tão intensa que choques dispararam por suas pernas como relâmpagos. Ellen deitou em sua cama estreita e soluçou, sem se importar que Poppy estivesse ali, olhando para ela.

Como sua madrinha poderia ter feito isso com ela?

Quando A Corley apareceu pela primeira vez para ela, sua própria madrinha mágica para protegê-la e ajudá-la, Ellen tinha uma sensação constante de empolgação. Por fim, sua vida finalmente seria colocada em ordem. Ela poderia deixar a servidão para trás para sempre e restaurar o nome de sua família. Sua madrinha havia lhe prometido tudo isso e muito mais: casamento com um marido apaixonado e rico, até um príncipe! Ela logo seria a querida da sociedade, a mulher mais bonita e invejada de Castleraugh. As promessas eram gloriosas demais.

Muito gloriosas, na verdade.

Desde sua primeira aparição como Lady Ella na noite da gala real, sua madrinha dificilmente falava com ela. Na verdade, ela parecia irritada quando Ellen foi visitá-la em seu palácio com colunas de vidro. Ela não tinha tempo

para falar e, quando o fazia, era para repreender Ellen por não dançar todas as danças com o príncipe Christian.

— Mas Roger Thwaite é um velho amigo. — Protestou Ellen.

— Precisamos enredar o príncipe. — Disse a Corley.

— Enredar? Mas por quê? E se ele não se apaixonar por mim...

— Nem mesmo sugira tal coisa, Eleanora. — A Corley retrucou. — Você vai se casar com o Príncipe Christian, e ponto final! Agora vá embora. É tarde e você precisa descansar. Você parece esgotada, e eu já gastei meus poderes o suficiente em seu nome, sem ter que trabalhar em seu rosto para torná-lo menos tenso.

Apavorada com o que poderia significar *trabalhar em seu rosto*, Ellen fugiu. Isso acontecera na noite anterior, e foi com grande apreensão que ela entrou no palácio da A Corley naquela noite para seu banheiro. Mas sua madrinha era toda sorrisos, e mais uma vez ela foi acariciada e mimada, massageada e perfumada.

E então os sapatos, novamente, de vidro.

Seus pés não estavam bem desde a noite da primeira festa. A pele parecia fina e inflexível, e os dedos dos pés estavam rígidos. Ela tentou encolher os ombros como falta de prática de dança, e só mencionou isso para a Corley quando a rigidez não havia desaparecido na noite do baile de Marianne.

— Você deveria ter voltado para mim antes que o relógio começasse a bater meia-noite da última vez, querida. — A Corley repreendeu enquanto Ellen era costurada no vestido rosa e dourado. — Assim que você e seu belo príncipe se casarem, terei tempo para consertar seus pés. Mas agora não! Agora devemos prepará-la para esta noite. Que isso sirva como um lembrete para estar em casa antes que o relógio comece a bater meia-noite!

Quando ela viu sua madrinha se aproximar dela com uma panela com o vidro líquido balançando, brilhando como rosas cor de rosa e dourada, ela sentiu o suor brotar por todo seu corpo. As criadas correram para abaná-la e aplicar mais pó de arroz em sua testa úmida. Ela apertou os braços da cadeira e não fez nenhum som enquanto sua madrinha moldava o vidro.

Tirando sua mente do que estava acontecendo com seus pés, ela pensou em seu vestido.

Ela estava rezando para não se vestir como uma cópia mais rica de Poppy novamente. Isso a fez se sentir um pouco superior da última vez, mas continuar fazendo isso parecia maldade.

Mas quando ela viu que deveria ser vestida como uma versão mais luxuosa de Marianne, ela sentiu seu coração afundar. Marianne era doce, embora um pouco mimada, e Ellen sabia que a garota a odiaria por roubar os rapazes em seu baile de aniversário. Seria pior ainda aparecer com o vestido da própria Marianne.

Um olhar para o rosto de Corley, no entanto, seu sorriso matronal fixo e os olhos duros convenceram Ellen a não protestar. Para o baile de máscaras, ela teria que estar vestida de forma diferente de cada garota. O objetivo disso era ser única, para que ninguém adivinhasse quem você era. E Poppy disse que ela não iria comparecer. Bailes de mascaras aparentemente lhe causavam ainda mais ansiedade do que o normal, algo que Ellen estava começando a entender.

De acordo com o boato, Poppy e suas irmãs dançavam até as sapatilhas ficarem em pedaços todas as noites antes que as duas princesas mais velhas se casassem. *Imagine como seriam seus pés se você tivesse que dançar todas as noites*, ela pensou. Mesmo sem sapatos de vidro, não seria agradável.

Quando A Corley terminou, Ellen olhou para baixo para ver os sapatos requintados. Eles eram como flores de cristal cor de rosa e dourado fino cobrindo seus pés.

E doíam mais do que ela poderia imaginar.

A dor foi suportável da última vez, mas quando o vidro quente tocou seus pés rígidos, o vapor subiu e ela sentiu um frio tão intenso que queimou. O único bônus era que parecia afrouxar a rigidez dos dedos dos pés.

Criados mudos ajudaram-na a se levantar da cadeira, e ela cambaleou por um momento antes de recuperar o equilíbrio. Eles se preocuparam com ela, alisando seu cabelo e espalhando carmim em suas bochechas pálidas, enquanto Ellen lutava contra a tontura que ameaçava dominá-la.

— Beba isso. — Disse a Corley, e entregou-lhe uma taça com algo que cheirava doce e picante ao mesmo tempo.

Ellen bebeu, e uma bendita frescura desceu por seu corpo até os pés. Ela poderia dar um passo, depois outro. A dor ainda estava lá, mas remota agora, e ela sentiu seu sangue manifestar.

— Agora, vá dançar com o seu príncipe, minha querida. — Disse a madrinha com um sorriso. — Vá dançar e deslumbre-os com a sua beleza!

Tudo isso, Ellen disse a Poppy, enquanto a princesa se sentou na cama de Lydia em silêncio. Foi um alívio contar a alguém o que estava acontecendo, foi um alívio confessar seus temores de que talvez sua madrinha não fosse tão gentil quanto parecia, e foi um alívio que Poppy não disse nada durante a narrativa.

Mas quando Ellen terminou, Poppy tinha muito a dizer.

— Não consigo nem imaginar o que você estava pensando, concordando em fazer um trato com uma criatura que você nunca conheceu antes em sua vida. — Poppy disse, estalando a língua.

— Mas ela é minha madrinha. — Protestou Ellen, irritada.

— Como você sabe disso? Você viu o registro do batizado? Diz que *A Corley* é a sua *madrinha?* Você deve saber que ela não é mortal: humanos normais não vivem em palácios em que você entra através de pilhas de cinzas.

Ellen queria discutir isso, mas ela honestamente não podia. Ela deveria ter sido mais cautelosa, deveria ter feito mais perguntas, ou pelo menos não ter sido tão rápida em concordar com os pedidos de sua madrinha.

— Mas você pode realmente me culpar? — Ela fez a pergunta após um longo silêncio entre as duas, e ficou constrangida com o quão dócil e baixa sua voz era. — Ela era tão gentil. E tudo foi tão maravilhoso. Os vestidos... — Ela puxou a lã áspera de seus cobertores. — As joias... — Ela fechou os olhos e recostou-se no travesseiro fino, esperando um comentário zombeteiro de Poppy.

No entanto, nada aconteceu.

— Sim, eu sei por que você fez isso. — Poppy disse calmamente. — Mas agora você percebe que precisa de ajuda, não é?

— Sim. — Disse Ellen, sua voz ainda baixa. — Mas como? Eu tenho que ir ao baile de máscaras. Eu tenho que me casar com o Príncipe Christian.

— Oh, você precisa? — Agora um grito veio à voz de Poppy. — Mesmo se *ele* não quiser se casar com *você?*

— Eu tenho que me casar. — Disse Ellen novamente. E então, para seu embaraço, ela começou a soluçar ruidosamente. Seu nariz começou a escorrer e apertou os cobertores contra o rosto. — Eu tenho.

Se ela não se casasse com Christian, o que faria? Ela tinha que se afastar de Mansão Seadown, longe de ser uma criada. Longe de Castleraugh, onde todos conheciam a vergonha de sua família.

— Pare com isso de uma vez. — Disse Poppy. Mas ela não parecia com raiva, mais desconfortável. — Eu tenho onze irmãs, você sabe. Não gosto de ver histeria feminina. — A princesa se levantou. — Além disso, chorar não vai te tirar disso. Mas eu vou! — Poppy se dirigiu para a porta.

— Onde você vai? — Ellen ergueu o rosto dos cobertores.

— Vou contar a Roger e a Lorde Richard tudo o que você acabou de me contar. — Disse ela com vivacidade. Ela abriu a porta e elas ouviram o relógio bater duas horas. — Oh, que raio! Não, primeiro vou ajudar Marianne a se despedir de seus convidados, *depois* vou contar a Roger e a Lorde Richard tudo o que você me disse. — Poppy saiu, sem fôlego em seu vestido prata e violeta.

Depois que ela se foi, Ellen refletiu que, não importa o quão abrupta e estranha a garota pudesse ser, Poppy nunca precisaria da magia da A Corley para ajudá-la a apanhar um príncipe, ou qualquer outra pessoa que ela quisesse. Ela tinha o porte de uma princesa, completamente, não importando a situação.

Mais lágrimas escorreram dos olhos de Ellen, e ela se deitou e fungou. Em seguida, tirou um lenço de debaixo do travesseiro e tentou limpar o rosto. Poppy disse que Roger iria ajudar, e ela não queria que ele a visse toda vermelha e inchada.

Capítulo 27

Rejeitado

Christian sentiu como se estivesse apenas acordar de um longo sono. Algo estranho estava acontecendo, mas ninguém quis dizer o quê. Lady Margaret ainda se irritava com todos, mas Marianne estava de melhor humor e aproveitou o resto do baile. Christian ficou muito satisfeito com isso e dançou com ela duas vezes depois que Lady Ella foi embora.

Mas Poppy e Roger estavam ausentes, e Marianne deu apenas uma dica de que eles estavam *corrigindo as coisas*. Christian só esperava que eles não estivessem planejando fazer algo para humilhar a pobre Lady Ella por copiar os vestidos de Poppy e Marianne. Era rude dela fazer isso, mas ela era uma boa garota e ele não queria vê-la completamente destruída por sua loucura.

Especialmente se ele fosse se casar com ela.

O pensamento o paralisou.

Ele estava parado perto da tigela de ponche, bebendo com Marianne e alguns outros amigos, e congelou com o copo a meio caminho dos lábios. Agora, de onde veio essa convicção repentina? Ele não queria se casar!

Mas sua cabeça foi repentinamente preenchida com visões de Lady Ella conhecendo seus pais, caminhando pelo corredor da capela da família em um vestido branco... Ele podia imaginar tudo: o que ele estava vestindo, o que ela

estava vestindo, a música que estava tocando, suas irmãzinhas como damas de honra. Que coisa esquisita!

— Você está bem? — Dickon Thwaite cutucou seu braço e Christian bateu em seu pulso e acabou derramando o líquido. — Opa, desculpe! — Dickon passou-lhe o lenço.

— Eu só tive uma repentina... visão? Sonhando acordado? — Christian balançou a cabeça. Ele pensou que a loucura o estava deixando, mas aqui estava de volta!

— Sobre quem? — Dickon balançou as sobrancelhas. —Lady Ella? Claro que foi, seu cachorro astuto! — Ele baixou a voz. — E não pense que não estamos todos tendo os mesmos devaneios!

Marianne estava ao lado de Christian, conversando com outra jovem. Mas ela se virou para as palavras de Dickon, e Christian se preparou para ela começar a gritar com o irmão Thwaite mais novo. Ela, e todas as outras senhoras, exceto Poppy, foram bastante voláteis sobre qualquer menção a Lady Ella.

Para seu horror, no entanto, os olhos de Marianne simplesmente se encheram de lágrimas.

— Eu te desprezo. — Ela sussurrou, e saiu correndo.

Christian olhou para Dickon com olhos arregalados, mas o outro jovem apenas deu de ombros.

— Não aguenta um pouco de competição. — Disse ele despreocupadamente, e se serviu de mais ponche.

— Dickon! — Christian colocou seu próprio copo na mesa. — Você e Marianne... eu pensei... todo mundo pensou... — Ele se viu lutando para falar além de seu espanto. — Você estava quase prometido!

— Eu? Com Marianne? Claro que não! — Dickon se irritou. Então seus olhos castanhos geniais endureceram. — Claro, se você se afastar e deixar um sujeito ter uma chance com Lady Ella...

— Escute, escute! — Outro jovem se aproximou, olhando com raiva para Christian. — Só porque você é um príncipe não significa que vai roubar a senhora mais bonita de Bretanha!

— Exatamente. — Dickon havia pousado o copo agora e seus punhos estavam cerrados.

Christian abriu a boca para perguntar o que diabos havia acontecido com o normalmente despreocupado Dickon. Ou talvez para dizer diplomaticamente que havia muitas belas damas Bretanhaas, o que certamente era verdade. Mas, em vez disso, ele disse.

— Lady Ella vai ser minha esposa e a futura rainha dos Danelaw!

Ele não tinha certeza de quem ficou mais chocado com essa declaração: ele mesmo ou seus ouvintes. O punho de Dickon acertando sua mandíbula foi quase menos surpreendente do que suas próprias palavras.

Christian recuou, seus próprios punhos erguendo-se instintivamente, e parecia que o outro jovem estava prestes a entrar na briga também. Mas houve um farfalhar de seda e uma voz feminina se ergueu em alguma maldição estrangeira.

— Parem com isso de uma vez! — Poppy se colocou entre Christian e os outros dois jovens. — Ou vou enfiar vocês em um cocho de cavalo para se refrescar, vocês três!

Christian levou a mão ao queixo, sentindo-o cautelosamente. Ele teria um hematoma ali, sabia, mas não achava que estaria muito inchado. Ele deu a Dickon um olhar pesaroso, esperando pelo menos compartilhar sua

humilhação, mas Dickon ainda estava olhando para ele com olhos cheios de ódio.

— Dickon Thwaite. — Poppy disse em voz baixa e perigosa. — Você irá até Marianne neste instante e dirá a ela que ela está linda e desejará um feliz aniversário a ela, e então você irá embora. Do contrário, farei algo tão horrível com você que nem mesmo conheço a palavra para isso na sua língua.

Dickon empalideceu e se dirigiu ao saguão de entrada. Poppy moveu o seu olhar indignado para o salão. O baile acabou, os músicos arrumando seus instrumentos e muitos dos convidados já haviam partido. Sob o olhar maligno de Poppy, todos desejaram alegremente a Marianne muitos retornos felizes, elogiaram seu vestido e partiram com tanta pressa quanto sua dignidade permitia.

Todos, exceto Christian.

— Eu acho que algo... anormal está acontecendo. — Ele confidenciou a Poppy enquanto o último dos convidados beijava a mão de Marianne e se curvava para Lady Seadown.

— Claro que está. — Poppy disse distraidamente. Ela já estava se voltando para o escritório de Lorde Richard. — Mas vamos resolver isso.

— Tem a ver com Lady Ella, não é?

Ela havia se afastado vários passos, então ele levantou a voz para perguntar. Marianne ouviu e apenas balançou a cabeça, ainda parecendo um pouco chorosa. Lady Margaret fez uma careta e se virou.

— Sim. — Poppy disse por cima do ombro. — Mas, realmente, não adianta nem mesmo dizer a você até que tudo acabe. Apenas certifique-se de manter a pulseira que lhe dei o tempo todo. Isso vai te proteger. — Sua voz soou estranhamente abafada.

— Mas você tem uma para Lady Ella? Eu não quero que minha futura noiva se machuque! — Novamente, era como se sua boca se movesse sem sua permissão. Uma voz no fundo de sua cabeça gritava que isso não estava certo, mas ele não conseguiu se forçar a refutar a declaração.

Marianne engasgou e as costas de Poppy enrijeceram. Ela moveu a cabeça para não olhar mais por cima do ombro para ele, mas direto para a porta fechada do escritório de Lorde Richard.

— Lady Ella vai ser cuidada. — Poppy disse calmamente.

— Exatamente como ela merece ser. — Marianne começou com grande veemência. — A horrível pequena...

Mas Poppy estendeu uma das mãos e segurou o braço da amiga.

— Venha, Marianne. Boa noite, Christian.

— Mas Poppy! — Christian deu um passo em direção a ela. — Se algo está acontecendo, eu quero ajudar!

— Eu não acho que você pode. — Poppy disse, tão suavemente que ele quase não entendeu as palavras. — Boa noite.

Capítulo 28

Estrategista

— A pulseira e a poção estão ajudando Christian, mas não o suficiente, — Poppy disse, sua voz tensa, quando ela entrou no escritório de Lorde Richard. — Eu sinto muito. Parece que Roger precisará preparar mais. Muito mais. Também saiu do efeito de Dickon. — Ela gostaria de ter seu tricô. Havia localizado mais lã crua antes, e queria fazer outro amuleto para Christian.

Lorde Richard abriu os braços e Marianne foi dar um abraço no pai.

— Lamento que seu baile tenha ficado arruinado com tudo isso, minha querida.

— Está tudo bem. — Disse Marianne, mas passou as costas da mão nos olhos. — Contanto que isso acabe logo.

Roger Thwaite pigarreou.

— Nesse sentido, Poppy, você conseguiu falar com Eleanora?

Sentando-se em uma das grandes cadeiras de couro primeiro, Poppy deu um suspiro.

— Oh, sim. Ela me contou tudo. — Ela esticou as pernas, balançando os pés nos sapatos de cetim de dança. — Mas só porque ela está bastante desgastada neste momento. Esses sapatos não pareciam apenas com vidro, *eram* de vidro. Derreteu em seus pés. Se ela os usasse depois da meia-noite, eles

endureceriam e provavelmente permaneceriam para sempre. E isso é só para começar. — Poppy balançou a cabeça, sem ter certeza de como continuar.

— Mas onde ela conseguiu os sapatos? — Roger quis saber.

— Alguém ou possivelmente *algo* chamado A Corley a contatou. — Disse Poppy. — A Corley afirma ser a madrinha de Ellen. Essa é a sua patrona misteriosa. Em troca, tudo que Ellen tem a fazer é dançar com ninguém além de Christian, para que ele se apaixone por ela e se case com ela.

Vendo seus olhares, Poppy se permitiu um pequeno sorriso. Ela se acomodou, esperou até que Marianne se sentasse no braço da cadeira do pai e contou o resto. As visitas ao palácio além das cinzas, os criados mudos, o toque de recolher, tudo o que Ellen havia passado para ela.

— O que ela não entende, e eu também não. — Poppy concluiu. — É por que A Corley está tão ansiosa para que ela se case com Christian. — Ela ergueu uma sobrancelha para Lorde Richard.

— Sim, Poppy, vou lhe contar tudo o que sei. — Disse ele. — Mas Eleanora precisa ouvir também, então se ela não puder sair da cama, teremos que subir com ela.

Com o canto do olho, Poppy viu as bochechas de Roger ficarem vermelhas com a ideia de ver Ellen em seu quarto. Ele estava realmente apaixonado por ela, Poppy pensou. Esperava que Ellen retribuísse seus sentimentos e só estivesse perseguindo Christian por causa da influência de Corley. Roger era gentil e bom, e merecia ter seu carinho de volta.

Ela se levantou e os outros a seguiram, mas Lady Margaret entrou antes que pudessem deixar o escritório. Ela estava corada e parecia com raiva, e Poppy poderia dizer que a prima elegante de sua mãe ainda estava ressentida com a presença de Ella no baile.

Foi Marianne quem se aproximou para conduzir a situação.

— Oh, mamãe! Por favor, não diga nada sobre Lady Ella! — Marianne fungou e jogou os braços em volta do pescoço da mãe. — Não suporto ouvir mais nada sobre ela!

Lady Margaret abraçou Marianne, parecendo quase desapontada.

— Tudo bem, meu amor, tudo bem. Shh.

— Vou levar Marianne para a cama. — Disse Poppy, levantando-se para segurar o braço de Marianne. — Foi um dia tão longo.

— Sim, minha querida. — Disse Lorde Richard à esposa. — Devo acompanhá-la aos nossos quartos? Thwaite queria dar uma olhada em algumas de nossas peças de arte do Extremo Oriente. Thwaite, vá em frente e eu te encontro.

E assim, com Lorde Richard ajudando sua esposa, Poppy fingindo ajudar Marianne e Roger entrando na sala para olhar alguns vasos ali, eles fizeram seu caminho indireto até o topo da casa.

Poppy bateu na porta e, quando uma voz trêmula disse-lhes que entrassem, todos entraram em fila. Ellen estava sentada na cama com os cobertores dobrados na altura dos pés, que brilhavam assustadoramente à luz das velas. Ela pareceu surpresa ao vê-los todos se amontoando em seu pequeno quarto e envergonhada ao ver Roger.

— Sinto muito. — Ela disse suavemente para ninguém em particular.

— De jeito nenhum, minha querida. — Disse Lorde Richard. Ele gesticulou para Poppy e Marianne se sentarem na outra cama e se recostou casualmente contra uma das paredes. — Tão jovem como você é, e em sua situação, não é nenhuma surpresa que você foi levada pela Corley. Pessoas mais velhas e mais sábias do que você, fizeram barganhas terríveis com aquela criatura.

— Sério? — A voz de Eleanora estava mais sombria do que interessada.

— Ah, sim. — Disse Lorde Richard. — Pessoas como o seu pai. E eu mesmo.

Sem nem mesmo esperar que todos parassem de ofegar, Lorde Richard mergulhou direto em sua história.

— Eu herdei o condado de meu pai quando tinha apenas vinte e dois anos. Eu estava viajando para o exterior por um ano após a universidade e, quando voltei para casa, descobri que o velho homem havia partido, eu era um conde e uma pilha de dívidas com as quais mal sabia o que fazer. Meu pai nunca resistiu a um empreendimento comercial, ele positivamente soltou dinheiro em cada capitão, explorador e inventor de navio que parecia em sua porta. Nenhum deles jamais valeu nada, e ele acabou vendendo relíquias de família, móveis, arte e tudo por uma fração do que valiam, apenas para enviar mais dinheiro para esses caçadores de diamantes e construtores de motores a vapor.

Lorde Richard moveu a cabeça com tristeza.

— Eu estava prestes a vender a propriedade rural, não tinha outra escolha e estava dando uma volta pelo terreno uma última vez. Há um riacho que deságua em uma lagoa no fundo do parque e, assim que parei para dar água ao meu cavalo, o riacho ficou verde. Comecei a recuar, mas então ouvi uma voz me dizendo exatamente o que eu queria ouvir: que minha fortuna estava para mudar, que eu não teria que vender a propriedade, que poderia ter de volta nossa herança. Essa benfeitora, chamada Corley, faria com que minha sorte fosse alta e, com algumas mãos de cartas, eu seria mais rico do que jamais sonhei.

Houve silêncio no quarto. Lorde Richard olhou para as tábuas gastas do chão, Marianne estava de boca aberta, Roger parecia chocado e os olhos de Eleanora estavam redondos como os de uma coruja.

— Qual foi o problema? — Poppy cruzou as mãos sobre os joelhos. — Sempre há um problema. — Ela sabia disso com certeza. Afinal, a barganha de sua mãe com uma criatura do submundo resultou em ela ter doze meninas que o Rei Sob a Pedra tentou roubar para seus filhos se casarem.

— O problema? Em primeiro lugar, ajudei a arruinar seu pai, Eleanora, pelo qual estou mais triste do que qualquer outra coisa que já fiz em minha vida. — Lorde Richard sorriu para a garota, não o seu habitual sorriso libertino que o fazia parecer anos mais jovem, mas um sorriso duro, sombrio e triste. — Quando ele tentou recuperar um pouco de sua fortuna por meio de cartas, disseram-me para jogar contra ele repetidamente, até que não tivesse mais um centavo em seu nome. E eu fiz, que Deus me ajude.

Ele tossiu desconfortavelmente e olhou por cima das cabeças para a parede.

— Depois de restaurar a propriedade, comprar de volta as coisas que papai vendeu, investi algum dinheiro e procurei me afastar da Corley. Eu era casado, nós tínhamos Marianne e Margaret não gostava do meu jogo, sabe. Por um tempo, disse a mim mesmo que tudo era para restaurar o nome da família e, em seguida, sustentar Margaret e nossa filha, mas a verdade é que eu poderia ter encontrado outras maneiras de ganhar dinheiro, poderia ter parado muito antes.

— Eu estava doente de morte com o que tinha feito. Não queria mais jogar cartas, nunca mais, e disse isso a Corley.

— E ela deixou você ir? — A voz suave de Eleanora era esperançosa.

— Claro que não! — Uma risada amarga. — Ela ficou furiosa! Ela disse que Margaret me arruinou, que não podíamos criar uma filha... — Ele fechou os olhos e sussurrou. — E ela exigiu que eu lhe desse Marianne.

— O quê? — Marianne agarrou-se à cabeceira da cama, com o rosto branco.

— Claramente eu recusei. — Lorde Richard disse, colocando uma mão gentil no ombro de sua filha e dando um aperto. — Ela disse que você seria mimada e adorada, criada como uma princesa e um dia casada com um príncipe.

— Por que essas criaturas sempre querem casar alguém? — Parecia ridículo assim que Poppy disse isso, mas não se importou. Ela passou o braço pela cintura de Marianne e descobriu que suas mãos tremiam. Marianne deitou a cabeça no ombro de Poppy e Poppy se endireitou, tentando se acalmar.

— O que *é* A Corley? — Roger perguntou.

— Como você saiu da barganha? — Marianne disse um pouco depois.

— Não sei o que é A Corley, uma bruxa ou feiticeira, suponho. — Disse Lorde Richard. — Uma criatura vingativa e viciosa, o que quer que ela seja.

— Eu saí do trato indo para a Igreja e admitindo o que tinha feito. Eles enviaram um exército de magos para me ajudar. Os rituais duraram dias, mas no final eu estava livre do domínio de A Corley.

Poppy soltou o fôlego em uma grande baforada de ar. Assim, o aperto de A Corley poderia ser afrouxado. Ela não era tão perigosa quanto o Rei Sob a Pedra, então. Finalmente uma boa notícia!

— Nós entraremos em contato com esses magos. — Roger disse decisivamente. Ele deu um passo em direção a Ellen. — Nós a libertaremos de sua barganha e tudo ficará bem. — Disse ele.

— Já enviei uma mensagem a Roma. — Disse Lorde Richard, mas sua voz ainda era sombria.

— Roma? — Poppy olhou para ele e seus olhos se encontraram. —E quando eles receberem sua carta, decidirem o que fazer e enviarem ajuda...

— Pode ser tarde demais. — Concluiu Lorde Richard.

— *Será* tarde demais. — Sussurrou Ellen. — Christian deve me pedir em casamento antes de voltar para Danelaw para as férias. Semana que vem.

Capítulo 29

Eleanora

Por ter confiado em Lorde Richard antes, Ellen foi carregada escada abaixo para um dos quartos de hóspedes por Roger Thwaite. Lá estava ela vestida com uma camisola bordada e colocada na cama (pela sra. Hanks, não por Roger, é claro), com uma xícara de chocolate quente ao lado e a instrução de chamar se precisasse de mais alguma coisa.

— Eu me culpo pela queda de sua família, Eleanora. — Lorde Richard anunciou. Ele ergueu a mão para impedi-la de protestar. — Sim, os negócios de seu pai já estavam em frangalhos quando A Corley me colocou contra ele, mas temo ter dado a ele seu golpe mortal. Não vou ouvir falar de você trabalhando nenhum um minuto mais como uma criada, de agora em diante você deve ser nossa convidada, e cuidaremos de você como de nossa própria filha.

— Obrigada. — Disse Ellen, sua voz saindo em um soluço.

Lorde Richard pegou-lhe ambas as mãos e apertou-as, e Marianne deu-lhe um lenço e um sorriso.

— Primeiro ela queria Marianne, agora ela tem as garras em Ellen. — Disse Poppy, com as mãos ocupadas tricotando algo pequeno e claro que parecia uma espécie de nó de marinheiro. —E as duas deveriam se casar com

príncipes. Por quê? E ela teria casado Marianne com Christian? Ou George teria se saído tão bem? — Ela franziu a testa, contou os pontos e continuou a tricotar.

— Talvez ela esteja atrás da marinha dinamarquesa. — Roger disse, voltando para o quarto agora que Ellen estava decente. — Se a futura rainha de Danelaw estivesse em dívida com ela, isso lhe daria um pouco de poder no mundo mortal.

— É conveniente que Christian esteja aqui para dançar com Lady Ella, então, não é? — Poppy olhou para eles ironicamente, mas Ellen pensou ter visto algo em seus olhos. Medo?

— Você acha que ela está por trás disso também? — Os olhos de Marianne estavam enormes. — Ela fez o Rei Rupert convidar Christian? Como ela poderia chegar até ele?

— Isso parece um pouco... abrangente. — Disse Lorde Richard, ajustando inquieto o porta-retratos. — O fato de que ela é capaz de fazer um monte de pessoas se apaixonar por Eleanora... Não sei o que pensar... — Ele se afastou, olhando pensativamente para a pintura de um cervo bebendo em algum riacho idílico.

Ellen se contorceu um pouco sob a pilha de cobertores. Poppy deve ter percebido o movimento e ergueu os olhos novamente do tricô. Seu olhar não estava com medo agora, mas pensativo.

Marianne estava olhando para o dossel da cama de Ellen, da mesma forma que seu pai agora olhava para a pintura do cervo. Ellen se perguntou se a outra garota se ressentia dela: ressentia-se com seu aniversário terminando com todos eles se preocupando com uma criada oprimida que agora estava usando uma das camisolas de Marianne.

Mas Marianne, como fizera várias vezes esta noite, surpreendeu Ellen.

— A Corley tem planejado isso desde que Ellen nasceu? — A voz de Marianne estava pensativa. — Ela arruinou o pai de Ellen para que pudesse controlar Ellen?

— Eu me pergunto, pai, se ela foi atrás de Ellen como resultado de você desistir do negócio. — Ela torceu o nariz.

Uma sensação de formigamento percorreu o corpo de Ellen, do topo de sua cabeça até as unhas dos pés, e ela engasgou em voz alta. Todos olharam para ela, e agarrou os cobertores com mais força.

— A roupa estragada. — Disse ela, sua voz saindo estrangulada. — Roupa suja, porcelana quebrada, cabelo emaranhado, prata manchada! Não importa o quanto eu tentei por anos ser uma boa criada, tudo dava errado.

Ela olhou para cima e encontrou os olhos de Poppy. Ela tinha falado com a princesa antes sobre isso, e não tinha certeza se Poppy tinha acreditado nela na época. Agora ela viu que a outra garota sabia.

— Acho que ela sabotou meu trabalho, mas por que minha madrinha, A Corley, quero dizer, se importaria se eu estragasse os lençóis?

— Se você gostasse de servir, talvez não estivesse tão pronta para aceitar o acordo dela. — Marianne ofereceu.

A Corley era a culpada. E ela estava muito presa em seu orgulho e ressentimento para notar.

Ellen baixou os olhos para um monte rugas da colcha. Suas bochechas estavam coradas, e ela não ousou encontrar os olhos de ninguém.

— Acho que devemos deixar Eleanora descansar. — Disse Roger.

Ela se estremeceu com as palavras dele, procurando traços de desgosto, de condenação, mas não encontrou nenhum. Ela ergueu os olhos com cautela e o viu sorrindo para ela com uma linha de preocupação entre as sobrancelhas.

— Devíamos todos descansar um pouco. — Disse Lorde Richard. — E amanhã, vamos começar do zero.

Todos se desejaram boa noite e os outros saíram. Marianne apagou todas as velas, exceto a da mesinha de cabeceira que Ellen alcançava.

Depois que eles foram embora, Ellen também apagou aquela e ficou no escuro, pensando. Ela havia começado o dia como uma criada chamada Ellen. Tinha dançado em um baile como a mulher mais fascinante e odiada do salão, Lady Ella. E agora ela iria dormir como uma convidada dos Seadowns, alguém a quem respeitosamente dar boa noite, ser observada e cuidada.

Alguém chamada Eleanora.

Capítulo 30

Presa

Agora quando se viu o sonho de estar no Palácio Sob a Pedra, Poppy quase não tinha energia para se assustar.

Exausta, ela vagou pelos corredores, arrastando os dedos pelas paredes frias e se perguntando que pronunciamentos meio malucos Rionin e Blathen fariam esta noite. Sempre que os encontrava, eles juravam que ela nunca mais iria embora, ou algo parecido. Ela olhou para baixo e viu que estava usando o vestido violeta e prata do baile de Marianne e ficou muito satisfeita. Era seu novo favorito e queria ter certeza de que Blathen desse uma boa olhada no que ele estava perdendo, mesmo que fosse tudo em sua própria cabeça.

Ela ainda estava sorrindo com isso quando entrou no salão de baile e viu o arranjo usual: os cortesãos dançando para dar poder ao seu rei, enquanto o Rei Sob a Pedra e seus irmãos restantes se amontoavam no estrado. Desta vez, porém, havia alguém com eles. Uma velha agachada como um sapo em uma cadeira forrada de veludo.

— Você é A Corley, não é? — Poppy foi direto para o pé do estrado para observar a mulher.

— Então, assim fui chamada. — A velha bruxa disse.

— E a madrinha de Eleanora, ou assim você se chama. — Poppy disse. — Se você quer que ela atraia um marido principesco, você pode querer evitar mutilá-la. — Ela se perguntou se era realmente assim que A Corley parecia, se havia algo profético em seus sonhos.

— Qual é seu assunto nisso? — Blathen abriu caminho para ficar bem na frente de Poppy. Ele a olhou e lambeu os lábios.

Dando a ele um olhar de profundo desgosto, Poppy jogou o cabelo para trás.

— Bem, vamos ver, eu continuo tendo todos esses sonhos tediosos com você e agora ela neles, então eu diria que é muito do meu assunto. — Ela apontou rudemente para A Corley, feliz por seu dedo não tremer.

— Tediosos? — Mais uma vez, Blathen lambeu os lábios. — Você não gosta de visitar sua verdadeira casa?

Poppy soprou, ciente de que era algo que Lady Margaret nunca faria. Mas combinava com Poppy.

— Esta não é minha verdadeira casa e nunca será.

Rionin se levantou de seu trono e foi até a borda do estrado. Ele se inclinou, trazendo seu rosto ficar perto de Poppy.

— Antes de acordar, deixe-me esclarecer uma coisa: você pode jogar a cabeça e bater o pé o quanto quiser, mas não pode lutar contra nós.

— Assim como Eleanora, você não é nada além de uma presa.

Ele a empurrou com um dedo que parecia perfurar o centro de seu peito como um pendente[17] de gelo. Ela caiu e caiu até que acordar com um solavanco em sua própria cama.

O vestido violeta e prata estava sob um raio de luar, e sua noite estava úmida de suor como sempre. Ela acendeu uma lamparina e escreveu tudo o que tinha visto e ouvido em seu diário, assim como vinha fazendo nas últimas

semanas. Então ela se enrolou em um xale e foi se sentar perto da janela. Não dormiria mais naquela noite, então ela poderia muito bem terminar outra pulseira.

Ela decidiu que preferia que seus sonhos não se tornassem realidade.



No café da manhã, Lady Margaret relutou em colocar a estranha pulseira que Poppy lhe ofereceu. Tão relutante, apesar de sua atitude normalmente cortês em relação a qualquer um presente, que Poppy suspeitou de uma intervenção mágica. Mas, no final, Poppy o prendeu ao redor do braço de Lady Margaret e ficou satisfeita ao ver a mudança que começou a dominar a mulher mais velha.

Ela ainda parecia confusa, entretanto, então Lorde Richard ofereceu a ela um copo da estranha poção de Roger e a convenceu a jogar o copo na lareira. Foi um gesto tão dramático que Poppy tinha dificuldade em não gritar: *Saúde!* sempre que alguém fazia isso.

— Você percebe que Lady Ella é nossa própria Ellen? — Lady Margaret olhou em volta, espantada, para ver se mais alguém tinha chegado à mesma conclusão.

— Não Ellen, minha querida, Eleanora. — Seu marido a corrigiu.

E então, com Marianne e Poppy falando por cima dele, e um ou outro para ter certeza de que nenhum detalhe fosse esquecido, eles explicaram a situação.

Poppy se preparou para uma explosão raiva quando Lady Margaret descobriu que seu marido havia feito um acordo com A Corley para recuperar

sua fortuna. Mas quando ele chegou a essa parte da história, ela apenas assentiu. Depois que todas as explicações foram feitas, ela parecia apenas meio surpresa.

— Você sabia sobre A Corley? — Poppy perguntou.

— Não é o nome dela, mas suspeitei que a sorte de Richard foi mais do que, bem, mera sorte. — Lady Margaret admitiu. — Suponho que não queria saber os detalhes. — Ela fez uma careta. — Claro, se eu soubesse que o futuro de nossa filha também estava em jogo, eu poderia ter intervindo antes.

— Você sabe que eu morreria antes de deixar alguma de vocês sofrer algum dano. — Disse Lorde Richard. Ele ergueu a mão da esposa da toalha de mesa branca e beijou seu pulso.

Marianne suspirou sonhadoramente, e Poppy se viu sufocando um ruído semelhante. Imagine ser tão *querida*. Nunca foi algo em que ela realmente tivesse pensado, até que viu suas irmãs mais velhas com seus maridos, e agora Lady Margaret com o dela.

Ela duvidava muito que ela fosse amada assim pelo Príncipe Blathen.

Pensando em seu antigo parceiro do Baile da Meia-Noite, ela se recompôs. Eles precisavam resolver esse problema e rapidamente. Faltavam apenas alguns dias para o baile de máscaras.

— O que devemos fazer sobre o baile de máscara real? — Poppy pegou seu garfo e pressionou algumas linhas na toalha de mesa. — Acho que precisamos nos apressarmos. — Ela estremeceu. Tinha soado como uma tortura antes que houvesse uma maldição envolvida.

— E Dickon ainda precisa de uma pulseira. — Disse Marianne. — Parece que temos que ter duas. Roger deu a poção a ele quatro vezes agora. — Ela disse para seu prato de arenque defumado e torradas.

— Estou trabalhando nisso. — Poppy garantiu a ela. — Além disso, Roger está tentando encontrar um herbalista do Extremo Oriente que ele conhece. É possível que ele possa nos ajudar.

Mas quando Roger chegou à mansão algumas horas depois, ele balançou a cabeça em resposta às suas perguntas. A casa no endereço que ele tinha para Lon Qui estava vazia, e ele deixara um recado com a senhoria, embora ela não soubesse onde estava o inquilino nem por quanto tempo ele ficaria fora.

— Você pensaria que se este Lon Qui fosse bom, ele teria curado as verrugas daquela velhota. — Disse Dickon, que havia acompanhado seu irmão mais velho.

— Beba seu remédio. — Roger disse sombriamente, e despejou um pouco de poção viscosa de um frasco e em um copo que uma das criadas trouxe.

Dickon deu de ombros, bebeu e jogou o copo na lareira, movimentos bem praticados agora.

— E coloque isso. — Disse Poppy, envolvendo uma pulseira em seu pulso. Ela não conseguia suportar a expressão no rosto de Marianne nem mais um segundo. Dickon se sacudiu como um cachorro e então seu olhar foi para Marianne.

— Tenho feito papel de bobo, não é? — Seu comportamento normalmente alegre era moderado.

— Sim. Você já terminou de fazer isso? — A voz suave de Marianne era azeda.

— Espero que sim. — Disse ele.

— Então você pode sentar ao meu lado enquanto planejamos o que fazer a seguir. — Disse ela.

— Odeio dizer isso, Poppy. — Disse Roger. — Mas não estou convencido de que seus amuletos sejam tão eficazes. Parece que a poção também é

necessária para fazer alguma diferença. Até que o efeito passa. — Ele franziu a testa para Dickon.

— Roger. — Poppy disse uniformemente, sem olhar para cima. — Como o tricô também não faz mal, vou continuar a tricotar essas coisas e amarrá-las nas pessoas até que A Corley e seus sapatos de cristal sejam apenas uma lembrança. E isso é tudo que direi sobre isso.

Roger parou de andar para olhar para ela e depois retomou.

— Muito bem, eu entendo. — Foi tudo o que ele disse.

Poppy não achava que ele realmente entendia, mas então, ele era o único a andar. Ela tinha que manter as mãos em movimento, tinha que estar fazendo algo, algo para ajudar, ou ficaria louca. Se ela tricotasse mil amuletos e nenhum deles fizesse nada, pelo menos poderia dizer que tentou.

Lorde e Lady Seadown entraram, parecendo subjugados. Eles estavam conversando com Eleanora pela última hora, e Poppy viu que Lady Margaret estava chorando.

— Pobre garota. — Ela murmurou, e sentou ao lado de Poppy.

— Eleanora não está em condições de comparecer ao baile de máscaras. — Anunciou Lorde Richard. — Seus pés... a pele...

— Os pés dela estão virando vidro! — Lady Margaret gritou enquanto sentava no sofá ao lado de Poppy. — Vidro, pobre criança! O médico nunca viu nada parecido. Ele não tem certeza se isso pode ser curado. Como isso poderia ser? Precisamos nos livrar daquela criatura Corley e encontrar alguém para curar Eleanora.

— Não se preocupe, prima Margaret. — Disse Poppy, tricotando ainda mais rápido. — Se não puder ser feito em Bretanha, vou levá-la para Westfalin. Galen pode ajudá-la e, se não puder, encontraremos alguém que possa.

Poppy, que antes evitava Ellen como irritante e lamentável, agora queria ajudá-la tanto quanto queria libertar Christian de sua paixão por Lady Ella. Ela percebeu à noite que ela e Eleanora eram realmente muito semelhantes: seus pais cometeram erros horríveis e os filhos foram forçados a pagar o preço.

— O que vai acontecer se Eleanora não dançar? — A voz de Poppy estava muito mais tensa do que gostaria. Haveria penalidades para ela e suas irmãs se não comparecessem aos Baile da Meia-Noite, mesmo que sua ausência não fosse por escolha deles.

— Eu não sei, mas os planos da Corley parecem depender do baile de máscaras. — Disse Roger gravemente. — Christian em breve retornará a Danelaw, e A Corley disse a Eleanora que o príncipe deve propor a ela até o final do baile.

— Mas se ela não for. — Marianne disse ansiosa. — Então ele não pode propor e o plano de Corley estará arruinado!

— Temo que não seja tão fácil, minha querida. — Disse o pai. — A Corley provavelmente encontrará uma maneira de forçá-la a comparecer, mesmo que isso a deixe aleijada, ou ela se vingará de Eleanora por ter falhado.

— É melhor deixar essas coisas acontecerem. — Disse Poppy, esforçando-se para soar experiente, mas saindo ansiosa. — Sempre há uma chance de escapar, mas você tem que esperar o momento certo.

Ela pensou na última noite que tinha passado no Palácio Sob a Pedra, não em um sonho, mas na realidade. Ela pensou em dançar no baile com um olho em sua irmã Rose, que havia tentado fazer uma barganha antes que Galen os ajudasse a escapar. O grito do Rei Sob a Pedra quando a agulha de tricô de prata de Galen perfurou seu coração iria assombrá-la pelo resto de sua vida, mas a sensação de leveza, de liberdade, que ela sentiu quando subiu a escada dourada pela última vez valeu a pena o pesadelo ocasional.

— Mas, para deixar isso acontecer. — Roger argumentou. — Eleanora terá que comparecer ao baile de máscaras.

— Não necessariamente. — Poppy disse de repente. — É um baile de *máscaras*. Alguém usando sapatos de cristal terá que comparecer e receber a proposta de Christian. — Seus olhos encontraram os de Marianne e a cor sumiu do rosto da outra garota.

— Eu... eu... eu... não poderia! Não! — Marianne agarrou Dickon, que colocou o braço em volta dela.

— Fora de questão. — Disse Dickon. — Não vou deixar Marianne arriscar a vida como isca!

— Está tudo bem, Marianne, farei isso. — Disse Poppy. — Eu sou mais parecida com Eleanora de qualquer maneira. Ninguém vai saber a diferença.

Ela olhou para trás, para o tricô, como se a decisão fosse apenas passageira. Na lareira, o relógio batia ruidosamente enquanto todos os outros na sala olhavam para ela, com admiração, horror, especulação.

Apesar de sua indiferença, em sua cabeça Poppy continuava ouvindo a voz do Rei Sob a Pedra.

— Você é uma presa.

Capítulo 31

Confuso

Perambulando de sala em sala no Palácio Tuckington, Christian fez o seu melhor para ficar fora do caminho dos servos movimentados. O tempo tinha ficado tempestuoso, com fortes rajadas de vento e torrentes de chuva que o impediam de cavalgar. Até Hermione e Emmeline estavam ocupadas demais com os arranjos de seus trajes para atormentá-lo.

Mas o palácio inteiro foi tomado pelos preparativos para o baile de máscaras. Todos os quartos estavam sendo arejados, o chão esfregado e encerado, a roupa lavada fervida e pendurada para secar dentro de casa, de modo que os quartos dos empregados e as cozinhas pareciam um acampamento do exército com tendas brancas imaculadas a cada dois passos. Os criados da cozinha entravam e saíam em volta dos lençóis e toalhas com habilidade especializada, mexendo, assando e colocando cobertura de açúcar em milhares de bolinhos, bombons e outras iguarias para as bebidas. As refeições regulares sofreram por causa disso, e Christian fez um juramento solene de que, se fosse servido torta de carne fria mais uma vez, ele iria começar a fazer todas as suas refeições na taverna mais próxima, sem se importar com as propriedades.

Depois de se encontrar novamente no meio de um corredor que ele não reconheceu, e incapaz de pensar no que estava fazendo ali, Christian finalmente voltou para seu quarto. Ele começou uma carta para seus pais, rasgou-a, começou uma carta para suas irmãs e a rasgou também. Havia brilhos verdes nos cantos de seus olhos novamente, e sua cabeça latejava. A pulseira que Poppy tinha dado a ele coçava mais do que qualquer coisa que ele já tinha usado, mas ele não queria tirá-la.

Poppy tinha feito isso, apenas para ele, como um sinal de amizade... ou algo mais? A carta para seus pais que ele acabara de lançar na lareira tinha começado como um pedido para que Poppy fosse convidada para Damerhavn depois que sua visita a Bretanha terminasse. Ele o desconsiderou porque não sabia como descrever seus sentimentos sobre Poppy para seus pais... ou para si mesmo. Eles eram apenas amigos? Ou ele se importava mais profundamente com ela? O que ela sentia por ele? Ele esperava que passar um tempo com ela em sua casa, com sua família, o ajudasse a entender.

Mas Ella estará lá, uma vozinha incomodou em sua cabeça. *E ela pode não gostar de ter Poppy por perto*.

Christian franziu a testa e balançou a cabeça. Ella? Por que Lady Ella estaria lá? Ela não era um peão neste grande jogo matrimonial, como ele e Poppy.

Suas bochechas ficaram quentes com a ideia de apresentar Poppy à sua família como uma noiva em potencial. Ele a imaginou cavalgando pelas ruas ao lado dele, entretanto, ainda desajeitada a cavalo, mas determinada a não demonstrar. E ela adoraria Danelaw: era muito perto de Westfalin e ela poderia visitar sua família. Talvez ele pudesse conhecê-los também.

Houve um súbito zunido por seu corpo, como se tivesse sido atingido por um raio, e uma culpa quente se derramou sobre ele. Como poderia estar

pensando em cortejar Poppy? Ele esperava que Lady Ella, sua querida noiva, nunca descobrisse seus pensamentos traiçoeiros!

Christian balançou a cabeça novamente, sentindo a névoa voltar. Lady Ella? Ele não sabia nada sobre ela! Seus pais teriam que conhecê-la, e ele não convidaria uma garota para viajar até sua casa antes de conhecer seus pais... ou tutor, no caso de Lady Ella. Ela nunca disse, mas ele teve a impressão de que ela era órfã. Havia uma madrinha misteriosa a quem ela fez referência. E essas referências eram realmente misteriosas. Mesmo o rei Rupert, com sua determinação de ver Christian casado com uma senhora bretã, não conseguiu descobrir nada sobre Lady Ella.

— Pelo que sabemos, ela é uma pirata ou uma lavadeira que roubou os vestidos de outra pessoa. — Christian murmurou em voz alta.

Instantaneamente, outro raio de luz percorreu seu corpo, este poderoso o suficiente para fazê-lo gritar. O latejar em sua cabeça se tornou uma dor cegante que se instalou atrás de seu olho direito e o fez cambalear para a cama. Ele se jogou sobre o colchão, segurando a cabeça com uma das mãos. A pulseira que Poppy tinha dado a ele, coçava tão forte agora que parecia que seu pulso estava pegando fogo. Uma dessas dores tinha que passar, ou ele acabaria enlouquecendo!

Ele começou a arrancar a pulseira, mas se conteve a tempo. Através dos brilhos verdes que continuavam enviando a ele visões de Lady Ella dançando em seus sapatos brilhantes, ele viu vislumbres de Poppy em seu vestido vermelho e branco da festa de gala.

Poppy, com seu porte real e olhos brilhantes. Poppy jogando como um jogador de cartas experiente e zombando de Roger Thwaite por causa de seu comportamento severo. Poppy em lilás, com as agulhas de tricô brilhando e a ponta da língua no canto da boca, um hábito que ela negava.

Ela havia colocado essa pulseira nele por um motivo.

Ele tirou a mão da cabeça e se forçou a inspirar e expirar profundamente. Ele agarrou a pulseira, não para arrancá-la, mas para pressionar a lã com mais força contra sua pele. Ele ergueu as mãos trêmulas e esfregou a faixa que coçava na testa, nas pálpebras.

Os brilhos verdes sumiram e a dor diminuiu.

Ainda segurando o pulso contra a testa, Christian se levantou. Ele precisava ver Poppy imediatamente, parecia que a pulseira que ela fizera para ele tinha algum tipo de poder. Mas por quê? Para prevenir dores de cabeça? Ou era um feitiço de amor, para atraí-lo?

Ele se irritou com a própria ideia. Poppy não tentaria prendê-lo com algum feitiço de amor!

Esfregando a testa com a pulseira de lã áspera, ele cambaleou para a porta do quarto. Ele tinha que ir para Mansão Seadown, de lá ele poderia mandar buscar Roger também. Roger sabia de coisas, Roger ajudaria.

Ele abriu a porta desajeitadamente e quase caiu sobre um homem pequeno com cabelo ridiculamente encaracolado e um colete verde elaborado que fez os olhos de Christian arderem. Isso o lembrou dos brilhos verdes, e ele teve que desviar o olhar rapidamente antes que eles voltassem.

— Sua Alteza! — O homem curvou-se com muito floreio com os punhos de sua camisa cheios de rendas.

— Quem é você?

— Monsieur Flamonde. — Disse o homenzinho. — O alfaiate! — Mais floreio. — A fantasia de Vossa Alteza está pronta para ser ajustada!

— Fantasia? — Christian cedeu fracamente contra o batente da porta.

O Rei Rupert veio cambaleando ao longo da passagem.

— Flamonde, você deve deixar o nosso convidado adequado! — Ele deu um tapa nas costas do homenzinho, quase jogando o alfaiate nos braços de Christian. — Pode haver um anúncio após tirar as máscaras, e o Príncipe Christian vai querer estar no seu melhor! — O Rei Rupert piscou e riu por entre o bigode, e Christian se sentiu ainda mais mal.

— Um anúncio! Haverá roupas de casamento encomendadas em breve? — O alfaiate ficou na ponta dos pés de empolgação, o que não contribuiu muito para sua altura. Na verdade, ele já estava usando sapatos com salto quase alto demais para ser masculino, e ainda mal chegava ao queixo de Christian.

— Muito em breve. — Disse o Rei Rupert.

— Vou propor casamento a Lady Ella. — Disse Christian, ouvindo sua voz como se estivesse de uma grande distância. —Lady Ella para... para se casar...

Sua cabeça latejava, os brilhos voltaram, a faixa de lã coçou e Christian voltou para o quarto. Ele mal agarrou o penico a tempo, vomitando na porcelana recém-esfregada.

— Oh, não, Vossa Alteza. — Monsieur Flamonde estremeceu consternado.

— Príncipe Christian, o que é tudo isso, então? — Rei Rupert exigiu.

Christian quase caiu na gargalhada histérica. Em vez disso, limpou a boca com um lenço e saiu cambaleando do palácio.

Ele não se preocupou em chamar uma carruagem. Ele apenas cambaleou pela rua até que viu uma carruagem de aluguel. Quase o atropelou, na verdade. Ele se atirou nela, ignorando os xingamentos do cocheiro e brandindo o chicote, e gritou para o homem levá-lo para Mansão Seadown o mais rápido possível.

Quando chegaram ao portão da frente dos Seadowns, o cocheiro desceu, agarrou Christian pela gola do casaco e o jogou sem cerimônia na calçada. Christian enfiou a mão nos bolsos, procurando alguma moeda, mas o homem apenas revirou os olhos.

— Nunca mais entre na minha carruagem de novo, seu bêbado estúpido! — Ele subiu de volta na cabine e fez o cavalo trotar.

Christian cambaleou pelo portão e subiu o caminho. O mordomo ficou tão chocado com a aparência do príncipe que o deixou entrar sem dizer uma palavra, apontando para a sala de estar.

Christian conseguiu passar pela porta da sala antes de desmaiar. Olhando atordoado, ele viu os Seadowns, Poppy, Roger, Marianne e Dickon, todos olhando para ele.

— O que está acontecendo comigo?

— Duas podem fazer isso. — Poppy disse enigmaticamente. Ela tirou uma pulseira de sua cesta de trabalho e amarrou no outro pulso de Christian. — E Roger, mais um copo dessa coisa horrível, por favor.

Dickon apoiou Christian e Roger derramou algo repulsivo em sua garganta, então guiou sua mão para quebrar o vidro nas pedras da lareira. Christian só conseguiu vomitar e resmungar em resposta.

Em seguida, os brilhos verdes diminuíram, assim como o latejar em sua cabeça.

— Você está com problemas, meu rapaz. — Lorde Richard disse a ele quando sua visão clareou. — Uma criatura conhecida como A Corley tem você em sua mira.

Christian se sentou e olhou para Sua Senhoria.

— Estamos fazendo o possível para impedi-la. — Disse Roger Thwaite, com a voz mais baixa que a de Lorde Richard. Ele ajudou Christian a se levantar do chão e sentar em uma cadeira.

— Oh, bom. — Christian murmurou.

Então ele desmaiou. Novamente.

Capítulo 32

Inválido

— Mas se ela descobrir Poppy? — Eleanora afundou um pouco mais nos travesseiros de sua cama. — Ela vai ficar com tanta raiva!

Sua voz era pouco mais que um sussurro. Ela queria ser corajosa, mas ficar deitada na cama e ouvir histórias horríveis sobre a Corley a fez rezar para nunca mais ver sua *madrinha*.

Em um esforço para fazê-la se sentir menos inútil, Roger trouxera vários livros empoeirados que descobrira que falavam sobre a Corley, quem ela fora e por que fora banida para seu estranho palácio de vidro. Eleanora os havia lido com uma fascinação nauseante e agora desejava não tê-los feito. Agora ela sabia por que Corley a queria, ou Marianne. E agora ela sabia até onde a Corley iria para conseguir o que ela queria.

A Corley já fora uma mulher chamada Mary Bright, esposa de um famoso capitão da Marinha na época da Grande Rainha Bethune. Seu marido, o célebre capitão Bright, perseguiu os piratas espanhóis nas águas da Bretanha e foi nomeado cavaleiro como recompensa. Mas quando os dinamarqueses atacaram logo depois disso, o capitão Bright mudou de lado e foi comandar a frota dinamarquesa, deixando para trás sua esposa.

Em vez disso, o Capitão Bright levou seu *amuleto da sorte* com ele: sua afilhada, Mary Bess Corley. Os pais de Mary Bess morreram quando ela tinha apenas dois anos e os Brights a criaram como se fossem sua filha. O capitão Bright chegou a batizar seu navio de *Corley* em homenagem a ela e a seus falecidos pais, e nunca foi ao mar sem a bênção de sua afilhada. Mas Mary Bess se apaixonou pelo príncipe herdeiro de Danelaw, e o rei Haakon prometeu que ela se casaria com seu filho se o capitão Bright planejasse a queda da Bretanha.

Levada à loucura pela traição e abandono do marido, Mary Bright se voltou para a magia. Filha de um soprador de vidro e de uma feiticeira do vilarejo, Mary conjurou um navio de vidro, tripulado por marinheiros de vidro mudos, e os enviou atrás do navio de seu marido. O navio de vidro colidiu com o *Corley* e estilhaçou suas vigas de carvalho em mil estilhaços, mandando o capitão Bright, sua tripulação e Mary Bess para o fundo do mar. Mary Bright, conhecida posteriormente como A Corley, desapareceu.

— Ela está tentando substituir sua afilhada. — Poppy disse sem olhar para cima. Ela estava tricotando outro amuleto.

— Você acha mesmo…? — Eleanora piscou.

— Eu realmente acho. — Disse Poppy. — Ela quer a afilhada viva e casada com um príncipe dos Danelaw. Ela está tentando apagar seu erro.

— Mas isso não vai... quero dizer, ela sabe que eu não sou *ela*, não é?

Poppy encolheu os ombros.

— Quem pode dizer? — Ela parou de tricotar, desfez alguns pontos e recomeçou.

Eleanora foi tomada por um horror repentino: ela nunca se livraria da Corley! Mesmo que ela não fosse chamada para dançar no baile de máscaras, mesmo que a substituição de Poppy funcionasse, A Corley ainda iria persegui-la.

— Não se preocupe. — Disse Poppy. — Vamos lutar e vamos vencer. — Suas agulhas se encaixaram e a linha deslizou por entre seus dedos.

— Como você pode simplesmente sentar aí e tricotar? — Eleanora se ergueu na cama, sua respiração acelerada. — Como você pode simplesmente ficar sentada aí? Podemos ser mortas!

— Eu preciso. — Poppy disse calmamente.

— O que você quer dizer com você precisa? Ninguém está segurando uma faca na sua garganta, forçando você a tricotar essas coisas!

Poppy parou de tricotar.

Ela colocou a linha e as agulhas na mesinha ao lado de sua cadeira, cruzou as mãos no colo e olhou para Eleanora com seus grandes olhos violeta.

— Eu tenho que continuar tricotando. — Ela disse em voz baixa. — Porque eu sou a mais forte. — E então seus olhos se encheram de lágrimas e Eleanora observou em choque impotente enquanto a princesa Poppy de Westfalin soluçava como uma criança.

— Eu sou a mais forte. — Ela soluçou. — A mais difícil. Todo mundo diz isso. Não sou como Daisy, não sou como Lily, não sou gentil, doce e elegante. Meu pai fala, todo mundo fala. Quando tínhamos que dançar, no final, todas as noites e estávamos tão cansadas e enjoadas, ouvi papai dizer ao médico: *Pergunte para elas, Hans, vê se te contam o que está acontecendo. Mas não se preocupe com Poppy. Ela nunca vai quebrar, ela é dura como uma bota velha.*

— E eu era. Nunca chorei, nunca desisti. Fiz o que Rose e Galen disseram e nunca chorei. Mas pensei que tinha acabado, não pensei que teria que fazer isso de novo, para enfrentar algo assim. Sem minhas irmãs, sem meu pai e Walter e Galen para me proteger. Não posso jogar cartas contra a Corley, não posso amaldiçoá-la até a morte, então tenho que tricotar. Não há mais nada que eu possa fazer.

— Você pode dançar. — Disse uma voz da porta.

Ambas as meninas se viraram e viram o príncipe Christian parado ali, com o olhar fixo em Poppy. Vendo a intensidade de seus olhos no rosto coberto de lágrimas de Poppy, Eleanora sabia que o príncipe nunca poderia ter amado Lady Ella do jeito que amava Poppy, e ela se perguntou se Poppy sabia.

— Você pode dançar como Lady Ella. — Disse o príncipe, entrando no quarto e pegando as mãos de Poppy. — Dance comigo. E antes que o relógio dê meia-noite, nós a derrotaremos.

— Inferno. — Poppy disse trêmula. — Teria que estar dançando. Eu realmente esperava desafiá-la para um jogo de cartas.

Eleanora riu alto.

Capítulo 33

Substituição

Mãos agitavam, papoula fervia na água sobre o fogo que tinham construído na grelha sala. Ela pronunciou as palavras que Eleanora lhe ensinou e esperou. Ela se perguntou se a rima funcionaria, já que a Corley não era, de fato, a *querida madrinha* de Poppy. Atrás dela, ela ouviu uma respiração tensa e roupas farfalhando, mas ela fechou os ouvidos e disse novamente.

— Cinzas, cinzas, fumaça e água, leve-me até minha querida madrinha!

A lareira se arqueou e o que tinha sido uma lareira tornou-se uma passagem.

Todos na sala deram um passo para trás, e Poppy pisou na ponta dos pés de Dickon. Ela deixou escapar um pedido de desculpas, endireitou a coluna e agarrou com mais firmeza a pistola. Ela a segurava ao lado do corpo, com um xale enrolado nos ombros para esconder a arma. Ela não sabia o quanto isso faria contra uma criatura imortal como a Corley, mas seu peso a confortava do mesmo jeito.

— Eu deveria ir com você. — Disse Lorde Richard.

— Já discutimos isso, meu senhor. — Disse Roger. — Você foi enlaçado por ela antes, você não deve se expor novamente.

Poppy sentiu a adaga de prata sob seu vestido. Ela poderia dar um tiro com a pistola, largá-la e sacar a adaga em menos de trinta segundos.

Ela estava praticando.

Ninguém disse nada quando ela pisou na lareira e por cima da grade, abaixando a cabeça, embora a entrada fosse alta o suficiente para que Roger não precisasse se abaixar. A fuligem caiu em seu cabelo e roupas, e Poppy se lembrou de se desculpar com Eleanora mais tarde. Parecia claro agora que a outra garota não tinha colocado fuligem nos lençóis de Poppy deliberadamente.

— Boa sorte! — A voz de Marianne ecoou e Poppy acenou com a mão esquerda em reconhecimento, sem se virar.

Depois de passar pela lareira e entrar nos corredores do palácio da Corley, a fuligem e o mármore foram substituídos por ornamentos de vidro tilintantes e pisos duros e lisos. Pilares delicados, também feitos de vidro, revestiam a passagem, e a luz era fornecida por velas em orbes douradas redondas.

— Este é certamente mais elegante do que o palácio Sob a Pedra. — Disse Poppy em voz alta. — Tudo lá era preto ou roxo e sempre parecia um pouco desgastado. — Ela passou a mão pelas paredes lisas. — O ouro e a prata estavam descascando dos móveis, eu juro.

Ela continuou a arrastar a mão esquerda ao longo da parede lisa com um ar casual. Ela estava feliz que a longa estola em volta de seus ombros escondia a pistola de vista. Dessa forma, ninguém poderia ver como seus nós dos dedos estavam brancos. Uma gota de suor escorreu por suas costas, e estava lutando contra o desejo de se virar e correr de volta para a segurança de Mansão Seadown.

— Mas não é seguro lá. — Ela murmurou. — Nada é seguro.

Ela dobrou o corredor e entrou no grande salão. Estava cheio de pessoas, silenciosas, pessoas de pele lisa, em pé em fileiras e olhando para ela. Poppy murmurou uma maldição assustada.

— Estou aqui. — Disse ela um momento depois, forçando-se a soar brilhante e inócua. — Hoje é o baile de máscaras! Veja, eu já tenho uma fantasia!

Ela girou para que eles pudessem ver o vestido que ela usava. Ela estava vestida como uma dançarina espanhola em um vestido roxo e escarlate com uma máscara preta ajustada sobre a metade superior de seu rosto. A Corley teria outro traje preparado, é claro, mas Poppy esperava manter a máscara, para manter o estratagema de que ela era Eleanora.

Sem pressa, sem nem mesmo fazer barulho, os criados silenciosos cercaram Poppy. Eles não a tocaram, para seu alívio, ela estava com medo de começar a gritar se eles o fizessem, mas eles se viraram como um só e saíram rapidamente do grande salão por um longo corredor, conduzindo-a no meio deles.

Sentada ereta em um banco na banheira enorme, Poppy de repente desejou *ter* trazido alguém com ela. Nunca havia enfrentado esse tipo de coisa sozinha antes. A última vez que esteve presa em um palácio de outro mundo, o Palácio Sob a Pedra, todas as suas irmãs estiveram com ela.

Claro, ela não estava exatamente sozinha.

Ela estava, na verdade, cercada.

Uma dúzia ou mais das criadas mudas de Corley estavam no banheiro com ela, à espreita. Assim que ela mexesse um dedo, elas saltariam para lhe

oferecer uma toalha, um sabonete perfumado e um copo de limonada. Poppy recusou suas ofertas de dar banho como um bebê, e agora ela estava na outra extremidade da banheira, sabonete em uma das mãos, os olhos nas servas, se perguntando se elas tentariam esfregar suas costas no momento em que ela começasse a ensaboar.

Finalmente, ela respirou fundo, fechou os olhos e lavou-se o mais rápido que pôde. Ela esfregou o cabelo e o rosto tão rápido que puxou vários fios de cabelo e quase colocou um dedo no próprio nariz, mas pelo menos ela saiu da banheira rapidamente. A contragosto, permitiu que as criadas a enrolassem em toalhas e a ajudassem a sentar-se em um banco acolchoado, onde a untaram com várias loções e penteiaram seu cabelo molhado. Ela manteve o rosto colado ao banco o máximo que pôde, alerta a cada som, caso a Corley viesse verificar sua amada afilhada, mas ela não tinha feito até agora.

Em seguida, as criadas a conduziram a um camarim repleto de vestidos fabulosos. A visão deles irritou Poppy mais do que qualquer coisa: eles estavam lá apenas para insultar Eleanora! Onde e quando ela os usaria? A garota tinha usado apenas dois vestidos até agora, ambos cópias das roupas elegantes de outra pessoa.

Poppy olhou para os vestidos enquanto ela estava sendo vestida de cetim azul pavão. Havia um grande leque de penas de pavão atrás de sua cabeça, e penas escorriam de suas mangas e saia. Quando ela finalmente foi amarrada e enfiada no vestido, ela se olhou nos vários espelhos e fez uma cara de nojo.

— Que vestido ridículo. — Ela observou, embora soubesse que nenhum das criadas iria ou poderia responder. — Como exatamente devo dançar com alguém?

— Você não deve dançar com *ninguém.* — Disse a Corley. — Você deveria dançar com o Príncipe Christian!

Poppy pegou a máscara de penas da penteadeira e segurou-a contra o rosto. A máscara que combinava com o vestido de pavão cobria ainda mais seu rosto do que a que ela trouxera. Agora, se pudesse apenas manter os olhos baixos e seu sotaque Westfaliano sob controle.

— Você está tão linda, minha querida. — A Corley sorriu afetadamente. — Como uma princesa... não, uma rainha! — A velha bruxa colocou as mãos nos ombros de Poppy e sorriu para ela no espelho, sua boca se esticando mais do que uma boca humana deveria ser capaz.

Poppy estremeceu e manteve sua atenção na empregada que aplicava seus cosméticos. Já havia pó dourado e verde ao redor de seus olhos, fazendo-os parecer mais azuis do que violetas. Agora carmim foi adicionado a suas bochechas e lábios, e um desenho de verde e dourado que se curvava do lado esquerdo de seu rosto, da mandíbula até a maçã do rosto. Parecia a pluma de um pavão, e Poppy achou agradavelmente exótico.

Seu cabelo estava preso no alto com pentes de ouro que exibiam mais plumas, e a máscara de penas azuis amarrada no lugar com uma fita que estava escondida em seu cabelo.

— Venha, minha querida! É hora do toque final!

Poppy tentou não tremer enquanto caminhava descalça pelo corredor no tapete da Corley, para uma câmara que cheirava a magia e estranheza, e se sentou em uma grande cadeira com um apoio para os pés. Em uma mesa ao lado, havia potes borbulhantes de líquidos espessos e Poppy começou a suar frio. Ela pensou nos pés de Eleanora e lembrou a si mesma que seria apenas por uma noite, e Christian e os outros iriam ajudá-la.

Soltando as mãos dos apoios de braço, ela se endireitou e observou a Corley com o rosto impassível. Afinal, ela era uma princesa e se recusava a dar

a essa criatura a satisfação de vê-la recuar. Ajudou que uma máscara escondeu a parte superior de seu rosto e sombrear seus olhos, no entanto.

A Corley afastou as abundantes saias de Poppy para expor seus pés descalços. Ela estalou os dedos e um servo trouxe uma panela rasa de vidro azul derretido.

A Corley olhou diretamente nos olhos de Poppy e sem dizer uma palavra derramou o vidro fervente sobre os pés da garota.

Capítulo 34

Imperador

Perucas coçavam, Christian estava descobrindo. Seu traje de imperador era coberto com uma longa peruca preta e parecia uma compressa quente enrolada em sua cabeça. Mas ainda pior do que o calor era a coceira ao longo das bordas, onde a base de malha da coisa abominável tocava seu rosto e pescoço, e era mantida no lugar com grampos que espetavam seu couro cabeludo.

Se não fosse pela peruca, o traje de outra forma teria sido muito confortável, já que era mais como uma túnica de seda solto sobre calças esvoaçantes. Até os sapatos pontudos eram leves e flexíveis, e o pesado leque de marfim e seda que pendia de sua cintura era muito mais manejável do que as pesadas espadas falsas que muitos dos outros cavalheiros usavam.

Ele já havia recusado várias ofertas para dançar com várias jovens. O Rei Rupert, vestido de maneira pouco sutil como seu ancestral, Horcha, o Magnífico, sorriu benignamente com isso de sua posição no estrado na outra extremidade do salão. Ele estava ansioso para anunciar o noivado de Christian após o desmascaramento à meia-noite, e não sentia mais a necessidade de jogar todas as jovens da Bretanha em Christian.

De sua parte, Christian se sentia como um relógio que tinha sido apertado demais. A qualquer momento, ele temeu que pudesse pular para o estrado e começar a gritar com todos os cortesãos sorridentes e risonhos. Poppy estava em perigo, eles estavam todos sob um feitiço, como eles poderiam apenas beber e dançar como se nada estivesse errado?

A princesa Emmeline rodopiou, vestida como uma leiteira (embora uma leiteira em um vestido de cetim), e Christian lutou contra uma onda de antipatia. Ele se lembrou de sua zombaria sobre a falta de jeito de sua ex-empregada, que Eleanora agora suspeitava ter sido causada pela Corley. A pobre garota ficou órfã, jogada na rua e então lentamente puxada para as garras de uma bruxa. Tudo o que Emmeline tinha que se preocupar era em convencer seus pais a deixá-la ficar acordada até tarde para ir a um baile, como ela estava esta noite.

E aqui estava Christian, fingindo não ter interesse em nenhuma mulher além de Lady Ella. Bem, era parcialmente verdade: ele não estava interessado em mais ninguém. Mas a maior parte de seu interesse veio do fato de que Poppy seria Lady Ella esta noite.

A Corley descobriria seu engano e o que aconteceria com Poppy se ela descobrisse? Se ela não o fizesse, os pés de Poppy ficariam bem? Eles ainda não tinham certeza se Eleanora poderia ser curada.

E Poppy realmente dançaria a noite toda com ele?

Christian continuou se virando para olhar para a porta do salão, mas não esperava que Poppy chegasse tão cedo. Afinal, Lady Ella sempre chegava tarde e fazia uma grande entrada, e o baile de máscaras estava em andamento há apenas meia hora. A maioria dos convidados chegou com uma pontualidade incomum, e também esticava o pescoço. Ele suspeitava que eles também esperavam pela misteriosa Lady Ella, já que ela havia cativado não só

Christian, mas todos os nobres de Castleraugh, ao mesmo tempo que ela alienava as mulheres.

Ele se perguntou se o feitiço seria quebrado esta noite. Estariam todos os nobres de Castleraugh falando sobre Lady Ella com seus netos? Ou a magia desapareceria assim que a Corley tivesse o que ela queria?

Ou melhor, uma vez que a parassem.

Christian foi tirado de seus pensamentos pelo silêncio que caiu sobre o salão de baile. Era Lady Ella, os convidados não ficariam tão quietos por qualquer outro motivo. Ele se virou para as portas duplas e viu uma figura magnífica emoldurada ali. Toda em seda azul pavão com plumas daquele mesmo pássaro subindo ao redor de sua cabeça e saindo de suas saias, Poppy parecia magnífica.

E não havia dúvida na mente de Christian de que era Poppy. Ninguém, ele pensou, poderia confundir aquele porte orgulhoso ou pura vibração de espírito. Nenhuma máscara ou encanto poderia esconder a graça fluida que dizia que ela era uma dançarina nata, apesar de todo o seu ódio declarado pela dança. E ele não pôde deixar de notar que o cabelo dela era mais escuro e brilhante que o de Ellen, e sua figura? Bem, Poppy tinha uma figura muito bonita.

Não foi difícil empurrar os outros cavalheiros para fora de seu caminho para alcançá-la primeiro. Não foi difícil se curvar e beijar seus dedos, e foi sem nenhuma obrigação que Christian a convidou para dançar.

Um pequeno sorriso malicioso curvou os lábios de Poppy.

— Eu ficaria honrada, Vossa Alteza. — Ela disse, e deu um tapa no braço dele com seu leque de penas de pavão.

Christian riu e segurou o braço dela, afastando-se do leque.

— *Você* sabe dançar? — Ele brincou enquanto eles tomavam seus lugares no chão polido entre uma horda de piratas arrojados e criadas mendigas românticas. — Ou você apenas gosta de entrechat[18] ocasional?

— Eu tenho algumas habilidades escassas. — Disse ela alegremente.

A orquestra começou a tocar uma gigue[19], uma das danças mais intrincadas de Analousia, que utilizava o entrechat. Dois passos para a esquerda e Poppy girou para cima e para baixo nos braços de Christian perfeitamente. Uma mulher próxima tropeçou, seja por falta de jeito ou por causa de seu traje elaborado, e Poppy saltou levemente para fora do caminho.

Christian ficou maravilhado com o fato de Poppy alegar que ela não dançava há quase três anos. Ela era a parceira mais habilidosa que ele já teve, tão leve em seus braços como uma borboleta, enquanto mantinha uma conversa tão facilmente como se estivessem sentados na sala dos Seadowns.

Rindo de sua expressão de espanto, Poppy disse.

— Você deve entender: por dez anos dancei quase todas as noites até o amanhecer. Você deveria ter visto meus pés: bolhas, hematomas, horríveis. Mas eventualmente eles se curaram. — Então ela fez uma careta. — Eles estão se sentindo bastante delicados agora, no entanto.

Quando chegaram ao fim da dança, ela afastou um pouco as saias para mostrar o porquê.

Seus reluzentes sapatos azuis eram de grande beleza. Havia espirais verdes e uma camada de filigrana de ouro, tudo feito de vidro. Ela não usava meias, e o azul, o dourado e o verde se destacavam fortemente contra sua pele pálida.

— Eles doem como nada que você já sentiu. — Poppy disse com fervor, deixando cair a saia. — Acho que prefiro ser atravessada por um sabre de cavalaria enferrujado.

Estremecendo com simpatia, ele pegou suas mãos e a levou para a próxima dança. Eles teriam que dançar todas as danças, para que a Corley não suspeitasse que algo estava errado.

— Então o que fazemos agora? — Christian queria relaxar e desfrutar de dançar com Poppy, mas ele não podia deixar de se preocupar com o que viria a seguir. — Vamos apenas esperar o fim da noite? Eu deveria propor a você? — Essa última ideia não parecia tão repelente, na verdade.

Ele percebeu que não estava experimentando nada da nebulosidade, a distorção de seus pensamentos, que tivera com Eleanora como Ella. Foi a poção e os amuletos em ação? Ou era porque era Poppy usando os sapatos de cristal?

— Suponho que sim. — Poppy disse brevemente. Ela tinha uma expressão engraçada no rosto, mas poderia ser a máscara. — Eu tenho que sair antes da meia-noite, então faremos isso algum tempo antes disso. Roger e todos os três Seadowns estão armados com encantos e o que quer que seja, esperando pelo próximo movimento da Corley.

A voz dela estava alegre, confiante, mas Christian pensou que poderia detectar um leve tremor nela, e viu seu queixo franzir. Ele a segurou um pouco mais perto do que a dança exigia, e a sentiu se encostar nele.

— Eu já te disse que a primeira vez que minha irmã Rose dançou com seu marido Galen, ele estava invisível? — A voz de Poppy era pouco mais que um sussurro.

— Invisível?

— Ele tinha uma capa que o tornava invisível. É assim que ele estava nos seguindo até o palácio do Rei Sob a Pedra. — Disse ela. — Ele esfaqueou o rei com uma agulha de tricô.

Christian soltou uma risada rápida.

— Isso é tudo que nós precisamos? Uma de suas agulhas de tricô? A Corley vai embora, puf?

— Não seria bom? — Ela disse, rindo sem fôlego.

— Eu gostaria de poder fazer mais. — Disse Christian, expressando sua frustração.

— Não se preocupe. — Ela disse a ele. — Roger tem uma adaga para você, quase uma espada curta, forjada em prata abençoada.

Christian se sentiu aliviado: eles iriam precisar dela afinal. Ele era bom com espadas e adagas. Ele gostaria que Roger pudesse ter localizado um florete para ele, mas imaginou que a Corley não seguia as regras cavalheirescas da esgrima.

Não, era melhor golpear e cortar com uma espada curta robusta (e mágica) do que se empinar para frente e para trás com uma lâmina fina como uma agulha.

— Veja, Roger está nos sinalizando agora. — Disse Poppy. — Vamos dançar por ali e pegar sua arma. — Ela deu um pequeno suspiro. — Eu tenho uma, mas não é tão impressionante.

Christian não pôde deixar de rir enquanto guiava seus passos em direção a uma figura de aparência severa em vestes de juiz com um laço amarrado em sua cintura. Por um lado, era típico de Roger Thwaite se vestir como um *juiz enforcado,* enquanto todos os outros estavam romanticamente vestidos de piratas ou cavaleiros e, por outro, era típico de Poppy sentir ciúme por sua arma ser menor.

— Vou comprar uma espada curta para o seu aniversário. — Prometeu Christian.

— Vou cobrar isso de você. — Disse Poppy.

— Quem é esta senhora misteriosa? — Roger os parou na beira da pista de dança e beijou a mão de Poppy.

— Oh, senhor! Não me tente a me revelar. — Disse Poppy com um sorriso afetado e deu um tapa no braço de Roger com seu leque de penas de pavão, soltando uma pluma.

Christian reprimiu uma risadinha com a representação dela de Lady Ella. Ele teve a chance de falar com a verdadeira Eleanora ontem, e pensou que ela era uma jovem encantadora e tímida. Ele não tinha ideia de por que ser Lady Ella a fazia estapear as pessoas e fazer beicinho o tempo todo.

— Se você continuar a dominar o cartão de dança desta adorável senhora. — Roger disse a Christian. — Talvez eu tenha que desafiá-lo para um duelo! — Ele balançou suas vestes com um drama atípico, o que lhe permitiu puxar uma longa adaga em uma bainha preta e pressioná-la na mão de Christian.

Christian rapidamente escondeu a adaga nas dobras de suas próprias vestes, sem saber o que fazer com ela agora. Ele não conseguia dançar muito bem com uma das mãos presa ao lado do corpo. Ele viu Poppy e Roger franzirem os lábios, como se estivessem chegando à mesma conclusão.

Uma jovem vestida como uma mulher de um harém com um traje ousado de calças esvoaçantes e um corpete decotado e justo veio esvoaçante até eles. Ela até tinha delicadas pulseiras de ouro em seus pulsos, Christian notou, e foi ainda mais distraída pelo fato de que seu corpete e as calças não chegavam até a cintura. Poppy o espetou nas costelas com a alça de seu leque quando o pegou olhando.

— As fantasias são tão difíceis de administrar, não são?

A garota do harém, para choque de Christian, era Marianne. Seus olhos castanhos cintilavam por trás de sua máscara de lantejoulas, e seu cabelo preto estava coberto por um enfeite com *joias* de vidro lapidado. Ele engoliu em seco

e acenou com a cabeça, ainda surpreso com a quantidade de pele que ela estava mostrando.

Rindo de seu desconforto, Marianne tirou a longa adaga de sua mão e enfiou a bainha na faixa de suas vestes imperiais. Ela puxou o nó da faixa, certificando-se de que estava apertado o suficiente, e então deu um aceno satisfeito.

— Você deve usar o traje completo! — Sua voz estava mais alta agora, para o benefício de quem observava o pequeno grupo. —Não sei como você espera dançar com todos esses leques e coisas penduradas na sua faixa!

— Oh, obrigada! Quão gentil! — Poppy agitou seu leque para Marianne. — Agora, se você não se importa! — Ela guiou Christian de volta para a pista de dança como se estivesse com ciúmes.

— A fantasia dela. — Christian disse em uma voz estrangulada.

— O desenho original pedia um daqueles véus longos, até o chão. Mas então ela decidiu esta manhã que isso iria atrapalhar quando ela dançasse. — Poppy deu uma risada perversa. — Você viu Dickon? Ele está vestido para combinar.

— Não, eu...— Então Christian parou, porque viu Dickon, ou presumiu que fosse Dickon, pegando a mão de Marianne para conduzi-la para uma dança.

Em total contraste com a vestimenta contida de seu irmão, Dickon Thwaite vestia calças esvoaçantes como as de Marianne, uma faixa com uma adaga longa, um turbante e uma máscara.

E nada mais.

Christian soltou um assobio baixo.

— Lorde Richard está vestido como um cavaleiro. — Disse Poppy.

A princípio, isso pareceu uma observação um tanto improvisada, mas então Christian notou o cavaleiro alto Analousiano espreitando ao lado do salão de dança, seu olhar mascarado claramente em Marianne e Dickon. Christian começou a rir e descobriu que não conseguia parar.

Isso infectou Poppy também, e logo os dois estavam rindo como loucos enquanto giravam no chão. Era tudo muito surreal: a Corley, Eleanora, os sapatos de cristal... e lá estava Lorde Richard preocupado com o fato de sua filha estar usando uma fantasia reveladora e dançando com o jovem que estava prestes a pedir sua mão de qualquer maneira.

Por horas eles riram e dançaram, fingindo que não havia nada mais horrível por vir do que o fim do baile.

Christian se perguntou como ele poderia ter pensado em pedir a Lady Ella em casamento. Não com Poppy no mesmo salão, mesmo na mesma cidade. Ela era inteligente e espirituosa, e sem dúvida a melhor dançarina que ele já tinha feito parceria. O flerte desajeitado de Eleanora, tapas de leque e conversa afetada simplesmente não se comparavam às maneiras fáceis e livres de Poppy.

É claro que Christian sabia que dificilmente era culpa de Eleanora. Ela não teve uma vida feliz, e ela não teve nenhuma experiência com bailes e festas. Havia também o pequeno problema de ela estar apaixonada por Roger, enquanto tentava atrair o interesse de Christian pelas ordens de Corley.

Poppy o contou tudo isso enquanto dançavam, incluindo sua suspeita de que Roger teria fugido com Eleanora se não fosse tão honrado.

— Pois é, eu ainda acho que ele pode. Se não derrotarmos a Corley esta noite... — Ela parou brevemente, então estremeceu. — Ele pode simplesmente pegá-la e fugir de qualquer maneira.

— Não consigo acreditar que Roger Thwaite pudesse fazer algo tão selvagem. — Argumentou Christian. — Claro, eu não posso acreditar que Roger pudesse ter um amor de infância, também. Dickon sim, mas Roger?

— Bem, ambos têm. Então, talvez seja um traço de família. — Disse Poppy. — Dickon e Marianne realmente deveriam se casar o mais rápido possível. Olhe para eles!

Ambos se viraram para olhar enquanto saltavam as etapas da dança atual. Dickon e Marianne tentavam ficar os mais próximos possíveis, olhando-se nos olhos como se nunca tivessem visto ninguém tão fascinante, e tudo isso enquanto estavam envolvidos em um dos *caribas* venezianos mais intrincados.

— Eles vão viajar. — Christian concordou.

— E também todos ao seu redor, se eles não começarem...

Mas Poppy nunca terminou seu pensamento.

O enorme relógio do outro lado do salão começou a soar: onze horas.

— Oh. — A voz de Poppy era apenas um sussurro. — Suponho que agora devemos... você terá que...

— Hum, sim. — Christian a segurou pelo braço e eles saíram do padrão da dança, através das portas de vidro no final do salão de baile e para a varanda.

Poppy encostou-se na balaustrada de pedra, o rosto ilegível por trás da máscara. A lua estava cheia e embotava as cores de seu traje brilhante e a fazia parecer uma criatura sobrenatural da noite. Ele ajoelhou-se e ela pairou sobre ele, o enfeite de plumas deixando-a ainda mais alta.

— Poppy... — Ele começou, mas ela sibilou e ele parou. Ele tossiu e tentou se lembrar que isso era parte de um estratagema e não de uma proposta real. — Ella, meu amor. — Disse ele, tentando soar apaixonado. — Você vai me dar a grande honra de... hum... me fazer, quero dizer, se tornar minha noiva?

— Oh! Estou muito lisonjeada! — A voz de Poppy estava aguda e Christian não sabia se ela estava zombando de Eleanora ou assustada. — Mas é claro que eu aceito! — Ela bateu em seu ombro com o leque como se o estivesse cavalgando.

De repente, houve um estrondo como mil pratos se espatifando no chão de uma vez, e Poppy cambaleou. Christian saltou de pé e segurou sua cintura para firmá-la. Dentro do palácio, todos os relógios começaram a tocar.

— Não pode ser meia-noite. — Poppy engasgou. — Passaram-se apenas alguns minutos desde as onze!

— É obra da Corley! — Christian agarrou sua cintura com ainda mais força quando ela começou a se afastar dele, seu rosto contorcido sob a máscara de penas. — O que há de errado?

— Ela está me chamando... eu tenho que ir.

Poppy escorregou de seus braços e correu de volta para o salão de baile, por entre a multidão de convidados. Ninguém estava dançando, eles estavam todos confusos enquanto os relógios continuavam a tocar e badalar.

Enquanto eles passavam pelas portas da frente, Christian ouviu outras pessoas o seguindo. Uma rápida olhada para trás mostrou Roger, Marianne e o resto de seus amigos em sua perseguição. Do lado de fora, uma carruagem dourada em forma de cesta de mercado foi puxada ao pé da escada, e os lacaios praticamente dançavam de ansiedade.

Poppy voou escada abaixo, mas tropeçou assim que chegou ao fim. Christian estendeu a mão, mas um dos lacaios praticamente a jogou na carruagem. O cocheiro fez os cavalos andarem antes mesmo que ela se sentasse.

— Christian! — Havia verdadeiro terror em sua voz enquanto a carruagem se afastava.

— Por aqui! — Roger agarrou Christian antes que ele tentasse perseguir Poppy a pé.

Outra carruagem havia parado e Christian viu Lorde e Lady Seadown subindo nela, dando ordens ao cocheiro para ir direto para a mansão imediatamente.

— O que está acontecendo? — Marianne havia parado no momento em que Dickon tentava ajudá-la a subir na carruagem. Ela estava apontando para algo perto dos pés de Christian.

O príncipe olhou para baixo a tempo de evitar pisar em um sapato de salto alto de vidro azul e dourado requintado. Ele se abaixou e o pegou, então saltou para o assento da carruagem dos Seadowns ao lado do cocheiro.

Capítulo 35

Impostora

A carruagem dourada disparou pelos portões traseiros da Mansão Seadown e apontou direto para a fogueira que Poppy pôde ver esperando ali na frente do estábulo. Era sua última chance de desistir, de pular para um lugar seguro, mas ela apenas agarrou-se à lateral da carruagem e fez uma oração rápida enquanto eles passavam pelas cinzas e entravam no palácio da Corley.

A carruagem parou, os cavalos quase caindo de traseira no piso de vidro liso. Todos os criados pularam de seus postos e um deles agarrou o braço de Poppy, puxando-a para fora da carruagem como um saco de batatas.

— Você se importa? — Ela ficou de pé, endireitando as saias elaboradas com grande dignidade.

O que ela viu a seguir a deixou profundamente contente com as maneiras rudes do homem, entretanto.

Diante de seus olhos, a carruagem estava derretendo. Em questão de segundos, não era nada além de uma pilha escaldante de resíduos de ouro alaranjado no meio do chão. Poppy engoliu em seco, pensando em como teria sido ficar presa na carruagem enquanto ela derretia.

Ela se virou para agradecer ao lacaio, mas ele também havia partido. Todos os servos voltaram para o lugar de onde vieram, assim como os cavalos.

Pelo menos, ela achava que sim. Mas havia doze ratos brancos gordos correndo ao redor dos restos fumegantes da carruagem, seus narizes rosados balançando. Um deles tinha uma aparência distintamente de cavalo, Poppy pensou, enquanto olhava para ela. Então todos eles se viraram e correram para algum buraco invisível.

E Poppy estava sozinha.

— Olá?

Ela olhou em volta. O salão era circular e parecia haver uma maneira de entrar ou sair: um arco grande o suficiente para ela passar. O único sinal da entrada da carruagem era uma mancha de fuligem gordurosa no chão. Ela deu um passo em direção ao arco e gritou de dor quando algo apunhalou seu peito do pé.

Levantando a saia, ela olhou para baixo para descobrir que o sapato de cristal em seu pé esquerdo havia quebrado ao meio. O vidro, que estivera desconfortavelmente quente, mas flexível durante o baile, agora estava duro. Seu sapato direito estava faltando inteiramente, e Poppy não conseguia se lembrar onde o havia perdido.

Ela sondou os pés com um dedo cauteloso, mas não havia nenhum sinal da dureza vítrea que afetou Eleanora. O vidro quebrado arranhou seu peito do pé, mas era raso e quase não sangrava. Ela amarrou em uma de suas abundantes camadas de saia de baixo e deslizou as duas metades do sapato de cristal dentro da saia.

Em seguida, Poppy saiu para encontrar A Corley.

— Olá? — Ela gritou com falsa bravata ao passar por meia dúzia de salas de vidro vazias. — Ele propôs... aceitei... eu quero ir agora.

Ela dobrou uma esquina e se encontrou na sala do trono de A Corley. A velha bruxa estava agachada em seu trono como um sapo, os olhos brilhando,

e sua corte silenciosa se reuniu ao redor, observando Poppy enquanto ela tropeçava na sala.

— Bem? — Poppy estendeu os braços, esperando que eles não a amedrontasse ou sua voz tremesse. — Aqui estou. O príncipe Christian propôs. Posso ir agora? Hum, para estar com meu príncipe?

A Corley riu.

— Você acha que eu sou uma tola? — Ela perguntou docemente. — Christian deveria propor casamento a Lady Ella. Mas ele não fez isso. Ele a pediu em *casamento*, Princesa *Poppy*. Você deveria tomar chá na sala de Seadown enquanto Ella sonha com seu casamento. Mas em vez disso, você estragou tudo.

O sangue de Poppy congelou em suas veias.

— Como seus sonhos de ter sua afilhada de volta? — Poppy engasgou. — Eleanora não é Mary Bess, você sabe. Nada pode trazê-la de volta dos mortos.

— Não diga o nome dela! — A Corley tremeu de raiva, saltando de seu trono e avançando para Poppy com as mãos estendidas, os dedos como garras. — Nunca diga o nome dela! Ela era minha! Minha afilhada, minha filha! Ele a roubou durante a noite, levou-a embora para se casar com aquele príncipe mimado!

Poppy deu um passo para trás, mas a Corley não avançou, apenas ficou lá no meio de sua sala do trono com o rosto transfigurado pela loucura e as mãos agarradas a algo invisível.

— Agora eu tenho minha Eleanora. — Ela falou. — Vou dar a ela tudo o que ela quiser: vestidos, joias, um marido bonito, e ela nunca vai me deixar!

Poppy tirou a pistola da saia e apontou para a Corley. Suas mãos tremiam tanto, no entanto, que sabia que seu tiro seria incerto.

— Então me deixe ir. — Ela disse, sua voz pouco mais que um sussurro.

Poppy precisava sair, rápido. Antes que a Corley decidisse matá-la por se passar por Eleanora. Ou pior, queria mantê-la como afilhada substituta. Ela estava tão gelada de terror que suas bochechas pareciam congeladas e não havia uma gota de umidade em sua boca. Mesmo no Palácio Sob a Pedra, ela não se sentira tão assustada ou correndo tanto perigo.

— Você tentou me enganar. — Disse a Corley, com a voz rouca. — Mas eu peguei você. — Ela apontou um dedo nodoso para Poppy. — Então agora vamos jogar um joguinho, para ver qual de vocês ele realmente ama. Se ele escolher você, Eleanora ficará comigo para sempre e você poderá se casar com seu belo príncipe. E se ele a escolher... — A boca da Corley se abriu em um sorriso largo demais. — Então eu terei uma nova afilhada para mimar.

A Corley bateu palmas e dois criados entraram na sala. Caindo entre eles, vestida apenas com uma camisola e com os pés tilintando contra o chão de vidro, estava Eleanora.

— É hora de se refrescar! — A Corley bateu palmas e mais servos apareceram. — Seu príncipe estará aqui em breve!

Capítulo 36

Salvador

Amaldiçoando, Christian viu a carruagem dourada desaparecer nas cinzas, que partiu para longe antes que os cavalos de Thwaite pudessem alcançá-los. Eles passaram pela marca de fuligem nos paralelepípedos duas vezes, apenas para ter certeza, mas nada aconteceu.

O cocheiro finalmente parou os cavalos e Roger ajudou as senhoras a desembarcar. Christian saltou de seu assento e correu para Mansão Seadown. Na cozinha havia uma lareira acesa e a criada que a atendia gritou quando ele agarrou uma chaleira com água e a jogou nas chamas. Ele tossiu quando o vapor subiu em seu rosto, agarrando um atiçador para mexer as cinzas e certificar-se de que nenhuma gota de fogo ainda queimava.

— Vossa Senhoria, Vossa Senhoria. — A criada disse chorando quando seu mestre e patroa entraram. — Eu estava esperando para fazer um chá para vocês, mas então *ele* jogou a chaleira no fogo. — Ela terminou, apontando um dedo indignado para Christian.

— Está tudo bem, minha menina. — Lorde Richard disse gentilmente. — Precisávamos de um pouco de cinza úmida para... remover nossas máscaras. Coladas, você sabe. — Ele bateu na borda de sua máscara, que estava

visivelmente amarrada com uma fita. — Você pode ir para a cama e nós mesmos cuidaremos disso.

A criada da cozinha claramente pensava que seu mestre tinha enlouquecido, mas não estava em posição de discutir com ele. Então ela foi para a cama, com muitos olhares temerosos por cima do ombro.

Assim que ela saiu, Christian olhou para os outros para ver se eles estavam prontos. Roger e Dickon sacaram suas longas adagas e Lorde Richard assentiu. Christian falou a rima e esperou, mas nada aconteceu.

Roger avançou e experimentou, assim como Marianne, Lady Margaret e Dickon.

— Ela nos fechou. — Disse Christian. — E Poppy está presa lá.

— Vou buscar Eleanora. — Disse Roger. — Pode funcionar para ela.

Roger voltou correndo para a cozinha poucos minutos depois, o rosto pálido e o suor brilhando na testa.

— Ela se foi.

Todos ficaram boquiabertos com ele.

— Eleanora se foi, e há fuligem em todo o carpete de seu quarto.

— A Corley. — Lady Margaret ofegou.

— Agora que ela tem as duas, o que ela vai fazer? — Marianne agarrou-se à cintura da mãe e Lady Margaret pôs o braço em volta da filha.

Christian socou as pedras ásperas da lareira, sentindo uma satisfação sombria quando seus nós dos dedos faiscaram de dor e o sangue brotou na pele rachada.

— Deixe-me tentar. — Disse Lorde Richard, com a voz frágil.

— Senhor, por favor. — Disse Christian com gratidão.

— Não direi que é um prazer. — Disse Lorde Richard, com um fantasma de seu humor habitual.

O elegante conde tirou seu lenço e cuspiu nele. Em seguida, ele colocou o quadrado branco sobre as cinzas úmidas na lareira e se ajoelhou ao lado dele.

— *Corley, Senhora, Rainha de Vidro*,

Abra as portas para que eu possa passar.

Imediatamente a ampla lareira se estendeu e se transformou em uma porta em arco. Lorde Richard se virou e ergueu uma sobrancelha para Christian.

— Sua Alteza?

Christian não precisou ser perguntado duas vezes. Com a espada curta agarrada com força, ele caminhou através das cinzas com seus companheiros em seus calcanhares. O chão passou de pedras fuliginosas para vidro, e então o vidro ficou pegajoso, e eles caíram por um buraco no nada.

Capítulo 37

Em dobro

O quarto se encheu de fuligem e cinzas, assustando Eleanora de um cochilo. Ela tinha planejado ficar acordada a noite toda, até que Roger, Poppy e os outros voltassem, mas seus pés estavam tão pesados e ela estava tão exausta de emoção que finalmente adormeceu.

E então *eles* vieram, no meio das cinzas, e a arrebataram da cama. Os servos da Corley eram enormes, mas eles irromperam da lareira tão levemente quanto dançarinos, levantaram-na e voltaram para sua patroa no espaço de um segundo.

— Você achou que eu não saberia? — A Corley perguntou para ela. — Você achou que aquela princesa estrangeira poderia me enganar?

Eleanora se sentiu fraca. Ela não conseguia andar, não conseguia escapar, não conseguia pensar no que fazer a seguir. Eles não tinham nenhum plano real, apenas substituir Eleanora por Poppy e torcer para que houvesse alguma rachadura na armadura de vidro da Corley. Mas não havia nenhuma, e agora Eleanora estava no palácio da madrinha e não tinha como saber se um dia veria Roger ou os outros novamente.

— Não gosto quando minhas afilhadas me desobedecem. — Disse a Corley a ela. — Teremos que ver sobre a sua punição.

— Querida madrinha. — Disse Eleanora com voz tímida. — Eu não queria te chatear. Mas meus pés... eu não conseguia andar! Poppy estava apenas tentando ajudar. — Ela mordeu o lábio, não tendo que fingir sua incerteza. — Você poderia... você vai nos deixar ir agora?

A Corley lançou-lhe um olhar desdenhoso.

— Você me traiu e agora deve pagar o preço. Estou pensando em deixar meu feitiço seguir seu curso e transformar o resto de você em vidro. Você daria um belo acréscimo às estátuas na sala do trono, sua pequena menina desobediente.

Eleanora desmaiou.

Quando ela se recuperou, ainda estava sendo sustentada pelos dois servos, seus pés de vidro duro escorregando contra o chão. Poppy estava lá, pálida como giz e claramente tentando mostrar uma fachada corajosa. Elas foram conduzidas pelo corredor até o camarim onde Eleanora sonhava em se casar com o príncipe Christian e passar a vida dançando em palácios.

Cercada por criados mudos, com a Corley olhando com uma expressão de alegria maliciosa, Eleanora estava vestida com um vestido de seda pavão e plumas exatamente como o de Poppy. Seu cabelo estava penteado com o mesmo penteado elaborado, pinturas aplicadas e, em seguida, uma máscara. O cabelo de Poppy estava arrumado, seu carmim labial renovado e sua máscara apertada no lugar também.

— Estou cansada de estar vestida como outra pessoa. — Disse Eleanora enquanto as duas olhavam para seus reflexos gêmeos no espelho.

Poppy deu uma risada assustada.

— Não se preocupe. — Disse ela. — Quando tudo isso acabar e tivermos vencido, tenho certeza que Roger vai comprar dezenas de vestidos, todos exclusivos.

— Quando ganharmos? — Eleanora estendeu a mão e pegou a mão de Poppy.

— Sim. — A princesa disse com firmeza. — Por volta do amanhecer, eu acho.

— Tão confiante, Vossa Alteza. — Disse a Corley. — Você pode ser uma excelente afilhada também. Talvez eu deva manter vocês duas, não importa o resultado do meu pequeno concurso.

— Concurso? — A nuca de Eleanora formigou.

— Um pouco de exercício, na verdade, para ver se nosso príncipe bonito, porém mimado, consegue reconhecer seu verdadeiro amor.

Ela estalou os dedos e um criado trouxe uma bandeja com duas taças. Ela deu uma para cada garota, e Eleanora trocou um olhar inquieto com Poppy.

— O que é isso? — Elas perguntaram ao mesmo tempo.

— Apenas bebam! — A voz da Corley estava dura.

Poppy encolheu os ombros e ergueu a taça para Eleanora.

Eleanora tentou retribuir a saudação, mas sua mão tremia e ela quase derramou a bebida. Ela engoliu rapidamente, rezando para que não fosse veneno, embora isso dificilmente servisse aos propósitos de Corley.

— Muito melhor. — A Corley sorriu.

Poppy abriu a boca para responder e franziu a testa enquanto seus lábios se moviam, mas nenhum som saiu.

Capítulo 38

O jogo

Christian não sabia onde ele estava. Na verdade, pelo que pareceu muito tempo, ele não sabia *quem* era. Estava deitado em uma superfície fria e lisa, e seus pulsos coçavam. Quando coçou as tiras de lã ásperas em volta dos pulsos, lembrou-se de que seu nome era Christian e que ele era um príncipe.

Sentando-se, ele também lembrou que estava procurando por alguém. Uma princesa. Ela seria sua noiva e ele a perdera em algum lugar aqui neste lugar frio e estranho. Onde ela estava?

— Olá?

Ele olhou ao redor. Estava em uma sala feita de vidro verde. Era redonda e até mesmo o chão curvo, como se estivesse em uma bolha. Havia um arco que saía da bolha e, quando ele deu um passo em sua direção, algo caiu de seu bolso e pousou no chão com um sino.

Olhando para baixo, Christian encontrou um sapato de dança feminino de salto alto, feito de vidro primorosamente fundido em azul, verde e dourado. Ele o pegou, e um breve lampejo de memória lhe disse que pertencia ao seu amor, que o havia perdido entrando em sua carruagem dourada. Ele estava levando para ela agora, e segurou com força para não deixá-lo cair novamente.

— Olá?

Ele carregou o sapato para fora da sala verde, para uma sala vermelha, depois uma laranja. Não havia nada mais aqui além de um longo número de salas silenciosas de vidro redondas? Ele não viu nenhum outro sinal de vida, não ouviu nenhum som além de seus passos e sua respiração.

Olhando ao redor de uma sala rosa pálida, ele pensou ter visto algo brilhando através de uma das paredes. Aproximando-se, pode apenas ver uma figura através do vidro. Não seu próprio reflexo, mas o que parecia ser uma mulher. Ela bateu no vidro, frenética, como se tentasse alcançá-lo.

— Dê um passo para trás, dê um passo para trás! — Ele gritou para ela. Seu coração disparou, era sua noiva, sabia. Christian ergueu o pé e começou a chutar a parede. Ele gostaria de estar usando botas e calças de montaria em vez de sapatos de veludo de formato estranho e túnicas pesadas, mas também não conseguia se lembrar por que estava vestido assim.

Por fim, a parede se estilhaçou e ele ajudou a jovem a passar. Ela estava vestida com calças esvoaçantes e um corpete justo e decotado, e ele fez uma anotação para pedir-lhe que se vestisse com mais recato assim que se casassem.

— É você? — Ele estudou seu rosto, agora se sentindo em dúvida. Ela tinha cabelos escuros, e a imagem difusa em sua mente de sua noiva também era de cabelos escuros. Ele ergueu o sapato. — Isto é seu? Você é ela?

Ambos olharam para os pés dela. Eles estavam nus, e o brilho refletido do piso rosa os fazia parecer perolados e perfeitos.

Christian se ajoelhou e ofereceu a ela o sapato. Ela deslizou o pé para dentro e desceu. Suas sobrancelhas escuras estavam franzidas de concentração.

— Pode ser meu. — Ela disse, e deu um passo.

O sapato escorregou de seu pé e ela tropeçou, prendendo-se na parede lisa e curva.

— Acho que não. — Disse Christian. — Vou continuar procurando.

— Posso me juntar a você? — Seu lábio inferior tremeu. — Acho que também estou procurando alguém e não quero ficar sozinha.

— Claro. — Christian pegou o sapato, pegou o braço dela com a mão livre e, juntos, saíram da sala rosa para uma azul.

Através da parede desta sala, eles viram várias outras pessoas, e Christian e os homens do outro lado conseguiram abrir um grande buraco na parede para que os três estranhos pudessem atravessar. Eles eram um casal de idosos imponentes e um jovem com o peito nu. Christian experimentou o sapato na senhora, embora ela parecesse muito velha para ser sua noiva. Seu pé estreito era muito longo para o sapato, então todos eles deram de ombros e avançaram.

O jovem segurou o braço da garota de calças esvoaçantes, e ela sorriu timidamente para ele de uma forma que deixou Christian com inveja. A garota disse que seu nome era Marianne, e ela parecia relativamente certa de que esse Dickon era a pessoa que ela procurava, mas neste estranho mundo de vidro não havia como ter certeza.

Eles passaram por mais salas, até que encontraram outro jovem, este com uma forte semelhança com Dickon. Ele disse que seu nome era Roger. Roger também procurava uma garota de cabelos escuros que seria sua noiva, o que fez Dickon atrair Marianne ainda mais para perto. Mas Roger olhou em seu rosto e balançou a cabeça.

— Outra pessoa, outra pessoa. — Ele murmurou.

— Eu também. — Disse Christian, brandindo o sapato. — Venha conosco.

Eles chegaram a uma sala de ouro, e Christian sabia que eles estavam no fim.

No meio da sala estavam duas jovens em pequenas cadeiras de vidro dourado. Ambas estavam vestidas da mesma forma em vestidos de baile azul pavão, enfeitadas com plumas de pavão real, e ambas usavam máscaras de penas e tinham cabelos escuros.

— Qual de vocês é minha noiva? — Christian estudou as duas, seu pulso acelerado. Ela estava aqui... uma dessas lindas garotas... mas qual?

Nenhuma delas falou, embora uma delas ergueu a mão e a deixou cair, olhando por cima do ombro para as sombras atrás dela.

— Posso experimentar este sapato em vocês duas? Pertence à minha noiva. — Disse Christian, sem saber o que mais fazer.

— Certamente. — Disse uma voz gentil. As sombras se agitaram e uma mulher gorda com um xale se adiantou. Seu comportamento de avó fez Christian sorrir. A velha riu como vidro tilintando. — Experimente o sapato em ambas jovens, por favor! Caberá apenas no seu verdadeiro amor!

Seu verdadeiro amor! Por fim, ele iria encontrá-la! Ficando de joelhos, Christian estendeu o sapato para a garota da esquerda. Ela ergueu as saias de penas e apresentou o pé descalço.

Christian começou a deslizar o sapato de vidro sobre os dedos dos pés dela, mas então ele hesitou. Havia algo errado com seus pés. Eles brilhavam na penumbra como vidro duro e leitoso. Ele olhou nos olhos dela, uma pergunta em seus lábios.

Seus olhos eram azuis.

Isso também não estava certo.

Ele olhou para a próxima jovem, à sua direita. Ela ergueu a saia para oferecer o pé. Era liso e claro também, mas pele e não vidro. Agarrando o sapato com tanta força que o desenho em filigrana estava deixando sulcos profundos em suas palmas, ele olhou nos olhos dela e viu que eram de um belo

violeta profundo. Ele percebeu que as pulseiras de lã em seus pulsos haviam parado de coçar.

Um suspiro escapou de Christian, e ele calçou o pé de seu verdadeiro amor.

O canto de sua boca se curvou em um sorriso irônico e ela puxou dois cacos de vidro de uma dobra de seu vestido. Ela se abaixou e encaixou as peças quebradas no pé como um quebra-cabeça.

— Obrigada. — Ela disse a Christian. — É tão irritante perder um único sapato.

— Poppy? — O nome veio a seus lábios facilmente.

Ela riu e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Demorou bastante. — Ela disse, e deu um beijo em seus lábios.

— Roger? — A outra garota estendeu os braços para o jovem alto, tentou se levantar e caiu.

Roger correu para pegá-la nos braços.

— Não! Não!

A Corley, as memórias de Christian eram claras como vidro agora, começou a gritar e bater com os pés. As paredes ao redor deles começaram a brilhar mais forte, e Christian puxou Poppy para perto.

— Não! Não!

A velha bruxa parecia inchar e seu rosto estava roxo escuro. Ela gesticulou com dedos em garras e servos vieram correndo com ferramentas estranhas e panelas de vidro fundido.

Ele sentiu um puxão em seu braço e encontrou Marianne lá.

— Vamos. — Ela sussurrou. Seu outro braço estava unido ao de Poppy, e ela estava puxando os dois em direção à porta.

Lady Margaret estava acenando para eles silenciosamente do corredor. Lorde Richard estava ajudando Roger com Eleanora.

— Onde está A Corley? — Os olhos de Marianne estavam arregalados e sua voz parecia estrangulada. Seu aperto no braço de Christian afrouxou e ela agarrou Dickon. — Ela estava bem aqui...

— Corram agora! — A voz de Lorde Richard era baixa e urgente.

No entanto, a Corley moveu através das paredes de sua prisão de vidro palaciano, de forma alguma que Christian poderia detectar. Eles correram por um corredor e se encontraram em uma sala verde redonda que não tinha outra porta que ele pudesse ver.

Eles se viraram para voltar, e a Corley estava lá, um pote de vidro derretido fervendo em suas mãos.

— Este é o meu reino. — Ela sibilou. — E se eu quiser mantê-los aqui para sempre, eu vou!

A Corley derramou o pote de vidro derretido aos pés deles. O chão começou a borbulhar e derreter.

— Mantenham-se afastados! — Christian envolveu um braço em torno de Poppy, que era a mais próxima da Corley.

— Eu não vou ficar aqui! — Poppy gritou, sacudindo-o.

Ela se virou para a parede mais próxima e atirou à queima-roupa com sua pistola. Então ela saltou através da ruína despedaçada, puxando Christian com ela. Eles se encontraram em outra sala redonda, e Poppy usou a coronha de sua pistola para quebrar a parede oposta.

Christian se juntou a ela, batendo nas paredes com o cabo de sua longa adaga. Juntos, eles seguiram em frente por uma série infinita de salas de vidro até que de repente, gritando, Poppy quebrou uma parede de vidro safira e eles se viram caindo no tapete da lareira da sala dos Seadowns. Alguém agarrou

Poppy pelos ombros, e Christian gritou e estendeu a mão para ela enquanto ela se debatia e amaldiçoava.

— Poppy! Pare com isso! Sou eu, Rose!

E Poppy desabou nos braços de sua irmã e começou a chorar.

Capítulo 39

Prometido

Poppy estava mortalmente constrangida por estar chorando na frente de todos, mas eles eram livres da Corley e, Rose e Galen tinha chegado e ela simplesmente não conseguia se conter. Ela jogou os braços em volta da irmã mais velha e chorou como uma criança de três anos até que Rose finalmente a sentou em um sofá e disse-lhe severamente para se acalmar.

— Acabou, não é? — Poppy perguntou, soluçando.

— Claro que acabou. — Rose a acalmou.

— Suponho que algumas explicações podem ser necessárias. — Disse Lorde Richard.

— Com o chá. — Disse Lady Margaret. Ela deu um puxão firme no sino.

Uma empregada colocou a cabeça na sala imediatamente, seu rosto cheio de curiosidade.

— Senhora?

— Chá, sanduíches, bolos, tudo o que a cozinheira puder fornecer. — Disse Lady Margaret.

— Talvez devêssemos começar com as apresentações. — Lorde Richard disse, sorrindo ligeiramente apesar do olhar severo em seus olhos.

Poppy se recompôs e apresentou Rose e Galen, já que ela era a única pessoa na sala que sabia quem eles eram. Isso causou muita empolgação e muitos abraços, pois Lady Margaret e Marianne imediatamente se atiraram em Rose, a quem conheciam apenas por meio de cartas, enquanto Galen apertava as mãos de todos e dava um abraço de quebrar as costelas em Poppy.

Então ela contou a sua versão do que tinha acontecido, sentindo-se bastante exausta no final da narrativa.

Quando ela terminou, Marianne e Eleanora estavam chorando e as criadas trouxeram as bandejas e foram dispensadas. Christian colocou um prato de sanduíches e bolos no colo de Poppy e insistiu com grande preocupação para que ela comesse.

— Eu vou, se você quiser. — Disse ela, e ele se sentou aos pés dela e se serviu de seu próprio prato.

Rose ergueu as sobrancelhas com isso, mas Poppy se recusou a ser alvo de provocação. Não agora, pelo menos.

— Recebemos sua carta, Poppy. — Disse Galen.

— Qual?

Seu rosto de mandíbula forte, falhou com seu divertimento.

— A primeira, eu suponho. E imediatamente pedimos conselhos a Walter. Ele também não gostou do que escutou, nem dos sonhos nem de nenhum de seus sentimentos desconfortáveis.

— Também escrevemos ao príncipe Christian. — Disse Galen, franzindo a testa. — Tentando avisá-lo, porque sabíamos que se fosse a Corley, ela poderia colocar seus olhos em outro príncipe dinamarquês. Mas nunca tivemos uma resposta.

Christian ficou vermelho e murmurou algo sobre Lady Ella e se sentindo um idiota.

Galen deu a ele um olhar avaliador friamente e então olhou para Poppy. Ela se sentiu corar e ergueu o queixo.

— Meus pés! — Eleanora se sentou ereta e levantou a saia até os joelhos. — Meus pés!

O coração de Poppy balançou, e ela se perguntou se os pés de vidro da outra garota haviam rachado ou algo igualmente horrível. Então ela viu que Eleanora estava sorrindo e mexendo os dedos dos pés.

— Eles estão curados. — Ela soluçou. — Isso significa... estou... estamos todos livres da Corley? — Com uma das mãos ela acariciava os pés e com a outra agarrava Roger como se estivesse se afogando.

Poppy sentiu uma pontada de ciúme com a emoção crua no rosto normalmente reservado de Roger. Então sentiu o peso da cabeça de Christian em seu próprio joelho e acariciou seus cabelos.

— Sim. — Disse Galen. — Você está livre da Corley. Todas as barganhas que foram feitas com ela foram anuladas. Walter e eu consultaremos alguns dos magos bretões para fazer o que pudermos para selá-la em seu reino para sempre.

— O que significa, minha querida, que ninguém pode me impedir de lhe dar um lar. — Disse Lorde Richard a Eleanora. Ele também percebeu sua proximidade contínua com Roger. — E embora isso vá fazer pouco para reparar o dano que eu fiz à sua família, Eleanora, eu ficaria mais do que satisfeito em lhe presentear com um dote.

— E o dote de Marianne? — Dickon Thwaite segurou a mão de Marianne.

Lorde Richard olhou para ele de cima a baixo.

— Depois da maneira excessivamente familiar com que você tem se comportado com minha filha, especialmente desde que ela vestiu aquela

fantasia *altamente inadequada* esta noite, espero que você faça a proposta de casamento, mesmo que o dote dela seja um sapato velho!

— Sim, senhor. — Disse Dickon timidamente.

— Com quem devo falar sobre Poppy? — Christian olhou de Lorde Richard para Galen e depois para Rose.

Poppy parou de acariciar seu cabelo.

— Com quem você fala sobre o quê? — Ela não tinha certeza de por que sua voz saiu tão aguda, mas não se preocupou em se desculpar.

Rindo, Rose beliscou o braço de Poppy.

— Ai! Rose, pare com isso!

— Estou muito ansiosa para que o resto de suas cartas chegue até nós. — Disse Rose maliciosamente. — Mas enquanto isso, príncipe Christian, provavelmente deveríamos enviar uma carta aos nossos pais. Reis gostam de se envolver nesse tipo de coisa.

— Que tipo de coisa? — Mais uma vez, a voz de Poppy saiu estridente. Eles estavam realmente falando sobre...? Ela tinha apenas dezesseis anos! Mas Christian... Bem, ele a escolheu em vez de Eleanora, mesmo sob o encantamento da Corley.

— Somos os futuros governantes de Westfalin. — Galen disse a Rose, claramente gostando da confusão de Poppy. — Podemos fazer alguns arranjos nós mesmos, Rosie.

— Na verdade, gostaria de ter a chance de planejar um cenário mais romântico para o pedido de casamento. — Disse Christian.

— Sim! Não! — Poppy sabia que seu rosto estava tão vermelho que provavelmente estava brilhando.

— Não? — Christian se virou e ficou de joelhos para olhar para ela. — Quer dizer que você não quer?

— Tenho apenas dezesseis anos... quase não nos conhecemos!

O rosto de Christian turvou-se e Poppy sentiu seu coração bater em seus pés.

— Você sempre pode me perguntar. Quero dizer…

Sua expressão clareou.

— Princesa Poppy, gostaria de visitar Danelaw nas férias?

— Sim! Eu gostaria! Eu vou! — Poppy o abraçou e depois saltou para trás, envergonhada. — Você poderia me pedir em casamento mais tarde, em um ambiente mais privado. — Disse ela. — Só para ver se as coisas mudam. — Disse ela. — Além disso, eu preciso descansar meus pés. Noivados e casamentos sempre envolvem muita dança.

O resto da sala olhou em choque.

— Dançando? Você, Poppy? — Marianne balançou a cabeça lentamente. — Eu nunca pensei…

Rose parecia preocupada. Ela até sentiu a testa de Poppy para ver se estava com febre, mas Poppy a afastou.

— Eu não sei sobre você, Rose, mas eu estou cansada de deixar criaturas como o Rei Sob a Pedra ou a Corley ditarem minha vida. Eu gosto de dançar e vou dançar muito bem no meu casamento!

— Poppy! Linguagem!

Poppy não respondeu, ela apenas jogou os braços ao redor de Christian e o beijou profundamente.

[1] Telescópio, o registro mais antigo de um telescópio foi uma patente de 1608 submetida ao governo da Holanda pelo fabricante de óculos de Middelburg, Hans Lippershey, para um telescópio refrator.
[2] Dickon é um nome próprio masculino inglês. O nome "Dickon" é derivado do antigo nome inglês para Richard. Ao contrário de Richard, Dickon raramente é abreviado para Dick ou Dickie, pois já é comumente considerado uma forma abreviada do mesmo nome.
[3] Greaves, uma peça de armadura usada para proteger a perna.
[4] Frau, (Senhora) *Alemão* - uma mulher casada, uma esposa. O título convencional alemão de respeito e tratamento para uma mulher casada, correspondendo à *Sra.*
[5] Um wallflower é alguém com um tipo de personalidade introvertida (ou em casos mais extremos, ansiedade social) que vai a festas e reuniões sociais, mas geralmente se distancia da multidão e evita ativamente ser o centro das atenções.
[6] Entrechat - origem francês, do italiano (capriola) intrecciata “complicado (caper)” passo do balé, um salto vertical durante o qual o dançarino cruza repetidamente os pés e os bate.
[7] Pavene, uma dança imponente em tempo lento, popular nos séculos 16 e 17.
[8] Teixo, é um nome comum dado a várias espécies de árvores.
[9] Rosa Papoula.
[10] Rosa Margarida.
[11] Florete, uma espada fina e leve de ponta afiada usada para golpes.
[12] Carretel, é um tipo de dança folclórica, bem como o tipo de melodia de dança que o acompanha. De origem escocesa ou irlandesa.
[13] Beladona, uma planta aparentada com a batata, normalmente com bagas pretas ou vermelhas venenosas. Vários tipos de beladona têm sido usados na produção de medicamentos fitoterápicos.
[14] Um queimador de álcool ou lamparina a álcool é um equipamento de laboratório usado para produzir uma chama aberta. Pode ser feito de latão, vidro, aço inoxidável ou alumínio.
[15] É uma gíria que vem do inglês americano, que tem o significado de "cara", muito usado em alguns memes.
[16] Jig, uma dança animada com movimentos saltitantes.
[17] Pendente de gelo ou sincelo ou pingente de gelo, um pedaço de gelo pendurado e afilado formado pelo congelamento de água pingando.
[18] Entrechat é o verbo francês do particípio passado que significa “entrelaçado”. Todo “entrechat” segue uma numeração: trois, quatre, cinq, six
[19] O gigue é uma dança animada barroca, originária do Inglês jig. Foi importado pela França de meados do século 17.